

MARIA HELENA DE AMORIM ROMACHELI

HISTÓRIA DE JARAGUÁ





MARIA HELENA

Maria Helena de Amorim Bornacheli - nasceu em Jaraguá em 18-08-1950, filha de Antônio Fernandes de Amorim e Josemaria Rodrigues de Amorim, casada com Laércio Bornacheli e mãe de Angelica, Neruza, Regina e Leonardo, todos estudando também Amorim Bornacheli. Aos 15 anos foi para o Paraná onde estudou Matemática na U.F.P.R., casou e tiveram primeira filha.

Ali, juntamente com seu marido, também mononômico, com duas bolsas do CePQ na mata, prepararamo-nos para fazeremos pós graduação inconclusa de 2 anos no Instituto de Matemática Pura Avançada - I.M.P.A. no Rio de

ERRATA

- FOI está na 11ª linha na outra do livro, 18-04, PUE
- DENTE está na pag. 10, linha 25, R-se DENTRE.
- ERA está na pag. 16, linha 31, R-se, ERAL.
- 1931 está na pag. 67, linha 23, R-se 1791.
- GOLÁS está na pag. 98, linha 3, R-se GOYÁS.
- ABITANTES pag. 131, está como no documento original, assim como muitas outras palavras em negrito.
- Alguma 3. 18m crase.
- Informação importante que foi deixada na pag. 46
- Linha 24: "E HOJE TEM 2880
- MABITANTES EM TODO SEU MUNICÍPIO E
- 2180 ELEITORES. (MUITOS ELEITORES
- VIEM DE OUTRAS REGIÕES)."

HISTÓRIA
DE
JARAGUÁ

Copyright © 1988 by Editora Imprensa de Aracaju
Capes
Programação Visual: Marcos C. Diguass
Reimpressão

Edição Aracaju - 5000 651177 - Rua 19 nº 100
Setor Municipal de Ensino - 21.000-000
Aracaju 1982 211-1018 - Fax 262-2111278

CIP - Birell - Catalogação na Fonte
BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL FID VARGAS

01460

Revista: Maria Helena de Azevedo 1950-
Instituto de Jorjãria : Maria Helena de
Azevedo - Rio de Janeiro - Galvão 15. v. 1. 36 A.
Romaneiros 1958.
p. 37

ISSN 00000000 1-5

1. Jorjãria (COP) - História. I. T. 13.2

CDD 841 73

Inclui o catálogo suplementar
CDD-841 73

COORDENADOR: FID VARGAS
FID VARGAS
1988

AGRADECIMENTOS

Dedico esta obra a minha esposa
Dona Jurema Rodrigues de
Azevedo, grande incentivadora,
e aos amigos e até mesmo
quero dizer, ao pessoal que
ajudou em todos os momentos
neste trabalho e principalmente
ao meu Deus que me dá forças

RESUMO DA VASTA HISTÓRIA DE JARAGUÁ

Dede o descobrimento do Brasil, quando Pedro Álvares Cabral aportou, com apenas doze de seus treze navios, (um deles havia desaparecido no mar), após viajar 33 dias, atravessando o Oceano Atlântico, (este lugar fica ao sul de onde hoje está a cidade de Salvador na Bahia), que D. Manoel I se preocupava em como garantir o monopólio mercantil na nova terra e, a colônia seria, povoar a colônia definitivamente.

O descobrimento em música

"O almirante Português, Pedro Álvares Cabral,
No ano de 1500, saiu de Portugal,
Com 13 barcos veleiros, do Rio Tejo pro mar.
Para nos Índias distantes, especiarias comprar.
Mas D. Manoel I Rei Venturoso chamou-o,
Aconselhou a Cabral, mudar de rota um bocadinho,
Para evitar cabanas, para subir também,
Se havia como diziam, terra nas bandas do além.
Navegaram vários dias, viram um monte afinal
Que por ser tempo de Páscoa, chamaram-no Monte Pascoal.
E assim, numa quarta-feira, dia 22 de abril,
Foi descoberto afinal, o nosso amado Brasil."

Música de autor desconhecido, que era usada no Colégio N. Sr. de Monte Claro (1ª escola particular de Jaraguá, de maternal a 2ª grau - 1977), para ensinar aos mais pequenos, a História do Brasil.

Em 1530, D. João III, já sucessor de D. Manoel I ao trono de Portugal, enviou para este fim o intrépido jovem de 20 anos, Martin Afonso de Souza, homem solteiro, administrador eficiente e leal ao rei, ao qual entregou poderes nunca antes conferidos a qualquer pessoa.

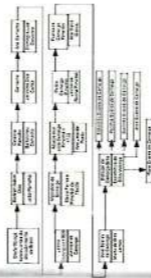
Veio com 400 pessoas e chegou no litoral pernambucano; duas naus foram explorar o litoral do Maranhão enquanto o restante seguiu para o sul. Na Bahia ficaram dois homens e muita semente. No Rio de Janeiro, foi construída uma casa forte enquanto um grupo ia explorar o interior.

A frota prosseguiu rumo ao Rio da Prata, não acharam nenhum sinal de metais preciosos e voltaram, chegando no litoral paulista a 20-01-1532. Ali começou a sua obra colonizadora, na Ilha de São Vicente, onde ancoraram. Ergueram ali um forte, lançando as bases da primeira vila brasileira, depois construíram a igreja, a cadeia, a casa de conselho, a sede administrativa.

Das muitas expedições vindas anteriormente ao Brasil, algumas naufragaram, desaparecendo nos mares profundos, muitos mortos e sobreviventes deliravam, resultando também alguns sobreviventes que conseguiram nadar até a praia, sendo às vezes capturados por índios canibais, como nos relatam alguns historiadores e muitas vezes levados como amigo para a tribo. Assim foi a história de um naufrago que se tornou líder da tribo que o acolheu, ensinou tudo que sabia para facilitar a vida daqueles selvagens, casou-se com Burtina, a filha do chefe I'ribicá dos índios Guaranis, deu-lhe o nome cristão de Isabel Dias e com ela teve um grande prole.

Esse personagem foi encontrado por Martin Afonso de Souza, quando navegava pelo interior atravessando a Serra do Mar, indo ter no planalto paulista e teve nele um grande amigo, foi recebido com festa e alegria, colocando todos seus irmãos índios para ajudarem na construção da segunda vila brasileira, a Vila de Piratininga (hoje Santo André da Borda do Campo). De João Ramalho e Burtina

descendentes várias famílias jaraquenses. Uma de sua família, a do sr. João de Córrego de Jaraguá, duzentos e oito anos depois na pessoa de Baltazar de Camargo Brito que casou com a jaraquense Maria Escolástica da Silva Valença Barros cujos filhos Sebastião Soares de Camargo, Pacifica Soares de Camargo, José Soares de Camargo, Custódio Soares de Camargo e Flora Soares de Camargo, geraram as atuais famílias Camargo, Anzolin - Freitas, Barros, Elias Campos, Soares, Silva Valença, Farias e outros mais. A chegada de Baltazar de Camargo Brito, coincidiu com o fim do período doatado de nossa terra que contava com quase um século de existência, em já o ano de 1800.



Das filhas de Baltazar e Escolástica, descendem quase todo Jaraquense.

Além destas duas vilas criadas por Martin Afonso de Souza, criou também o primeiro engenho, início da produção açucareira, com ele São Vicente progrediu sensivelmente, já com estruturas básicas de administração, nomeado capitães, oficiais de justiça, tabelães e nossos primeiros burocratas. Era o nascimento do Brasil, já submercido às veis portuguesas.

Outras Vilas surgiram, como Santos em 1536,

Martim Afonso de Sousa voltou a Portugal sem notícias de ouro. D. João III sentiu mesmo assim a necessidade de continuar colonizando a terra, por causa das invasões estrangeiras, levando o pau-brasil que era a única riqueza descoberta. Entretanto não queria comprometer muito o orçamento já muito comprometido com os custos do império asiático. A solução seria atrair particulares que recebendo doações de grandes terras, se sentissem no interesse de desenvolver a colônia e defendê-las dos corsários invasores.

Ficaram então criadas quatorze capituladas hereditárias em 1534, destas apenas quatro tiveram relativo sucesso, a de Porto Seguro porque o contato com os nativos era amistoso, a de Ilhéus porque teve forte patrocinador florentino, Lucas Gízaras, a de São Vicente de propriedade de Duarte Coelho, cujo êxito esteve ligado à implantação da agroindústria do açúcar que já em 1548, ali viviam 600 habitantes europeus e 300 escravos indígenas que trabalhavam nos canaviais e mezinhas.

Dado o fracasso de tantas capituladas, o rei de Portugal criou então o primeiro Governo Geral em 1548 porque o açúcar brasileiro era atraente ao povo europeu e investimentos se faziam necessários, já que São Vicente e Pernambuco tornavam o Brasil, uma colônia mais valiosa a cada dia.

Nomeou Tomé de Souza como primeiro governador Geral do Brasil e deveria povoar a Baía e lá chegou em abril de 1549, com quase mil pessoas, dentre elas, seis jesuítas comandados pelo Padre Manoel da Nóbrega, só em 1553 veio o jesuíta alcega do corpo e gigante nas obras, Padre José de Anchieta e começaram a construção da primeira capital do Brasil juntamente com outro núfregio português aqui encontrado com os índios, Diogo Álvares Correia, o Camamu estado em 1530 com a índia Paraguaçu e que já havia muito ajudado o donatário da Capitania da Bahia e continuou ajudando Tomé de Souza que desenvolveu a indústria açucareira, mas foi infrutífera a procura de metais preciosos.

Manoel da Nóbrega ficou com o comando jesuítico da Bahia e enviou José de Anchieta a ir para São Vicente em Piratininga, fundar um colégio de jesuítas, pobre e humilde, que foi a origem da cidade de São Paulo.

Anchieta aprendeu a língua Tupi e até escreveu a sua gramática, a língua mais falada na costa brasileira.

Alguns índios que se tornaram amigos dos invasores franceses aos poucos foram sendo conquistados pelos jesuítas e dissolveram a Confederação dos Turcois que apoiava os franceses contra os portugueses. Os franceses foram expulsos e Anchieta se instalou na recém criada por Estácio de Sá, já em 1565, cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Enquanto a indústria açucareira produzia muito no nordeste do Brasil, o mesmo não acontecia na região de São Paulo, o solo não era muito propício a canaviais, a economia se estagnava, alguma coisa precisava ser feita, partiram para a conquista do Índio para serem explorados como escravos e foi um negócio muito lucrativo, atacavam tribos indígenas e por que não as missões jesuíticas onde o nativo já estava domesticado e já sabiam trabalhar, os jesuítas começaram a fugir mais para o interior juntamente com seus entouzinhos. Várias bandeiras foram organizadas neste sentido, o governo fazia 'visita grossa' frente a selvagens escravido.

Em 1606, Mascote Preto e Belchior Dias Carneiro deram início as mais sangrentas invasões ao sul do Brasil que foram seguidos por várias outras, a ponto da Vila de São Paulo ser uma vila de mulheres e velhos já que todos os demais estavam pelos serões, dezetas de escravos traziam índios e os vendiam. Este tipo de bandeirantismo chamado de apresamento, teve sua fase áurea de 1628 a 1638.

Os jesuítas fugiram com suas missões cada vez mais para o interior e não tinham sempre seus agressores, a linha do Tratado de Tordesilhas foi sendo empurrada por este movimento e a América espanhola estava diminuindo, foi aí que a Espanha, em 1640, resolveu fornecer armas para os índios das missões, num pedido

desesperado dos jesuítas da Companhia de Jesus, até que em 1759, estes jesuítas foram totalmente expulsos do Brasil (uma injustiça irreparável) e de Portugal, pelo Marquês de Pombal, sob alegação de serem contrários aos interesses da metrópole.

SEQUÊNCIA EM PORTUGAL.

- (1383) - Ascensão da Dinastia de Avis. D. João I foi o fundador e filho bastardo de D. Pedro I (de Portugal)
- (1385) - Extinção da Dinastia de Borgonha
Infante D. Henrique filho de D. João I.
- (1433 - 1438) - D. Duarte
(1438 - 1481) - D. Afonso V
(1481 - 1495) - D. João II
(1495 - 1521) - D. Manuel I o Venturoso, quando se descobriu o Brasil.
- (1521 - 1557) - D. João III, deu início a colonização do Brasil.
(1557 - 1578) - D. Sebastião
(1578 - 1580) - D. Henrique tio avô de D. Sebastião e era sobeiro, sem sucessor.
- (1580 - 1598) - D. Felipe I que também era rei da Espanha como Felipe II, seu filho D. Felipe II e III da Espanha e seu neto D. Felipe III e IV da Espanha governaram Portugal e então sequer foram lá, os portugueses revoltados colocam no poder
- (1640 - 1656) - D. João IV da casa de Bragança 1640 a 1910 sua filha casou com Carlos II
- (1656 - 1683) - D. Afonso IV louco irmão de;
- (1683 - 1706) - D. Pedro II ficou com o trono e com a cunhada.
(1706 - 1750) - D. João V
(1750 - 1777) - D. José que na realidade quem governava era seu 1º Ministro, o alcaide Marquês de Pombal, que entre muitas arbitrariedades, expulsou os jesuítas.
- (1777 - 1816) - D. Maria I, deu-se o retorno dos jesuítas.
(1779 - 1826) - D. João VI, primeiro como Príncipe Regente (nesse

mesmo ano Napoleão Bonaparte assume o Governo da França, veio para o Brasil e aqui se instalou em 1808-1821

(1831 - 1834) - D Pedro I do Brasil passou a ser D. Pedro IV em Portugal, abdicou em favor de sua filha Maria da Glória que casou com D. Miguel e no Brasil abdicou em favor de seu filho D. Pedro II

- (1834 - 1853) - D. Maria da Glória como D. Maria II
(1553 - 1561) - D. Pedro V
(1861 - 1889) - D. Leiz
(1889 - 1908) - D. Carlos I
(1908 - 1910) - D. Manoel II

Dai se implanta a República em Portugal, com Joaquim Teófilo Braga no Governo Provisório.

Em 1580 foi efetivada a União Ibérica. Felipe II da Espanha era o sucessor de D. Henrique, por parentesco, em 1640 Portugal retomou sua soberania entregando a coroa ao Duque de Bragança. A Espanha não aceita pacificamente e D. João IV teve que confirmar esta soberania nos campos de batalha e se uniu a tradicionais intuições da Espanha, Inglaterra, França e Holanda. Esta luta durou até 1688 quando foi reconhecida a independência de Portugal, a esta altura D. João IV já havia morrido, D. Afonso IV e D. Pedro (não confundir com o nosso D. Pedro II) garantiram a continuidade da nova dinastia que reinou em Portugal até 1910 quando foi proclamada a república de Portugal.

Portugal como não podia deixar de ser, pagou alto a ajuda recebida dos outros países dando grandes vantagens, principalmente à Inglaterra aqui no Brasil. O açúcar já era produzido nas possessões holandesas com mais tecnologia, tornando-a mais barata em prejuízo do açúcar brasileiro, ainda mais; Portugal diminuiu a autonomia das colônias criando em 1696, os juizes de fora, magistrados nomeados pela coroa que passaram a presidir as câmaras municipais em substituição aos nossos juizes ordinários eleitos pelos honras de destaque na sociedade local.

Enquanto isto, no interior do Brasil, os índios estavam armados desde 1640 pela Espanha, tornando difícil sua captura, era necessário procurá-los em terras mais longínquas, na região central e é nessa empreitada que vamos conhecer Bartolomeu Bueno da Silva natural da Vila da Paratiba, São Paulo.

Filho de Francisco Bueno, falecido em 1638 e de Felipa Vaz. Sua única irmã Ana de Serqueira foi casada com Jerônimo de Camargo, filho de Jusepe de Camargo, sevilliano e de Leonor Domingues descendente de João Ramalho, genearca das várias famílias já citadas de Janguiá.

Bartolomeu Bueno foi notável sertanista que em 1682 penetrou com numerosa bandeira até às terras dos anisiosos índios Goyá e vendo os ênfites das índias em folhetas de ouro quis ver onde eram as minas e os nativos se negaram a mostrar, foi aí que tomou de uma cota de aguardente, acou fogo a ela e dizendo que era água amesquou queimar também as águas dos rios, os índígenas índios tomados de medo levaram-no ao local e o apelidaram de Diabo Velho, na sua língua, Anhanguera. Havia levado consigo nesta jornada, dentre outros, o seu filho de 12 anos com o mesmo nome do pai, Bartolomeu Bueno da Silva e que mais tarde herdara orgulhosamente o apelido também, seria o 2º Anhanguern. Levaram ouro com a certeza de voltar e buscar mais, com eles nasceu também a lenda da Serra dos Marférios que segundo eles tinha o formato da coroa e cravos do martírio de Cristo e que reluzia ao sol, voltariam para explorá-la. Durante o trajeto de volta capturaram tanto índios que dava para povoa uma vila. Êxito total, riquezas sem fim.

Bartolomeu Bueno da Silva em cessado com Isabel Cardoso e teve com ela:

- 1) Francisca Cardoso
- 2) João Bueno da Silva
- 3) Antônio Bueno da Silva
- 4) Maria Pires
- 5) Simão Bueno da Silva

- 6) Ana Bueno Cardoso
- 7) Luzia Bueno
- 8) Bartolomeu Bueno da Silva
- 9) Isabel Caróso

Bartolomeu logo faleceu deixando a família em muito boa situação mas sem ter as terras do ouro, levou consigo o segredo do local da Serra dos Marférios e morreu com ele o sonho de muitos pois julgavam ser a Serra, todinha de ouro. Aventureiros entravam pelo sertão a sua procura mas em vão, atingiam a encosta. Apenas aquela criança de 12 anos poderia saber onde era o local mas era apenas uma criança.

Os anos se passaram, o pau Brasil escasseava, o açúcar perdeu para vianagens, o bandeirantismo de apresamento já não era fundamental, restava a descoberta de metais preciosos, muito interessante foi dito pela coroa portuguesa a quem se propusesse sair a sua procura, assim muitas pedras preciosas foram achadas na região de Minas Gerais já no fim do século dezesseite, como reconhecemos em 1709 uma carta régia cria a capitania de Minas do Ouro e a capitania de São Paulo e em 1720 Minas fica autónoma.

A empolgação geral com os novos achados fez com que bandeirantes saíssem por todos os lados.

Na região de São Paulo só se achou ouro no Pico do Jaraguá, era ouro no próprio cascalho, chamado de ouro de garimpa mas de pouca quantidade. Apesar da insignificância deste achado, os paulistas puderam conhecer o grãndilo do rei através das recompensas e glórias que foi distribuída aos descobridores deste ouro, como por exemplo, Manoel da Silva Velho, ganhou o título de provedor dos quintos de Taubaté e o cargo de Capitão-mor, com alto salário.

Em 1717, desceendo pelo Rio Tietê, e subindo eutros chegaram ao Rio Cuiabá onde acharam mais ouro do que havia nas minas do Rei Saltoemão. Dizem que quando falava clumbo para as baías, usavam pepitas.

já em época de investirem na procura da Serra dos Marfins quem melhor que o segundo Anhangum? agora 40 annos mais velho. Será que selearia os rastos de seu pai? perguntas que só poderiam ser respondida se tentassem.

O Governador de São Paulo, Capitão General Rodrigo César de Menezes ofereceu vantagens públicas e financeiras, deu-lhe 20 escravos logo de início para ajudá-lo mas impôs uma condição, que levasse também os emboabas (portugueses que estiveram em luta contra os paulistas porque queriam direitos sobre as minas achadas e que saíram vitoriosos sobre elles porque tinham o apoio completo do rei D. João V), Bartolomeu contrariado, teve que "engolir-lhes" frente ás inúmeras vantagens.

As vantagens seriam: direito ás passagens dos rios durante três gerações, os cargos de superintendente das minas para Bartolomeu Bueno, guarda mor a Ortiz e escrivão a Antonio Ferrás Araújo.

A 14-02-1720 o rei respondeu concordando com as exigências e dando-lhe um regimento de 14 arriagos e delegou ao governador de São Paulo, a assinatura do contrato, Bartolomeu Paiz, irmão de Ortiz e grande incentivador, ficou em São Paulo como procurador delees ante as autoridades.

Associou-se ao seu rico genro João Leite da Silva Ortiz, que hoje tem seu nome no Comércio João Leite perto de Goiânia, que financiou a expedição, ao seu cunhado Manoel Pereira Calhazano, seu sobrinho Antonio Ferrás Araújo, Domingos Rodrigues do Prado seu genro, os irmãos José Alves e Francisco Carvalho, Manoel de Oliveira, João da Mata, Urbano do Couto, um dos primeiros moradores de Jaraguá e outros no total de quase 200 pessoas entre elles três sacerdotes, Dr. Antonio da Conceição, Frei Cosme de Santo André, Frei Luiz de Santa Ana, 20 índios 152 armas, 39 cavalos.

Dos brancos quase todos era portugueses emboabas, 5 ou 6 paulistas com seus escravos e suas traças.

Roteiro feito pelo português José Peixoto da Silva Braga. (portanto, um emboabo).

"Está de saída de São Paulo a 2-07-1722, em companhia do Capitão Bartolomeu Bueno da Silva, e Anhanguma de alcorno que era o chefe da tropa, com trinta e nove cavalos, dois religiosos brancos, Fr. Bento da Silva André e cento e cinquenta e duas armas entre as quais haem trinta e seis índios, que o Sr. Rodrigo César, general que está em de São Paulo, deu ao cabo Bartolomeu para condução das cargas e necessarias. Dos brancos, quiza todos sean filhos de Portugal, um da Bahia e cinco ou seis paulistas com os seus índios e mulheres e todos os seus vaia.

2 - Passada o Sr. Thomez fizesse passar antes de já ao alto de Sorday quatro leguas distantes da cidade de São Paulo. Se marcha seguinte entramos ao matto e chegamos nella quatro dias.

Saída do matto passamos o Rio Pirajá que é Rio de águas, muito peiza tem e dá mostra de ouro mas com pouco conta. Logo ficamos um dia e no seguinte, marchamos sempre ao norte e damos com um rio também da mesma e que passamos e nome de e mais passamos esta noite. O caminho todo sempre com algumas capões, bens pastos e bastante água.

3 - O dia seguinte passamos por um rio em um vale com água pelo meio e fizesse passar no meio do campo, distante três ou quatro leguas.

4 - O dia todo bem caminha, bens pastos e muito caça e tem algumas cêrcegas com bastante peiza. Quize ponto fizesse dar em distribua de quatro leguas junto ao cêrcega que junta com os demais no Rio Grande.

Quize passamos no outro dia a fazer pouco nas margens de um rio, que passamos na manhã seguinte accozadas a uma pouca e passos com as elpeas para vencermos a muita violência e grande força de água com que corria.

5 - Neste ponto ficamos um dia, sendo a causa a requirer toda tropa ao Anhangum e fizesse a mesma que lhe tinha prometido antes fizesse ao Pirajá e que tinha já fahado. Chegamos ao rio com a promessa de que em chegados o Capitão João Leite da Silva Ortiz, seu genro, que nos tinha fahado atrás e era o cortez descobridor, feris, e, caso que esta não chegasse a tempo competente, e fazia elle o cabo no Rio Grande.

6 - Com esta esperanza marchou toda a tropa esta os três dias, sempre nos campos e matto e chegamos e passamos sempre à buira das cêrcegas e rios:

não felizam em todas ellas coiza e peiza. Deste ultimo ponto fomos ao Rio Grande, passando em canoas feitas de pau de esmumera, depois de dormirmos e folharmos nelle dois dias, esperando que nos fizesse a cachaça pro-metida, mas fallou-nos como sempre o Anhangüera, partiu desta alio, todo tropo ainda juntos mas já desconfiada e foi dormir dilatada de quatro léguas junto a um córrego que denigou no Rio Grande. Aquel nos começo fallar encantamento, e assim nos foi preciso machar cinco dias, passando com o que dava a espigotado, pilasares, macacas palmito e algum mel.

6 - Foi fim destes cinco dias chégamos no Rio das Uelhas, que extra no Rio Grande e é caudaloso, tem boentos pelas mas sem recorta da ouza. Folharmos nelle dois dias pensando e esperando por ter aqui boas mattoas para provimento da viagem. Aquel nos delivou o Anhangüera adiantando-as com parte da tropa, ficando a mala, expellido-as para o seguir. Nesta tempo e acento já o cabo, citeguo Goba Laito com a sua gente, por ciza cruzas fallarmos nella este dia.

Neste dia seguíste seguimos com Goba Laito, o Anhangüera e depois de quatro dias de marcha o chahanes, rancho foltoz entre o matto: passamos no caminho alguns córregos que nos permitim e volto-los por ser tempo de secca.

6 - Chegada a tropa com o cabo lhe pediu Goba Laito que lhe fizesse a mesma promessa tantas vezes, não só em Goba Laito mas no estrão porque havia desconfiado e tamto se molestasse por esta causa a esperosa que ambas tinham ofendido, não só ao General Ruydiga Gases, mas ao mesmo soberano. Respondou que a resposta era escusada, porque os emboabas, assim chamam nos índios, não era gente que lhe merecassa. Com esta resposta, desconfiado não só os emboabas mas, ainda, os poucos paulistas que nos acompanhavam determinaram volto-los logo para Goba Laito mas escudado a lito, Goba Laito os obrigou com regras e com promessas e milto felizo com o seu natural agrado, e que e não desamparasse.

7 - Chegada a tropa, se pôe em marcha, depois de quinze dias de falta, que se gontaram mattoas desconfias, como tambem em fazer algum provimento de que permitia o matto, como estas não erroz maltes e nem todos tinham que lhe expasse, obrigou alguns a meterem e a conterem um cavallelo que tinha quebrado a perna e eu fui um das que nos aproveitamos delle.

Aquel quizeram folhar mais alguns dias por antezarem já no agua e tener nos rios e córregos, mas a falta do matto e das alio e seccas e o preço pro e sustento-Ruydiga o cabo e morchar em dois dias emboabias de quem era o voto. Seguiu a tropa e fomos dormir neste dia junto de um córrego que tinha alguns palmas e melhores pratas e bastante matto. Aquel não confiamos de tudo, persuadidos que o Anhangüera nos queria sebor no matto daquelles mattoas e alguns boaves que se guarda ficou, lampada roça e plantando algum pouco de prata da milha que tinham aliado para o sustento; mas o Capitão Goba Laito os tornou de novo a solimar e debruto e que passassem avanta, como passaram.

8 - Passado alguns dias de marchas, e nelle alguns rios e córregos e nesto trabalho e patigo por serem as águas muitas e malto a fimo nos fomos arranchar parte do Rio Grande que é um rio caudaloso, tem bastante peizo, boas pratas, muito matto. Passado este rio em umas poucas canoas, as que ficaram do escazo de árvores, fomos dormir na outra banda do rio, que nos hospedeu toda a noite com uma formosa trovada que durou até a manhã seguinte com tanta água que não nos deu a fazer ranchos e por isso me valli de uma telha que tinha comigo. Do Rio Grande dissemos dois dias de viagem, se delivou ficar Fiel António, com fimo de fazer essa com duas regias, um sobrinho e um milto com outros bracos paulistas que consiga tinha. Sentiu toda tropa aquella noite a falta do dito milto, deu-se parte ao Anhangüera, mandou-o ajeitar e parandar a que voltasse e mandou chazeo adiante. Nos teve por resposta, que vista a fidelidade que Goba Laito tinha usado com todos, foltoz a tudo que lhes tinha promettido em G. Paulo, lhe não era possível o poder-se accompanhar; que era determinado plantar algum milto, em que se puzesse receber a promessa.

9 - Desenganado o Anhangüera marchou com a milto tropa e chegou a todo tempo ao norte. Passaram de cento e tantas léguas as que andaram a este rumo, se milto matto que o que dava o matto a esse pouco. Nesta dia lhe fugiram ao cabo dois índios eses, publicamos primeiros a todos que fomos errados porque os fugidos nos ficaram já estrão. Deste indio foram apodados depois de algumas dias apenas três, que trouzemos pouco Goba Laito que se expelliu a bussel-os com dois esgros e quanto bracos trouzemos tambem nesta volta consigo. Fiel António, que nos ficara distante parte de

oírenta léguas; mas que ainda veio Frei Britão deo per lous desamparou a sua roça porque deixou acó o sobrinho com quase três os negros. Jests occasio deo em umas grandes chapadas (presumem os estudiosos no assuato, ser a roçã de Brésilia) feita de todo o necessário, com muitas sem melancias, e assim com bastante cêrrega em que havia algum peixe, docedões, trêzes e upebas que foram todos nosso remédio, achamos também algum poimão das que chamam jaguacoba, que comemos assada e aliud é amargoso, suante mais que as malis. Aqui nos começo as gostas e nos desfallecer de todo, morreram nos quarenta e tantas pessoas entre brancos e negros, ao desamparo e ao ficar com vida e caro no meu cavalle, que para me mostrar nella, pela minha frequencia em que me achava o era preciosa lanque-me primeiro nelle do braço levantado sobre o primeiro cunplim que se encontrava.

10 - Quando se o cabo masto mizãcia e tapendo e feita e murtandade das gentes e muito mais considerado a arro que tinha dado ao ramo que arde seguiu, se valeu do céu, e foi a primeira vez que o vi lambuzar-se de Deus, fazendo várias rezonas e dando júbilo para que nos desparasse algum gentio que conquistado nos visões dos mantimentos que lhes acháramos para remédio da fome que padeciamos, passado quinze dias em bastante moléstia e trabalhos, demos em uma pizoca nos mozas campos, seguindo-a nove dias, achando nella alguns raxacos felizes de pisa e ramos com alguns grãos de milho já secidos: no fim destes nove dias chegamos a uma terra cuja vertente desagua para o norte e lançando offanto quatro índios a fazer o gentio, o seguimos três dias de viagem. Eramos só dezasseis com o cabo porque a mais tropa e bagagem debuzou acré os dozeite. Jm noite de terceira dia avistamos e raschar de gentis e suas fogas: embocamos nos nos montes para lhe darmos um madrugada, mas sendo semidade dos tachares que tinham muitas e bens, quando nos avistamos nos recebemos com as duas roças e fuchas.

11 - Não desnos nem um tiro por ordem do cabo, do que resolveu a fugir: nos quizo todo o fôccio e resolveu a ir-se: um sobrinho do cabo com tal animo que lançada-lhe e não a ceder de cavallo lhe tomou e espiçãda de mão e de dinta lançada, e dando-lhe com ella um fanceo de pisa em um dos ombros e outro ao longo esquerdo, fugiu levando-lhe o cêrrega as armas. De-

semelhante do tapia e puzilla corou sobre elle sem mais effeito que reparar a espiçãda que lhe lançou o tapia, retirando-se com o tapia. Nesta mesma occasio, outro tapia em uma de suas partes fez levantado no pélo com sua flecha e um Francisco de Carvalho levou-o e acoufido entre lhe deu na cabeça com um porrete, de que cabia logo: cabido lhe deu outra porretada: outro tapia que appareceu de aco, deitou-o já por outra parte: para evitar que em todo este confusão não fizemos mais acção o nosso cabo que a ajudar sempre ao longo chegando e requerendo-nos que só alivamos no vento para não esquecer o gentio. Foi Deus servido trazer-nos os raxacos, chegado sobre nós as flechas e os porretes.

12 - Seguiram-se para as matas as tapias mas sem mais nos pedo-dades de visto e tento que querendo darmos sepultura as fuchas, presu-midos e que estaria morto procuraram em duas avoçadas que nos deixam a tiro-o e comel-o, e vendo-se rontidos nos padiram por nosos da dâssa-nas ao nosos e matado para e comereu por ser diversa a lingua da genti. Vitorado o dito Francisco de Carvalho e achamos em a boca, nariz e feridos chiste do bicho, mas vendo que lhe palhava o coração e que tinha entre mais signais de vida o recebemos no resbarão curando-lhe as feridas com orçica e fumo e segredos: com a pena de uma focha por nós tivemos matar lançamos raxacos tanto e tanto que o Carvalho pela noite terreu um al, abriu os olhos, mas não pôde falar sentiu no dia seguinte, o regime que teve não passou de um pouco de suar e alguma bexetas das que achamos nas ranchetas.

13 - Em todo este tempo não nos deixou o gentio perseguindo-nos cu negros que nos fazo conduzir algumas baxetas de visto e cinco brancos que tinham grandes e excelsas no gesto: destas negros nos mataram um e um cavallo e que visto pelo cabo se fez forte em um dos raxacos que lhe pareceu melhor mandando receber todo o milho que se achou a um palat e que pôs guardas como fez também e sete índios que entretanto, mandando-lhes ir buscar a todas as terras exceptuando um fochos tortos, também castivos, que depois se dos libertados. Recobridos no seu rancho o fuchargues mandou logo buscar os dentes e mais bagagem. Jests tempo se tinha humanizado o gentio e gentio humendo-nos e servindo-nos com aco e flechas e mandando muito na nosas armas. Offreceam-se pélos, trazendo-nos em um dadas

das, desastrosa ainda moças, muito ótimas e bem feitas, não éramos mais brancos, um signal de amizade.

Esqueceu o cabo em acabá-los, contradizendo todos os mais empalhados e os fui e que mais persuadi em notá-los dizendo-lhe que ao conhecimento do sermo tão pouco, e estas frases e mortis de fama, o muito e pouco, não escarrolhossamos e que passas em guarda as ditas indias com os mais que os achavam já presos, pediamos facilmente catequizar a todo ensinamos e caminho das góyvas mas a noia d'isto se moveu e Chahingiera com a ambição de querer para si todo o gentio, mettes que secura sempre a respeito e porque desconfiado o gentio desappareceu logo no certo dia, temeroso que ao entrar nosse gentia sua trancieridos, eram as d'ambas e badegem, os queriamos matar para os comarcas e terras, assim no-lo cartificaram as indias que se achavam entre nós. Desesperado o cabo com a ausência do gentio largou e veio com algumas focas, toucas e algumas golaccarias para que as persuadissem a voltar mas o torto foi a nunca mais e vólves.

14 - Chamava-se este gentio Quilicá, vive aldeado, um de arco flecha e perrete é muito claro e bem feito, não todo má, assim honesto como multo-nes. Tinham despozes raschas, todos sedoridos, bastante mais e cobertas de palmeira com uma bruxoa junto ao chão em legar de portas em cada um destes viviam vinte ou trinta casais juntos, as casais eram uns casais de buriti que lhes serviam de coberto e cobertas, eram pouco mais de seiscentas almas. Estavam situada toda esta aldeia junto a um córrego com bastante peixe e bom, no segundo dia que marchamos a buscar a encosta-mos um rio muito em que havia muito peixe euyúis, peixeito e muito e grande capy que seo servio de milto. Nesta aldeia achamos dezantzas e mais de milha, vinte e cinco habitantes, muitos arazas e também alguns picapitos que nos serviam de sustento e de reger; tinham também bastante copias de cabaxos e penacas e uma grande multidão de cães que matavam quando fugiram e os retiraram de todo só a fim de não serem acrididos dos nossos armas, como espremitamos depois nas bandeiras que se lançaram a expli-

ca.

sempre, reservando-o todo para si e para a sua comitiva, descurando-se a sua tirania com disar-ousa e a sua preção para as bandeiras que havia de lançar, mas supposto lanço duas sem por isto foi muito o milto de que se porem não fezto até não ferirha nos seus estovos e a sua comitiva, que vive a fortuna de me daram dezantzas espigas e se tira mais algum milto e dero no trabalho e ao preço em que o recolhi das roças que tinham deixado o gentio de refugio, assim a fiseram todas as mais não se levantando os nossos trabalhos ainda os reliçias, porque se e quibaram e entregaram e tiraram por suas próprias mãos esculhados sempre do matos por modo das gentias. Antes de nos mandarmos, nos fugiram quatro das indias que o cabo tinha presos e nunca mais os vimos.

15 - Já demora que fizesse nesta aldeia vando toda a tropa que e cabo se pôe faltar a respeito tantas vezes promettidas, tinha a culpa de perdemos o gentio se emolhou e tanto que se esvaziaram sóa honteadas a um milto, digo, emolhou com alguns paulistas a querer tirar-lhe a vida e levantar o seu irmão Girão Jurea por cabo por ser de melhor e mais fácil confissão. Eu que secura a sua restituição, não obstante e não me esquecer o Chahingiera fia todo o passavel para o discurrir de semelhanças immito indizantzas-lhes o tanto que deviam a São Jé. Desconfidias os honteados e seus acoutas, seguimos viagem, consertado o córrego de rociocia os aldeia até darmos em um rio que fomos catarado também pelo porte de sorte a buscar arava gentias que nos pudessem ensinar o caminho das góyvas. Nesta marcha passamos seretas e seis dias, andando sóa delas sem achar água de sorte que quando chegamos ás margens de um rio foi tal a alegria em nós que abramos nova alma e tanto que nem se cavaliei basta quem as tirassem da água. Siqui fizessem duas ou quinas dias separando por São Jé que nos tinha ficado atrás em busca das indias e não chegamos.

17 - Neste sabb, avendo diado o cabo que já ficavamos perto do Rio Maranhão me resolvei a delib-a e andar só abelto buscando alguma terra já povoada para não perder a foz e a sede no meio daquelas montes. Esqueci-me pois comandados que foram: José Alves, Francisco de Garvalho, seu irmão Manoel de Oliveira, . Paulista e João de Matta filho de Júbile, alinda rapaz. José Alves com um negro e uma raposa, seu irmão com um só negro e um cão e um milto que foram todas as peças que nos

escaparem da viagem do Maranhão, estando eu com seis negras e um menino branco com cinco e o irmão de três. Chegamos e como a cura achamos contido as duas irmãs com que o primeiro foi satisfazer querencia e seis mil reis que deu a João Leite que já se era chegado com Frei Antônio quando da lhe foi possível a que não o descomparássemos, mas as heredeiras do cabo, que dizia publicamente João Leite a Frei Antônio. O certo era que o Maranhão tinha prezado até os a uni de sua tapuia para entrar o Alves por uns bons lreos cruzes o pelar fal que vendeo o mesmo Maranhão, que se o deixava no ceticção um negro, bem mais chamado Fregada, e o deitou ficar costado. Vendo-me sem ela voltei ao sítio de cabo distancie de mais água regando-lhe me restituisse a negro respondeu-me que o negro não estava em seu poder, nem sabia de lá. Foi então procuração a Frei Antônio para que a tivesse a si e me restituisse o procedido de lá, caso o voltasse a minha mulher Estancia Felicitas, na cidade de Braga. Sobre João Leite desta procuração e estranhando esta acção do seu negro me mandou oferecer um moleque por Estancia Fregada Fregada, em lugar do negro que acceita logo por ser preciso mais gente para remar as canoas..... feitas duas canoas e dadas em convénio a Frei Leite a remar-me minhas e a Frei de Boa viagem por lhe ter marido e ser, rodamos pelo interesse da pelle e água que era muito, passamos oito dias de prépara viagem..... chegamos ao canoas sobre pontões mas não com canoas que tope em uma pedra e as pontas pela mala pendendo nella duas canoas com roupa, ouro e prata, tachos, espelherias, trapézes, ancores, libras e outras tralhas necessarias ao serviço e— a perda de pouco de chumbo com duas arrobas.....

—Assim segue esta rica narração do português José Peixoto da Silva Braga que depois do muito sofrimento consegue chegar, após quatro meses e onze dias, ao Pará e retornar a Minas onde escreve este relato. Põe sete divórcios os outros que ficaram com o Maranhão, andaram por muito tempo afimada, errantes por aquelas terras, plantaram muitas roças pelos camilhões e fizeram seus arranchamentos e suas capelas.

A mistura de paulistas e etnoabras não foi feliz, atingir tanto nos militares aquela união do grupo, esse relato foi escrito por um etnoabra, tradicionalmente inimigo do Anhangüero, a cada frase lida, sentiamo o rancor dos dois lados, missão difícil aquela do cabo, conduzir tantos aventureiros numa viagem sem nenhuma perspectiva.

Roteiro de Urbano do Couto, um dos primeiros moradores de Itaguá

* No ano de 1728, sendo eu da idade de 22 anos, nomeei propo de sociedade aventureira para ir a esta conquista de Itaguá. Em um tempo em que ainda explorando era vastíssima companhia, vi sair em muitas partes mas só em três me pareciam de boa planta. A primeira é uma das portos deste mais grosso no lugar que se chama Palmeira. Foi visto em 1723 e descoberto por João Leite Cortis, fregate de Maranhão. Eu não me achava presente porque tinha ido com os meus irmãos a outra diligência mais fregata e artilhada mas quando me recolhi no mesmo dia e hora, chegou e disse João Leite sem grandes estrondos de tiro e foi recebido do negro com muito mais com a alegria de sair que as tinha descoberto. No dia seguinte se fez junta com todos conselheiros sobre quem havia de ir a cidade de Itaguá para levar notícias do ouro ao governador que era Sr. Rodrigo César de Menezes e todos os conselheiros assentaram uniformemente, que fosse o aventureiro.

Quando prouto, com as cartas feitas e tudo arranjado e o ouro que devia ir, já passado, que era 25 onças, de um dia para outro teriam saído cação de Itaguá mas que não era aquillo Itaguá que procuravam.

Em outra parte, donde se viu ouro que me pareceu não as melhores fregatas que haverá na comarca e fora dela e nas contra vertentes de nome e muitos outros que não estavam no Itaguá. Fregate na divisa das águas em tempo que se por ele sair para a sul e se ir ao Sr. Governador e juntos vão a cidade de Juazeiro de Minas.

Que se seu nascimento uma pedra muito alta de várias cores, seu filho e de uma filha sem irmãos.

Na noite desta, rumo dentro está entre pedras no centro das estas das
 Jêdo - que me parece, está ainda viva e povoada de muita gente, e será
 rica, uma pequena obra de natureza que se poderá ter por uma das maravil-
 has do mundo; e a tal pedra estada tão alta, como ficam da Torre de
 Babel; tem de parte do sul, uma escada feita, dura de natureza, por
 onde se sobe e tem em cima um assento em que bem poderão estar 20 mil
 soldados armados à vontade, da parte do norte, nenhuma pessoa por mais
 armada que seja, pode alzar uma heita que não tenha, porque não alcança
 com a vista, o fuzil que de este a outra uma terra tão alta que parece val
 le nua e parece ser flandres de muitas florestas; as pedras e como de
 Serra Escalvada, quite esta torre e a terra está uma distancia de 15 a 20
 léguas, estando-se nela ao longo, de cima da terra não se vêem as
 fundão, uma planície de esta que temo tanta esta distancia e pela meio se
 avista de carrosses deit d'os os ribeirões, todo faz boira no Jêdo, onde
 estavam quebra e quando andava ao gentio ali fazin escada,
 por ter roço e alçava o gentio para se para São Paulo. Jêdo local eu só
 ativo com d'os scilões e Jêdo de terra, sobredito do caboc: este me pediu
 ficava um semana no seu tio, para que arribasse, e eu neste dia não estava
 pedra e roças, que os fit e serrões, que foi o último que me la contando a
 vida, sendo que os mais serrões deram vida a muita gente, porque sendo
 meus companheiros cada dia morrem cada dia 3 ou 4 de fome, depois de
 terem comido todas as cabeças e alguns cavalos, principal a pregar e fit
 28 serrões sem mudar de terra, alimentando a todos que não amarecessem,
 certificando-lhes para não adiantar, isto de muita coiza, mal e gelosha-
 porjuntavam os miseráveis quando? Sympomil-lhes: estas d'as e nes-
 tes, permito Deus que chegassem e tudo se achou certo.

«Em esta castaram as matas e não morreu, mais ninguém, e mal de
 milhas se não foi o pregador. Jêdo lugar da tapera onde se acham as 14
 pedras, é o legítimo São Paulo, onde fazem barra os ribeirões que se velm
 da Torre de Babel. Jêdo mesmo dia, disse o Jêdo quando tábua achado narra
 Gilão Jêdo, que em todo seu cuidado acharam tábua achado narra
 grande de pedra alta os martírios de "Jêdo" (e que se pode concluir que há

40 anos atrás, no honório de seu pai estava também (Schumann)." e su-
 vras honras que estavam sem dia, que todos avizaram, e esse é o legítimo
 São de Jêdo, mas seu nome próprio é Jêdo: eu só não posso falar e
 depois de Deus me favorecer tanto.

Servi de piloto e peguei no leme a logo andei a mão a caminho, e foi
 Deus servido levar-me e estas rias e eu ser vivo para d'as dar notícias.
 Corre para o norte e faz barra nem ribeirão que vem da Serra Escalvada,
 onde eu sou uma cruz grande por serem do cabo para posse do comércio e
 porque a esta pela repartição que de parte fit com os proveitosos por ordem
 do Martinho de Mendonça, em 1739 que abel um canhão dos gênera para
 as minas, são terras que morabam com a cidade de Curitiba, etc. etc."

OUTRO TRECHO

"Fico se meus avós habitavam d'essa mina azucrinadas, pela picu-
 da da Sabia que vai para Jêdo e logo mais alta da terra (Baptista do
 Jêdo), de onde emanam quatro ribeirões dos quais ficaram intitulado as
 suas cabeceiras, estas se principia do Rio Jêdo, no Jêdo das Gouros,
 São Jêdo, Fernand e Jêdo: estas abrem vão três léguas em
 carreira, em companhia clara (Jêdo São Lucas, Fernand e Jêdo);
 vinda um poço sem preta e sem alcazar de fundo, vinda cor de mar, que não
 seca nem vase quer no inverno, quer no calmar: desta altura vinda um marro
 do fêdo de um canhão (isto marro avizara de a vila a quatro léguas),
 em mês de agosto, da parte que entre o sul, não se principia, ao segundo, um
 marro Jêdo Jêdo depois de passarem três ribeirões (Estimam mais de
 quatro ribeirões por isto não se sabe os quais se reform) de volta se recha
 e mories, vinda três pés da borda; na época presente se acham d'as mas
 conhecem se três pés) vão acima de lá, não o pedras, o derradeiro e
 vinda um marro de fêdo de um cruzado, e pela parte da terra caem e
 vinda sem bom se acharem pela cima e abaixo, encontrado grandeza
 tal que não terão visto em Jêdo."

Pedra de Jêdo, 30 de Junho de 1780

Em nome de S. M. S. D. Mariana mulher de Senhor D. João V mandou
 para ser arquivado no palácio da Realidade de Jêdo"

Todos estes acidentes geográficos figuram com muita precisão na planta topográfica do país, dos Rios Claros e Pilões na Capitania de Goiás e compreende o desenho da jornada que Urbano do Couto e Menezes fez para seu companheiro Francisco Soares de Bulhões quando ambos moradores de Jaraguá, foram solicitados pelo governador para empreender uma busca pelo sertão. Mais detalhes quando falarmos desta bandeira jaraguense que é motivo de orgulho para Jaraguá.

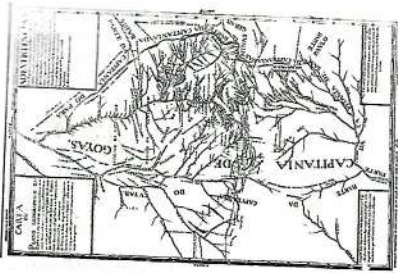
No primeiro Congresso da História Nacional, com inúmeros autores de teses apresentadas não mostraram sequer o mais remoto sinal de conhecerem esse roteiro do bandeiro do Anhanguera, documento histórico que fica como pórtico para o conhecimento das terras de Goiás, como a carta de Vaz de Caminha na História do Brasil.

Tres anos andaram errantes pelos sertões, plantaram muitas roças para o sustento e deixavam muitos registros de sua passagem por todo o trajeto, feitos na expectativa de um possível retorno, muitos desistiram, muitos morreram. Talvez nesta época, tenha sido as marcas na rocha em Jaraguá, vários desenhos que parecem ter pouco sentido mas escrito a palavra PAI, quem mais sentiu o Anhanguera estaria preocupado com coisas paternas naquele momento em que procurava sinais de passagem do seu próprio pai.

Trouxeram pouca notícia de ouro, os poucos que restaram, chegaram em 21-10-1725 doentes, cansados e desiludidos. Bartolomen, emvergonhado, não se apresentou perante D. Rodrigo. Mesmo com notícias de ouro, mas era pouco perante o que se esperava, não havia achado o local que seu pai anunciara.

D. Rodrigo escreve animado ao rei D. João V que manda agradecer o sertanista pela sua empreitada, anima-o a recuperar as fortucas e voltar, melhor resultado teriam agora.

"Senhor, havendo dado conta a Vossa Magestade da forma em que tenho estabelecido as novas minas de Guabá, e estando para



Mapa da Província de Goiás.



Fossils preserved in a natural state in the collection of the Museu de História e Geologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil. The fossils are preserved in the 2nd floor of the building, which is located in the city of Rio de Janeiro, Brazil.

despedir as vias, chegou o explorador dos descobrimentos dos ginsenos, Bartolomeu Bueno da Silva, que mandei em o ano de 1722 a qual se seria, em o qual anexo três sacos e dois pesos, sem poder ocorrer com os parágrafos que buscarei, por haver 40 anos que tinha visto, da cujo dilatado tempo se seguia dificultar-se o que a fantasia lhe facilitava, e, sem embargo da ver diminute da força por haver morrido e desatado a maior parte da gente que o acompanhava, não afrouxou na despesa, porque como valeroso, constante e fiel vasallo de V. M. despendeu os evidentes perigos que traxin diante dos olhos assim pela multidão de gentios bárbaros, que continuamente se avilambem com para alimentar-se, assentando consigo, que não devia parecer perigoso mim ser satisfazer e de que se havia encorregado e mais fácil seria paecer a vida; e, constando-me do estado em que se achava e da sua

firmeza, procurei secretar-me não só para dar-lhe calor a dita diligência, mas ainda para salvar-lhe a vida e a seus companheiros e ao mesmo tempo (que me applicava com todo o fervor e cuidado, para mandar-lhe o socorro, chegou ao dia 24 de corrente, muito satisfeito por haver conseguido o que com todo trabalho havia buscado, de cujo descobrimento, seguiu iguaes grandezas nos do Quindim com a mesma permanência e com alguma vantagem por não serem os ares tão contagiosos, e porque esta noticia tom tantas circumstancias em utilidade do serviço de V. M. e de sua real fazenda, e não dilatado, sendo justamente na real presença de V. M., o próximo e lealdade dos paulistas, que se em algum tempo, se dá a não mostrarem, em o do meu governo seu destruição de parte aquella opinião, como acredita e abediência e a sujeição em que se acha e como explendor Bartolomeu Bueno da Silva e seu filho João Leão de Silva Ortiz, que o acompanhava sem desamparar-lhe, ainda mostrando os evidentes perigos a que estava exposto, havendo perdido 22 escravos de mãos dos gentios e alguma por causa da grande esterilidade, por todas estas circumstancias e fratem dignos do que V. M. se honre, mandando agradecer-lhes o serviço que lhe fizeram, por cuja honra se desavacem justamente, e fazenda-lhes aquella mercê que V. M. costuma distribuir com os beneméritos, e então bem poderá animar-me a pedir, se a real grandezza de V. M. fosse necessário lembrar o serviço que neste governo tenho feito com tanto desvoto, assim nos descobrimentos do ouro e seu enriquecimento, como aumento da fazenda real e acréscimo dos dilações, cujo serviço acredita os mesmos efeitos. Deus guarde a real pessoa de V. M.

São Paulo, 27 de outubro de 1715

Rodrigo César de Sáenz

Assim, em 1726 volta as minas de Goiás, como Capitão-mor

regente delas e acompanhados entre outros do padre Manoel de Oliveira Gago, Manoel Pinto Gacelles, Manoel de Barros, João Leite e a maioria de seus contemporâneos. Foi coroado de êxito, encorajados os índios Guayá que tanto havia procurado e em 26-05-1726 nestas as matas, dizem alguns que no local onde foi erguido o Arraial Ferritos, outros dizem no Arraial da Barra, é certo que neste último, tinha suas matas e que daí se transferiram em 1727 para fundarem as matas do Rio Vermelho o Arraial de Sant'Ana depois (24-07 -1730) Vila Boa e em 17-09-1818, cidade de Goiás.

Desde que resolveu voltar a Goiás foi com intenção formada de estabelecer-se definitivamente, pode ter sido aí a ida de toda sua família, sua esposa Joana de Gusmão filha de Baltazar de Godoy Moreira e Violante de Gusmão e seus filhos:

- 1) Bartolomeu Bueno da Silva Neto casado a 1ª vez com Maria Tereza Isabel Paes aida no Pamahiba em São Paulo e a 2ª vez com Maria da Encarnação de Meia Ponte (Pirenópolis).
- 2) Joana de Gusmão, casada com Inácio Dias Paes
- 3) Isabel Bueno da Silva casada com João Leite da Silva Ortiz
- 4) Baltazar de Godoy Bueno de Gusmão, casado com Rita de Toledo
- 5) Rosa Bueno de Gusmão, casada com Bento Paes Oliviera
- 6) Francisco Bueno da Silva
- 7) Leonor Bueno da Silva, casada com Domingos Rodrigues do Prado
- 8) Escolástica de Gusmão, casada com Luis Pedroso Furgum
- 9) casada com Francisco Rodrigues Pentecost

Todos com seus filhos e escravos, vieram e deixaram enorme e ilustre geração por toda Província de Goiás e inclusive em Jaraguá.

Já em 1702 a coroa portuguesa modificou o conjunto de leis sobre a extração de metais preciosos, a extração era livre mas 1/5 de tudo era para a coroa e as descobertas deveriam ser imediatamente comunicadas às autoridades que providenciariam a demarcação das áreas aos lotes a serem distribuídos, tinha prioridade quem tinha maior número de escravos subentendendo-se que teriam maior condição de ganhar. Tudo ficava a cargo do órgão criado, a Intendência das Minas que cuidava de zelar pela obediência do regimento e cobrança do quinto.

Vários foram os sistemas adotados para cobrar esse imposto devido às dificuldades de controlar o contrabando, tiveram que proibir construções de estradas e fecharam contos pelo Brasil afora para evitar o escoamento clandestino e as autoridades criaram em 1725 as casas de fundição onde já fundiam, transformavam em barras e retiravam a quinta parte para o rei de Portugal.

Não funcionou, criaram novo sistema, o minerador era cobrado pelo nº de escravos que possuía ou baseia em serviço, sistema extremamente injusto para quem tinha uma mina fraca. Não deu certo mas teve vantagens porque neste período de 17 anos de captação os caminhos deixaram de ser proibidos e o progresso pode mais facilmente chegar. Voltou a cobrança do quinto em 1752, novamente o contrabando, novamente a lei foi modificada.

Foi aí que criaram uma quinta fixa por ano. No caso da produção extensiva representava pouco. (1750-1762), a parte da metropóle era de 100 arrobas de ouro por ano e quando foi escasseando a produção, ficou uma quinta insustentável, causando muitas revoltas. Decretaram a "derrama", revolta e luta popular contra a opressão, foi deflagrada a Inconfidência Mineira, mas já em 1788 e em 21 de abril de 1792 D. Maria I manda enfocar Tiradentes, obtendo com esta atitude, resultado contrário ao que pretendia, de assustar a população, a insatisfação popular cresceu, as dificuldades

des aumeçanante, no mesmo ano a Rainha é considerada louca e seu filho D. João VI passa ao comando como príncipe regente.

Em 1728, Bartolomeu voltou a São Paulo levando 8000 oitavas de ouro (uma oitava de ouro, 3,586 g. é a oitava parte de uma onça que é uma medida de peso equivalente a 28,691 g.), isto equivalia a quase 29 quilos de ouro, e obteve todas as vantagens prometidas pelo soberano, era agora o capitão regente, suserano residente das minas de Goiás com jurisdição absoluta no civil criminal e militar, direito de conceder sesmaria e passagens nos rios (o valor do pedágio era mais ou menos o preço de uma galinha por pessoa, se fosse burro com carga o preço era bem maior, isto dificultou muito o progresso do interior e encareceu muito as mercadorias que por estes rios tinham que passar), Bartolomeu retornou a Goiás com uma quantia muito grande de interessados aventureiros.

Muitos outros arruális foram nascendo. As novas expedições e caravanas que entravam de todas as direções iam levantando os seus arrauchamentos nos sítios e lugares que Callamaro, Ortiz, Araújo, Fernando Bieação de Andrade, Manoel de Barros Braga, Urbano do Cooro, Manoel Rodrigues Tomar e outros, escolheram para fundarem seus estabelecimentos de mineração.

Tantas responsabilidades foram dadas a um só homem, impossível Bartolomeu ser perfeito em todas, aos pouco sua autoridade foi sendo minada pelo desagrado popular.

E para complicar, o governador de São Paulo (1729 - 1732) Antônio Caldeira da Silva Pimentel, substituo de Rodrigo César Menezes, era rival dos familiares de Bartolomeu em São Paulo principalmente Bartolomeu Paes de Abreu, irmão de João Leite da Silva Ortiz e fez tanta intrigas ao rei D. João V que este aos poucos foi se tornando contrário aos Buenos chegando a tirar-lhes todos os privilégios concedidos e concordou com a prisão de Bartolomeu Paes, o que foi uma terrível ingratidão no flac século Bartolomeu Bueno da Silva em nos confins do arrebó batallhando

para o engrandecimento da coroa que veio em pouca tempo um insignificante morador de Vila Boa, sem prestigio, sem fortuna.

Indignado com tais injustiças seu genro João Leite Ortiz propoz-se para ir a Lisboa, falar pessoalmente com o rei, porque suas cartas eram interdiçadas pelo caminho a mando do governador, saiu de Vila Boa com 7400 oitavas de ouro, (26.536 kg.) sufficientes para sua estada em Portugal.

Um complot foi armado contra ele, quando o navio chegou a Pernambuco, foi envenenado pelo Padre Matias Pinto em 09. 12. 1730 que após ser denunciado xamita, foi visto perante o governador de São Paulo, Caldera Pimentel e daí desapareceu sem deixar vestigio, deixando claro a população, quem foi o mandante mas sem nada poder provar. O rei D. João V mandou que o governador soltasse Bartolomeu Paes de Abreu da prisão e repaerasse o mal que lhe fez.

Este governador também foi péssimo para os paulistas e em 1732 foi substituído depois de ter mandado um baia de chumbo ao lugar de ouro para Portugal. Foi substituído por Antônio Luiz de Távola, Conde de Sarzedas que infelizmente, logo depois, ao visitar a Província de Goiás com ordens de criar a 1ª vila geiana, veio a falecer em Trailhas em setembro de 1737 deixando para seu sucessor, D. Luiz de Mascarenhas, esta incumbência.

Ao chegar em Sant'Ana e transformá-la em Vila, em 1739, Vila Boa de Goiás, em homenagem a Bueno e aos amigos indios Goiás e ficou sendo cabeça da Comarca, este governador ficou indignado com a precária situação de seu mais importante morador que tantas riquezas havia mandado para Lisboa, Bartolomeu Bueno da Silva.

Mandou dar-lhe 1 arroba de ouro, mas tal gesto não apagou do velho coração decepçomado, a mágoa e a tristeza, morre Bueno em 19.09.1740 e foi enterrado na matriz de Vila Boa. A morte foi piobosa com ele, seus sofrimentos seriam muito piores se chegasse a saber a atitude do rei quando soube do presente feito pelo governador à sua família, mandou que desvolessem toda a arroba

de ouro e se não existisse minas, seriam colocado em latão todo que lhes pertenciam ainda.

A decepção popular foi grande. Mais tarde seu filho com o mesmo nome foi a Portugal e recuperou alguns privilégios.

Mesmo já instalado em Sant'Ana, Bartolomeu ainda em vida, não descurava de procurar minas. Veja documento a seguir:

"*Quêntida de os Bartholomeu Juuano da Silva descobriu minas de diamantes no Rio Claro e Giliões.*

"*Quêntida que achou-se em Villa de São João no mês de agosto de ano próximo passado onde foi despojar a terra do governo que mandei por ordem de Sua Magestade a dar guerra aos gentios da região Foyagada e se mais bábaros que habitam as minas de Qilabá e o seu castello, no qual se dita villa, uma carta do Superintendente de Juro de Sant'Ana, Bartholomeu Juuano da Silva, descobridor das minas dos Foyagadas, com 10 pedras preziosas que se entendem ser diamantes que se descobriam nas ditas minas dos Rio Claro e Rio Giliões, as quais remeto a S. M. na frota do presente ano e por me ter pedida a presente cartada pelo dito Bartholomeu, lhe mandei dar passar por mim, assinada e selada com o selo de minas antes dada e passada no côrdo de S. Paulo aos 22 de março de 1704."*

Logo no início da povoação de Sant'Ana, Manoel Rodrigues Tomar, parente de Bartolomeu, descentendeu com o amigo, João e fundou Meia Ponte juntamente com grande número de insatisfeitos colonizadores. Fernando Bicudo de Andrade vai para a região de Santo Antônio e constrói a igreja de mesmo nome, dono de quase uma centena de escravos, suas terras vão até quase às freixas da Serra de Jaraguá, daí pendem com toda sua família para o mesmo local onde já moravam Manoel de Barros Braga, Urbano do Couto, Antônio de Almeida Paes e muitos outros ilustres cidadãos que citaremos depois.

A rebeldia de Manoel Rodrigues Tomar chegou a manifestar-se com caráter de sedição, ao fundar Meia Ponte se auto promoveu sargento-mor do local, negando-se a obedecer ordens de Vila Boa

e negando-se a pagar os direitos reais e juntamente com seus correligionários, insuflaram a população a expulsar do povoado os agentes encarregados da cobrança. Era tal o desrespeito à autoridade e o espírito de desobediência, que indo ali o mestre de Campos Manoel Dias por ordem do Bispo para restabelecer a tranquilidade, foi obrigado a se retirar no meio de uma multidão popular a cuja frente se colocou Manoel Rodrigues Tomar, esse também havia explorado o terreno reservado à coroa, sem permissão.

Foi então processado pelo ouvidor geral, Gregório Dias da Silva, que a mando do Governo de São Paulo, foi expulso de Meia Ponte e assinou termo de nunca mais voltar. Satu acompanhado de muitos filhos amigos e foi mais para o norte onde fundaram Crisópolis, Tralabas, São José do Tocantins, Cachoeira de Santa Rita e Água Quente com os seus arraçalamentos de piraterião.

Ao observar à luz do século vinte, quero crer que se no país houvessem mais homens como Tomar muito mais progresso haveria, ao meu ver um homem audacioso e sedento de justiça contra a opressão em que viviam, sendo explorados pela realidade que queria apontar sugar as riquezas deste país. Foi depois preso e levado para São Paulo, o povo pitomopolino deve apenas orgulhar-se deste seu fundador que a meu ver, foi um "Traidentes" de seu tempo, apesar de quase todos os livros o citarem como um mau elemento, traidor, um infeliz vassallo.

Ao expulsarem Tomar de Meia Ponte (Pitombópolis), o Governador de São Paulo dividiu Goiás em dois distritos o de Vila Boa e o de Meia Ponte, o de Vila Boa continuaria com Bueno e o de Meia Ponte foi dado para a Superintendência do Coronel Fernando Bicudo de Andrade que morava em seu engenho à 3 léguas daí, em substituição ao Sargento-mor Antônio de Souza Bastos.

Inquanto fato o Côrego do Jaraguá (como era chamado este atual por estar ans pés de uma montanha semelhante ao Pico do Jaraguá em São Paulo e ter o mesmo tipo de ouro, ouro sobre o cascalho, ouro de grujaria, daí supomos a origem do nome

JARAGUÁ¹⁹, e juntamente possuía aquele córrego abundante de água, excelente para mineração que posteriormente chamado de Rio Pari, por causa de um pari para peixe ali construído, pertinho daquela pedra, onde provavelmente foi o Anhanguera que deixou marcas de sua estada ali, (um sítio arqueológico de enorme valor e sendo devastado por mãos ingênuas, necessitando de proteção Governamental) com a igreja de São José, feita de taipa de pilão (paredes feitas com terra cozida) seu cemitério e seus inúmeros moradores, cresceu numa posição estratégica, no meio do caminho entre Vila Bon e Meia Ponte, na boca do mata grosso, (ali era uma mata fechada e densa até aos arredores da hoje Itaguara à qual chamavam mata grosso).

Ora, se Anhanguera ali esteve, deve ter deixado sinais de arrendamento, isto é, tapenas e sinais de roças, a terra é fértil, propícia para plantio e talvez uma igreja ali plantada o que era comum entre os religiosos desbravadores, afinal ele havia andado por essas paragens durante 3 anos seguidos, muitas roças foram plantadas quem sabe até deixou moradores, o que era também, fato comum na época. Os novos colonos teriam aproveitado, estabelecendo-se no mesmo local.

Se do fato as evidências forem comprovadas, o Córrego do Jaraguá seria o mais antigo povoado de Goiás, antes de 1727.

Além da estratégica posição, havia ali muito ouro, ouro no escallho, mas esta posição estratégica, socialmente era insalubre para os moradores já que quando o córrego encheia deixava as várzeas as suas margens encharcadas e habitat de mosquitos de toda espécie, ali junto às terras do Capitão Francisco Soares de Beilhões.

Parêçiam mudar o arrial para um lugar mais seco e alto, construíram a igreja de N. Sen da Penha, do outro lado da Serra, a uma légua dali, com ruas retas e grande praça diferente dos demais povoados que cresciam aleatoriamente à volta da igreja, foi



Reprodução da planta da Vila Jaraguá, feita com base no plano por João de Almeida de Sá, do Arquivo Histórico Ultramarino da Câmara Municipal de Jaraguá.

portanto projetada para ser o novo arrial e como não podia deixar de ser, a primeira rua chamou-se Rua Direita, pois era uma tradição em todos inícios de vilarejos, baseada em uma passagem bíblica, no Livro Atos dos Apóstolos Cap.9 v.11, onde o Senhor diz: "... Vá à Rua Direita e encontrará um homem, Paulo, rezando...".

Em 1748 a nova igreja já estava pronta majestosa como devia ser, com cinco altares ricamente ornamentada com ouro e prata e as moradas brotavam à sua volta dando vida àquela cessado projeto de mudança.

Cópia da doação de Carta de sesmaria. Livro 3 de Patentes de 1748 a 1800 página 120. (corta do sesmaria em um escritura da terra)

"Registre de uma sesmaria confirmada a Yrreclacio Soares de Beilhões."

¹⁹ Nas cartas geradas pelo sistema de cartas, foram encontrados alguns registros que foram encontrados em um registro de terras, que foram encontrados em um registro de terras.



Desenho de Barchinã para a primeira fortificação construída em Saragüta em 1425



Reprodução da obra sobre a ilha de Saragüta de Barchinã

"D. José por graça de Deus, Rey de Portugal e dos Algarves, daquém e daquém mar, em África, Sember da Índia e da Conquista e Navegações, Comendador da Etiópia, Pérsia, Arábia e Índia, etc.

Feço saber aos que esta minha carta do Resolimento de



Cópia de um mapa sobre a Serra de Saragüta, encontrado a Serra de Saragüta, ilha de Saragüta



Área em São Paulo, Portugal, em 1798, com a localização da Igreja da Nossa Senhora do Rosário de São Antonio.



Figura 3. S. do Pórtico, como é visto em 1798, no mapa local da época.

sesmaria vieram que por parte de Francisco Soares de Bulhões mo foi apresentada outra de João Manoel de Melo, do teor

seguinte: "João Manoel de Melo, do conselho de sua Magestade, Governador e Capitão General da Capitania de Bayas e Minas de sua reppreição etc"

Faço saber aos que a presente carta de sesmaria vierem que tendo respeito a me representar por sua petição a Francisco Soares de Bulhões, que elle suplicante possui uma ressa atrás da Serra do Jaraguá junto no ribeirão do Pary que pelo dito ribeirão inclina confina com as terras do Padre Manoel Francisco, para o beirão abaixo com as terras do Padre Manoel Francisco, para o norte com a dita terra e para o sul com o mato Grosso Geral e porque quer pagar azaas com o legitimo titulo das terras das ordnações de Sua Magestade, me requeria lho concedesse por sesmaria na referida paragem, mais léguas de terra fazendo plão onde mais conta lho fizesse"

Segue o documento explicando os deveres e obrigações do possuidor e dando prazo de quatro annos para promover a confirmação da sesmaria perante o conselho ultramarinho e o Rei de Portugal

"E por firmeza de tudo lho mandei passar esta que lido por mim assignada e sellada com o sinete de minhas armas se cumprirá inteiramente como nelle se contém registada na secretaria do governo e onde mais tocar. Dada nesta Villa de Bayas aos 19 de julho, anno do nacemento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil settescentos e sessenta e cinco.

O Secretário Diogo Luiz Puleia Scoto Meier a fez escrever.

João Manoel de Melo"

Observar que no pedir carta de sesmaria, em geral já eram possesores no local, o que era também o caso de Bulhões e este sobre-

nome se extinguiu em Goiás como seu descendente pois seu único filho morreu sem deixar herdeiros, os que ainda existem são de pura homenagem a este ilustre morador desta magnifica terra que muitos feitos realizamos.

Os jagunenses até então tinham que ser batizados, casados etc. na matriz de Mesa Ponte que já havia passado a Frequentista desde 1736 e agora orgulhosos da sua nova igreja embargaram um pedido ao visitador Pe. Dr. Manoel da Silva Sêntrão no sentido que fosse estabelecida pra batismal na dita capela de N. Sra. da Penha recém construida, pedido que foi deferido a 12-08-1748 conforme documento

"O Dr. Manoel da Silva Sêntrão desembargador titular por 47M., que Deus conserve e seu conselho Régio beneficiado na coligação do Corucho, visitador official de São José do Socantins e visitador ordinário nesta comarca dos Bayozes pelo Exmo. e Excmo. Frei Antônio de Oesterro, Bispo do Rio de Janeiro e do conselho de sua majestade, etc. a todos que esta minha provisão vierem, saúde e paz em Nosso Senhor Jesus Cristo, que a todos be remedio e salvação. Fico saber nos que esta minha provisão vierem, que atendendo eu ao que por sua petição me avierem a dizer os moradores do distrito da capela de São José e N. Sra. da Penha de Jaraguá filial da Matriz de Mesa Ponte, a ser serviço de Deus e bem das almas daquele distrito, o ver razão e facultade de Sua Realidade em atenção de estar situada a dita capela mais de 10 léguas da Matriz e ser impracticavel que no tempo do inverno possam vir a esta matriz os infantos para serem batizados em razão das muitas cogas de água um rio caudaloso chamado Rimas e atendendo outro sim ao mal que nesta petição não são os ditos moradores e a informação que a respeito deu o reverendo vigário desta Matriz e por ser a dita Realidade

que pessoalmente visitou capas e sufficientes, portanto concedo licença para o padre capello poder batizar na dita capela sem dependência de outra qualquer provisão, salvo os direitos parochiaes.

Deo neste Arroyal de Mesa Ponte em 12do agosto de 1748
Eu Pe. João Nunes Costa secretario de visitador e escrevi.
Manoel da Silva Sêntrão"

Do Carôrio eclesiástico de Pirenópolis

Tudo isto parece ter sido encaminhado por Fernando Bicado de Andrade e seu filho Rodrigo com trazição de construtores de igrejas, que a partir dai deixa grande geração no local, indo toda sua familia e escravos para o Jaraguá.

Veja bem, pelos registros é o homem mais rico da região pelos inumeros escravos que possuía, influencia politico, veio de Angra dos Reis t....ou seria Guanaratingá como diz outro registro.....) estabeleceu-se em Minas Gerais onde foi um dos fundadores de Mariana em 1711, a primeira capital da Provincia de Minas. Veio na época da 3ª vinda do Anhanguera e se estabeleceu em Santo Ambrósio onde construiu uma grande igreja com o mesmo nome, gerou de Rodrigo Bicado Chassim, que foi o 3º juiz ordinário de Curitiba, este seu sogro foi influente minerador e politico, ajudou com 200 homens por sua própria conta, a expulsar os franceses do Rio de Janeiro, e construiu a igreja de N. Senhora da Penha em Ampariguama que por sua vez era filho de Gonçalo Simões Chassim que construiu a igreja de Nazare na Vila Pombaliba.

Fernando Bicado foi casado com Maria Leite do Rosário Chassim falecida em 1758 e enterrada na Igreja N. Sra. da Penha de Jaraguá, de familia tradicional de S. Paulo. Pai de Gertrude Bicado de Andrade, Rodrigo Bicado de Andrade, Atanásio Bicado de Andrade, Maria Joana Leite de Andrade, Genearca das famílias

as Rodrigues Andrade, Leite de Andrade, Rocha, Leite, Xavier, Barros, Toledo, Amorim, Arruda, Moraes, Albuquerque, Soares, Guimarães, Pimentel e tantos outros jaraguenses, micapontenses, vilabocenses, etc.

Nomes de alguns de seus escravos: João, José, João, Gontijo, Pedro, Tomasia, Luiz, Bernardo, Joaquim, José, Simão, Pompeu, Ventura, Vicente, Luiz, Maurício, Toró, Felícia, Tereza, Antônio, Teodoro, Maria, Vasco, Marcos, Felipe, Garcia, Manoel, Cristiano, Fructoso, José, Josefa, Augustinho, Adriana, Silvestre, Urbano, Josefa, Gaspar, João Angola, Francisca Bleuda, Veríssimo, Francisco Bleudo, Lenore Bleuda, Julião, Cosme, Perpétua, Pedro Noéaso, Tereza, Izáldoro, Maria, Bernardo, Rosa, Matias. Estes são apenas os que tiveram seus batizados registrados entre 1732 e 1738.

Era costume dos escravos adotarem o sobrenome dos patrões após a sua alforria, daí seu sobrenome se espalhou de maneira significativa, podendo afirmar que poucos jaraguenses não descendem de alguma maneira de Fernando Bleudo.

Aí estava o Arraial do Corrego do Jaraguá, orgulhosamente chamada sempre ao sopé da majestosa Serra de Jaraguá, que foi transformada pela lei nº 132-47 de 13-01-1998 em PARQUE ECOLÓGICO DA SERRA DO JARAGUÁ.

A terceira capela foi a de N. Sen do Rosário. No início de 1776, no mesmo ano que os Estados Unidos conquistaram sua independência dos ingleses, já estava pronta pois em junho desse mesmo ano foi ela depois de feita, aberta ao culto público. Tinha três altares e um deles era incessantemente dourado.

A quarta capela recebeu licença para ser construída em 1838, veja:

- D. Deites por graça de Deus o unânime aclamação dos povos. Imperador constitucional e defensor perpétuo do Brasil

foi saber que requerendo-me os devotos de Sr. D. da Chancelaria, do Arraial de Jaraguá, Bispo da Bahia, a graça de lhes conceder licença para erigirem a capela com a invocação de Sr. D. da Conceição e que visto a respeito do Sr. Procurador Geral de Orçães.

Stel por bem conceder licença n todos os supplicantes para



Capela de Nossa Senhora da Conceição em Jaraguá, 1776

erigirem a dita capela ficando selvas os direitos parquiais e os da fábrica da Igreja matriz, mando ao respectivo Provedor de Capelas e mais Justices n quem o seu cabedalimento pertences, a cumpram e guardem como nela se contém, sendo passada pela Chancelaria de ordens, e valerá como carta posto que seu efeito haja de durar mais de um ano sem embaixes da ordenação em contrário.

O Imperador e mandou pelos seus Ministros abaixo assi-



Câmara Municipal de Jaraguá, construída em 1879.

nada, do seu conselho de deputados da mesa de «Consciência e Ordem».

Bernardes do Sena Chaves o fez no Rio de Janeiro aos 30-04-1888.
do livro de **Provisões, regulamentos e decretos**, **Câmara de Jaraguá.**»

Todas estas igrejas tem encimadas à sua volta e dentro delas milhares de pessoas em cada uma até que nos meados do século dezenove tal prática foi condenada e construíram o cemitério municipal a cem metros da matriz. Vemos então que Jaraguá teve 5 cemitérios.

SEUS PRIMEIROS MORADORES FORAM:

- 1) Manoel de Barros Braga, companheiro de Antunguera, dono de inúmeros escravos. Infelizmente existem poucos registros sobre ele. Em alguns livros o citam como 'engenheiro'.

- 2) Urbano do Couto e Menezes, também companheiro de Antunguera, escreveu o roteiro das minas, faleceu no Córrego do Jaraguá em 1772. Casado com Maria Nunes de Oliveira e pai de Ana do Couto e Menezes, casada com José da Silva Torres, da cidade do Porto - Portugal. Seu genro José é filho de Mateus da Silva Torres e Maria Cordeira e Urbano é avô de Lizandro e Elena. Veja cópia de batistério:

"Nos vinte e três do mês de um mil setecentos e setenta e oito entrado no dia vinte no engenho da família, (procurando do Ofício de José de Silva Torres, natural de Vila Rica na cidade do Porto e de Brás do Couto e Menezes natural e batizado na freguesia de Sant'Ana desta provincia, com passagem de Manoel Torres e Maria Cordeira, seus pais e de Manoel Torres de Oliveira do Ofício do Engenho, Bispo de S. Paulo, foram padrinha e este arcebispo mor e Mestre Jhonnes, Padre Manoel Pereira de Souza."

- 3) Antônio de Almeida Paes, filho dos paulistas João Gago Paes e Maria Almeida, casado com Maria Leita Sampaio, filha de André de Sampaio e Maria Escolástica. Pai de Antônio de Almeida Paes, Feliciano, Antônio Paes Bulhões, Antônio Paes de Brito, Dionizina, Maria, Clônia, Tomazina Leite de Almeida, Josefa, Floriana Almeida e Ana.

- 4) José Paulino da Silva, casado com Maria de Jesus, pais de Indício José da Silva que por sua vez é casado com Joana Fernandes Silva, filha de Lourenço Fernandes e Rita da Silva.
- 5) Fernando Bicudo de Andrade, personalidade muito importante que voltaremos a citar em vários assuntos.
- 6) Francisco Soares de Bulhões, organizou a bandeira que saiu de Jaraguá, era dono das terras atrás da serra.

- 7) Manias Soares da Bulhões, irmão do retro-elado, casado com Gertrudes Bárbara de Siqueira, filha de José dos Santos Leão e de Feliziana Carqueira da Fonseca, netas poternas de Duenitigos Curvalho Leão e de Isabel da Costa, netas maternas do illustre dono da fazenda Santa Rita, Clemente Costa Abreu e de Maria Josefa Pinheiro.
- 8) Gregório Pereira Fariinha, filho de Jerônimo Gonçalves Ramos e Tereza Pereira Fariinha, todos naturais da cidade do Porto - Portugal, foi juiz ordinário em nossa terra, casado com Feliziana Antônia Curado, nascida em 1752, batizada na capela N. Sra da Penha, filha de José Gomes Curado e Maria Carqueira, netas nazerina de Clemente Costa Abreu e irmã do Conde maior visão da nossa história, Joaquim Xavier Curado, o Conde de São João das Duas Barras.
- 9) Antônio Pereira Farinha, tio de Gregório Pereira Fariinha, natural da cidade do Porto - Portugal enterrado na Igreja N. Sra. da Penha de Jaraguá em 1759.
- 10) Pauralinho Pedroso Boefiant, casado com Maria de Campos, morador da Fazenda Lagolinha, sbo os pais dos supostos fundador de Uberaba, antigamente chamados Curvalinho. Pai da Ana Campos, casada com Calisto José de Almeida.
- 11) Gaspar Corrêa Leite, faleceu em Jaraguá em 1765, pai de Francisco Xavier de Barros grande fazendeiro da roçagem de Santos Antônio e dono de inúmeros escravos.
- 12) Inocêncio Soares de Aguiar Montalvão, natural de Lisboa - Portugal, filho de Cipriano Soares de Aguiar e Tereza Maria de Jesus, foi segundo marido de Feliziana Antônia Curado.
- 13) Domingos Vieira da Cunha.
- 14) Marcos Rodrigues, casado com Luciana Conceição, pais de Leocor.
- 15) Sargento-mor José Lopes Ferreira (ou Ferrás), casado com Joana de Chaves Fonseca, pais de Juliana e Isabel, faleceu em 1758 e foi enterrado na Igreja N. Senhora da Penha de Jaraguá.
- 16) Sebastião Rodrigues.
- 17) Miguel de Oliveira Forciano, casado com Isabel da Rocha, ambos da Cidade do Porto - Portugal, faleceu em 04-07-1746, enterrado na capela de S. José, filho de Manoel de Oliveira Serrano eMaria de Oliveira.
- 18) João Ferreira da Costa.
- 19) Antônio Costa Couto, faleceu em 14-08-1744 enterrado na capela de São José.
- 20) Paulo de França
- 21) João Monteiro de Azevedo, casado com Leonor Lemes de Bazarro que faleceu em 11-02-1738, foi enterrada na capela de São José.
- 22) Manoel Ferreira da Luz, casado com Rita Maria de Jesus, filho de João Ferreira e Maria da Luz e genro de Maria Cavalcante. Pai de Moriana.
- 23) Miguel de Oliveira Couto Galvão, teve ser parente de Antônio Alves Galvão que foi dono de inúmeros escravos, natural do Arcebispado de Braga-Portugal casado duas vezes com Maria Isabel Sacramento e depois com Antônia Maria Tavares. O seu sobrenome foi dado a fonte de água que abastecia a cidade por centenas de anos porque as águas do subsolo do Arrial são totalmente salobra, impossível de se beber. A MINA DO GALVÃO um marco histórico tristemente abandonado pelos nossos dirigentes.
- 24) Francisco Pereira da Costa.
- 25) Francisco Gonçalves Aguiar, casado com Quitéria Oliveira, pais de Maria, Ana, Francisca e Quitéria e filho de Antônio Alves de Aguiar e Isabel Menadoça e genro de Felipe de Oliveira e Luzia de Oliveira.
- 26) Estevão Baccete, dono de inúmeros escravos.
- 27) Miguel Arruda, natural de Iru - São Paulo, casado com Joana Almeida, filho de Francisco Martins Vieira e Gertrudes Martins. Pai de Maria.
- 28) Fructuoso da Silva, dono de inúmeros escravos.

- do com Gertrudes Bicoado de Andrade. Pais de Francisca, João e Maria.
- 42) Capello Luiz Alves de Amorim, subtenente Francisco Soares Bulhões no comando da companhia de Cavalaria do Córrego do Jeaguá, natural da freguesia de N. Sra. de Mount Serrat de Vila Viçosa, Arcebispo de Braga - Portugal, filho de Antônio de Amorim e Justa Gonçalves, casou com Inês Maria Cactana em 1768, vivio casou com Maria-Joséa Curado, irmã do Conde. Pelos relevantes serviços prestado a causa Pátrio, foi agraciado com a comenda da ordem de Cristo e transferido para Meia Ponte, morando sempre em seu engenho chamado Rio das Pedras, hoje no município de Pirenópolis.
- 43) Alexandre de Amorim, natural da Capitania do Espírito Santo, casado com Joana de Almeida Paes Leite desta Freguesia, filha de Antônio Cabral Teixeira e de Maria Pires Araújo
- 44) Antônio Cabral Teixeira, casado com Maria Pires Araújo, filho de Domingos Pereira Guimarães, natural de Guimarães - Portugal e de Rosa Paes Leite, natural da Ilha de São Sebastião - Portugal, genro de Domingos Lemes Silva, natural da Vila de Parrahiba - São Paulo e de Joana Garcia Masciel de Sorocaba - São Paulo. Pai de Agostinho e Joana de Almeida Paes Leite.
- 45) Domingos de Oliveira, casado com Rosa Maria, pais de Gertrudes.
- 46) Caetano Mendes.
- 47) Manoel Martins Valadão, casado com Damiana de Abreu, filho de Antônio Vaz Borba e Maria de São José, ambos do Espírito Santo, Ilha Terceira - Portugal, genro de João Carvalho Mesquita natural de Guimarães - Portugal e de Margarida Abreu de Pernambuco. Pai de João, Ana, Francisco, Joana, José, Manoel e Martinho.
- 48) Domingos da Silva Bueno, casado com Maria Leite de Almeida, irmã de Antônio de Almeida Paes, filho de Pedro Dias Raposo, do Rio de Janeiro e de Isabel Ribeiro natural de
- 29) Gonçalo de Góis Lemes.
- 30) Antônio Fernandes Costa.
- 31) Antônio Corrêa.
- 32) Felícia Pires.
- 33) José Ferreira da Costa.
- 34) João Rodrigues Abade, casado com Rosa Rodrigues, dono de inúmeros escravos: Antônio, Luiz, Felipe, Félix, Joaquim, José, Sebastião, Alexandre, Miguel, Rosa, Roque, Francisco, Benedito, Silvestre, Manoel, Simão, Salvador, Matias, Caetano, Tomas, Lourenço, Ventura, Aneté, Salvador, Aniceto, Leonardo, João, João, etc. Pai de Marcos Rodrigues, Marinho Rodrigues e Josefa Rodrigues Abade.
- 35) José da Silva Carvalho, natural de Monteiro, Bispoado de Lagoa - Portugal, casado com Josefa Maria, de Meia Ponte. Filho de Francisco Corvalho e Catarina Monteiro ambos de Lagoa, genro de e Ana Maria Almeida. Pai de Domingos da Silva Carvalho.
- 36) Lourenço Fernandes da Silva.
- 37) Miguel Ferreira Vilarinho, casado com Paula Pereira, Botelho pais de Mariana Ferreira Vilarinho, casada com Miguel Alves Ferreira e Manoel Ferreira Vilarinho.
- 38) Domingos Vieira Lean.
- 39) Rodrigo Bicoado de Andrade, casado com Maria Leite, filho de Fernando Bicoado de Andrade e Maria Leite do Rosário de Chassim. Pai de outro Rodrigo Bicoado de Andrade, casado com Gertrudes de Almeida Paes. Alguns de seus escravos: Josefa, Cláudio, Bernardo, Anastácia, Bernarda, Vicente, José, Caetano, Simão, Caetano, Gabriel, Garcia, Amaro, Antônio, Amador, Aracangêa, João, Tereza, Leandro, Luiz, Antônio, Jerônimo, Francisco, Marcelino, Alexandre, André, José, Ezequiao, Bonifácio, etc.
- 40) Antônio Silva Valença, requereu carta de sesmaria em 1755.
- 41) André Correia Toledo, filho de João Vaz Cardoso e Francisca de Freitas Côrtes todos da Vila de Taubaté - São Paulo, casado

Santos - São Paulo. Genro de João Gago Pais e Maria Almeida, naturais de São Paulo. Pai de António.

49) Martinho de Oliveira, casado com Josefa de Andrade pais de Frutuoso.

50) Manoel Leite Borges, natural de Mundim-Bastos-Portugal, casado com Josefa Ribeiro Souza, natural de Piauí - Minas Gerais. Filho de Manoel Leite Borges e Custódia Costa, naturais de Mundim-Bastos-Portugal, genro de José Rodrigues Veitum (ou Veitum) e Maria Assunção, ambos de Ita - São Paulo.

51) Manoel Gonçalves Fagundes, natural do Bispado de Pernambuco, filho de António Gonçalves e Azevedo Soares, casado com Faustina Mendes dos Santos, filha do sr. genro-mor José Mamede dos Santos, natural do Bispado de Coimbra e de Quitéria Mendes, preta-miã. São os pais de: Marcos António Fagundes, António Gonçalves Fagundes, Maria Gonçalves Fagundes, Ana Gonçalves Fagundes, Estêvão Gonçalves Fagundes, José Gonçalves Fagundes, Eugénio Gonçalves Fagundes e Inácio Gonçalves Fagundes que casou com Maria Bicudo de Andrade.

52) José António Albuquerque, de Minas Gerais, casado com Tomásia Rodrigues Rego Nunes, de Meia Ponte, filho de Augustinho Azevedo Albuquerque e de Rosa, genro de Sebastião Fernandes Rego, da Angola-Africa e Sebastiana, crioula, pai de Augustinho e Aguilã.

53) Florêncio Bicudo, casado comBicudo, pais de Dionízio, Pardos formos.

54) Francisco Bicudo, casado com Leonor Bicudo.

55) José Soares de Camargo.

56) José da Mata Ribeiro.

57) Capitão Batista José da Rocha, natural da cidade do Porto-Portugal, filho de Domingos Jorge e Hilária Gonçalves Rocha, todos da cidade do Porto-Portugal, foi enterrado na Igreja N. Sra. da Penha de Jaraguá em 1812, com 92 anos, dado sua

importância, deve ter sido comandante do armil. Casado com Francisca Maria Leite de Andrade, filha de Gertrudes Bicudo de Andrade e de Anitéz Correia Tolóco, neto anaterna de Fernando Bicudo de Andrade e Maria Leite Rosário Chassim e neto paterna de João Vaz Carvalho e Maria Freitas Côrtes, os filhos desse casal são:

57.1) Paulo António Rocha, teve 2 filhos: Marin da Conceição Rocha e Teodoro António Rocha, com Ana Rosa Moreira, a mulher que foi depois esposa do ilustre comendador Joaquim Alves de Oliveira, 1.º dono da fazenda Babalândia.

57.2) Ana Rocha Leite, casada com Francisco Xavier de Araújo Barros, natural da Freguesia de São Victor da cidade do Bragança, Portugal.

57.3) José da Rocha Leite.

57.4) Gertrudes da Rocha Leite, casada com José Soares da Silva, natural de Lisboa-Portugal, filho de José Luiz Monteiro e Helena Maria da Silva, são os pais de Ana Soares Silva, casada com Manoel Moreira Farinha, da cidade do Porto, e avós de Pedro e Inácio.

57.5) Major João Batista da Rocha, nascido em Jaraguá, em 1759, foi muito importante na época, casado com Joaquina Inácia Amaral, cujos filhos foram:

- 1) Francisco da Silva
- 2) Manoel Marques.
- 3) António Soares.
- 4) Manoel de Souza
- 5) António Nunes, casado com Iria de Oliveira
- 6) Maria de Lara
- 7) Gregório Garcês.

58) José Soares Silva, casado com Joana Gonçalves Costa, são os pais de Agostinha.

59) José Paiva Oliveira, casado com Maria Pereira Lemos, filho de António Paiva Oliveira e Eleno Ribeiro Macedo, todos da Vila Parralilha - São Paulo, Genro de Barrolomen Cunha Lobo

- e Ana Ribeiro Lemes, antigos de Guaratinguetá.
- 60) Manoel Souza Nunes, casado com Rita Soares de Almeida, são os pais de Ana.
- 61) Manoel Francisco, filho de Manoel Francisco e Maria Abrantes, naturais de Coimbra - Portugal, casado com Josefa Rodrigues Abade, filha do Capitão João Rodrigues Abade e Rosa Rodrigues, naturais de Braga - Portugal, são os pais de António e Manoel.
- 62) Raimundo Lopes Abreu, casado com Maria Cardoso, filho de Manoel Lopes Castelo Branco e de Maria Alveca, naturais de Santos - São Paulo. Genro de Gaspar Cardoso e pai de Bernardo.
- 63) José Nicasio Ferrás, casado com Bonifácia Maria Almeida, filho de António Ferrás, de Lisboa - Portugal e Tereza de Jesus, natural da Bahia, genro de Bonifácio Souza e Ana Maria Andrade. Pai de José, Manoel, Cipriana e Úrsula.
- 64) Martinho Fernandes Siqueira, casado com Maria Rodrigues Silva, filha de Domingos Fernandes Ramos e Maria Pires Siqueira, genro de João Pedroso Bischoff e Ana Pedrossa Caldeira, ambos de São Paulo. Pai de Manoel.
- 65) Agostinho Dias, casado com Inácia Maria Pedrossa, filho de Manoel João e Maria Dias, naturais do Bispado do Porto - Portugal, genro de Mariana Moraes.
- 66) António Lopes Martinho, casado com Micaela dos Anjos, filha de António Martinho de Póvoa, natural de Pinheiros, Arcebispo de Braga - Portugal e de Maria Lopes, natural de São Bartolomeu do Rego, Arcebispo de Braga - Portugal e genro de Joana Firminda (ou Raimunda) e pai de Maria, Joaquim Silveira Borges, casado com Margarida Silveira, natural da Ilha de Ilhéuvel, filho de Bartolomeu Silveira Borges e Isabel de Santo António e genro do Sargento-mor Gabriel José Araújo da Ilha de Santos e Catarina Cardoso Almeida de São Paulo. Pai de Inácio e Maria.
- 68) Fabiano José Teixeira, faleceu em 1752, enterrado na Igreja

N. S. da Penha de Jaraguá, casado com Maria de Jesus Alveca, irmã de Raimundo Lopes Abreu, filho de Manoel Teixeira e Mariana Couto, naturais da Ilha de São Miguel, Arquipélago de Açores - Portugal, genro de Manoel Lopes Castelo Branco e Maria Abreu, naturais de Santos - São Paulo.

Obs: Fabiano pode ser parente de Urbano do Couto, são da mesma região e têm o mesmo sobrenome.

- 69) João Pereira Fonseca, casado com Tereza da Silva, filho de José Fonseca e Ana Pereira natural da Vila Municipal-Lamego-Portugal, genro de Joaquim Silva Braga e de Perpétua Costa. Pai de Felisberto e Joaquim.
- 70) Luiz Pereira Botelho, casado com Clara Leite, pai de Felizardo.
- 71) Manoel Pereira Botelho, casado com Luiza Carvalho, Pai de Geraldo.
- 72) Hilário Rodrigues Araújo, casado com Rosa Pereira Botelho, pai de José.
- 73) João Ferrás, casado com Rosa Maria, filho de António Ferrás e de Maria, pessa fora, genro de Francisco Gil e Rosa Francisca.
- 74) José Rodrigues Lisboa, casado com Maria Álvares Figueira, pai de Leonardo.
- 75) Francisco Rodrigues Fraga, filho de Leonardo Brás Rodrigues Fraga e Catarina Moreira Vasconcelos, todos naturais de Pernambuco, casado com Joana Pereira Marinho, Genro do Dr. João Amâncio Macedo e Josefa Maria Meireles, ambos de Minas Gerais.
- Obs: Esse casal deve ser de muita projeção social pois o padrinho convidado para o batizado de seu filho Lourenço José, é nada menos que o Conde de São Miguel, D. Álvaro Xavier Botelho de Taveira.
- 76) António Lopes Marinho, natural de Braga-Portugal, casado com Micaela dos Anjos, filho de António Marinho do Ozó e Maria Lopes, genro de José Fernandes Anjos e Joana.....

77) Floriano Fernandes Siqueira, casado com Maria Rodrigues Silva, pai de Manoel.

78) Juana Maria Alves, mãe de Manoel.

79) João Fernandes Pinenciel, natural de Prados-Minas Gerais, casado com Ana Lemes, natural de Ouratungatã, filho de Antônio Fernandes Pimentel e Isabel Garcia Rodrigues, ambos de Taubaté - São Paulo, genro de Bartolomeu Cunha, natural de Taubaté e Ana Ribeiro Lemes, natural de Pindamonhangaba. Pai de Manoel.

80) José Antônio, natural de Minas Gerais, casado com Tomásia Nunes, de Vila Boa, filho de Augustinho Azevedo Albuquerque.

Cada um com suas famílias e seus escravos ali moradores do início até mais ou menos 1750, encontrados em registros paraguaitais, conclui-se portanto que muito mais seriam nesta época, e importante notar que a população era concentrada na zona rural sendo nos arruás suas casas para serem usadas durante as festas religiosas ou acontecimentos importantes.

Uma música para ilustrar: com a mesma melodia da música do descobrimento no início do livro.

O descobrimento de Jaraguá

O Bandeirante Anhanguera, em voo solo pisou. Encontrou muitas minas de ouro e do eldorado ele o arrancou. Trouxeram muito progresso, construíram Vila Boa de lá. Construíram Meia Ponte de cá e entre elas, construíram Jaraguá.

Jaraguá cidade antiga, com quase 300 anos.

Fundada por descobridores, os primeiros em solo goiano.

Naceu pertinho da Serra, majestosa ao seu pé.

Algumas casinhas rodeavam, a capela de São José.

É herói Urbano do Couto, Fernando Bicudo também.

Marechal Xavier Curado, Francisco Bulhões e outros com, O Anhanguera esteve aqui antes, antes mesmo de Santana fundar.

Registros feitos na pedra, estão aí pra provar.

PERSONALIDADES DE DESTAQUE NO INÍCIO DO SÉCULO XVIII

A) Em 1746, nasce na região de Meia Ponte (O Córrego de Jaraguá também faz parte do município de Meia Ponte), Joaquim Xavier Curado, filho de José Gomes Curado e Maria Cresceira de Assunção, o criador do Exército Nacional, como descreve detalhadamente o escritor Bernardo Ellis em seu Livro "Marechal Xavier Curado - Criador do Exército Nacional". Em 1762, vai para o Rio de Janeiro e ingressa no semitório de São José, estabelecimento destinado a receber orfãos.

- 1) Em 1764, ingressa no exército real como soldado noire aos 18 anos.
- 2) Em 1770, promovido a alferes.
- 3) Em 1774, segue para o sul sob o comando do Coronel Rainaldo Cajichoero da Guina Lebo.
- 4) Em 1780, retorna ao Rio em consequência da zezuga pelo tratado de Santo Ildefonso.
- 5) Em 1782, segue para a Paraíba Nova para combater índios amotinados.
- 6) Em 1792, deve ter assistido à execução de Tiradentes no Rio de Janeiro, onde estava servindo na época.
- 7) Em 1795, nomeado Governador de Campos dos Goitacazes.
- 8) Em 1799, já como Tenente Coronel de Infantaria, dirige a Academia Militar do Rio de Janeiro, onde introduz reformas no ensino e recebe a primeira missão secreta do Prata e es-

creve informações sobre a povoação e forças dos estabelecimentos espanhóis.

- 9) Em 1806, volta ao Rio e segue para missão secreta em Portugal e fica promovido a Coronel, passando ao cargo de Governador de Santa Catarina.
- 10) Em 1808, após ter deixado o governo de Santa Catarina, é promovido a Brigadeiro, partindo para Buenos Aires a mando de D. João VI, em segunda missão secreta no Prata, ganhando no posto de Marechal de Campo.
- 11) Em 1811, comando invadido ao Uruguai e funda a cidade de Livramento quando instala seu quartel ali. A paz foi assinada um ano depois e ele é promovido a Tenente General.
- 12) Em 1816, inicia nova campanha ao sul. É a terceira vez que ele comparece o goiano comandando operações de guerra.
- 13) Em 1820, é empossado no supremo conselho militar.
- 14) Em 1821, o general é designado para ocupar as Fortalezas na



Foto nos de grande-herald-jacques
Marechal Alexandre Xavier Curado

Barna no Rio de Janeiro e impedir a retirada de D. Pedro I.

- 15) Em 1821, D. João VI deixa o Brasil e o Marechal assiste sua partida.
- 16) Em 1821, após a partida de D. João VI, o General Avilez pressiona D. Pedro I a seguir as regras ditadas por Portugal e ele concorda com tudo. O povo se revolta.
- 17) Em 1822, declaração do BIA DO FICO, os Generais Curado, Oliveira Alvarez e Nóbrega procuram D. Pedro I, oferecem seus préstimos que são aceitos e o Príncipe expede ordens designando esses generais da subordinação do Governo das Armas e neste mesmo dia, ao ser procurado por Avilez, desfilia-o do cargo de Governador das Armas e em seu lugar coloca o Marechal Curado. À noite Avilez tenta prender o Príncipe que foge para os subúrbios. Quando amanece, a tropa do português Avilez ocupa o morro do Castelo com os seus canhões e no campo de Sentina as tropas ficas ao Príncipe que convida o povo à luta. Curado organiza o povo em bases militares. Em o começo de um exército só do Brasil. Pressionado pelas forças e pelo povo, sob o comando de Curado, Jorge Avilez se submete às ordens do Príncipe que deseja expulsá-lo do Brasil mas numa situação difícil pois Avilez cumpria ordens de seu pai e de seu povo de origem, os portugueses. Mas ele era Imperador dos brasileiros. Avilez finalmente parte para Lisboa.

- 18) Em 07-09-1822 é proclamada a Independência do Brasil.
- 19) Em 12 de outubro de 1822, aclamação do Imperador D. Pedro I e lá estava o comandante General Xavier Curado. Há gravura de Debetet fixando este momento já que não havia fotografia ainda.
- 20) Em 01-12- 1822 na cerimônia de Coroação e Sagração de D. Pedro I, Imperador do Brasil foi também criada a Ordem Imperial do Cruzeiro, apenas dois brasileiros a receberem: Antônio Carlos e Marechal Xavier Curado.
- 21) Em 1825, recebe o título de Barão com grandeza de São João

das Duas Barras.

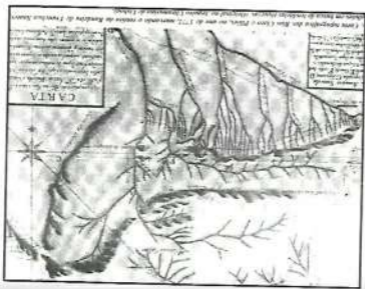
- 22) Em 1826, recebe o título de Couto do próprio Pedro I.
23) Em 1827, com 81 anos, evocara-se de suas funções e por decreto, em 1828 foi convocada a reforma do estatuto. Por coincidência o Uruguai vence a batalha e obtém sua independência.
24) Em 1830, morre e é enterrado na igreja de São Francisco de Paula no Rio de Janeiro, depois por ordem de D Pedro II, já em 1869, foram seus ossos depositados no cemitério de mesmo nome num jazigo perpétuo mantido erigir pelo Império.

O ilustre escritor Jirbas Jaime, escreve em sua obra, "Famílias Piratópolis", que o dito Marechal é filho de Piratópolis porque foi ali batizado, mas só ali existia nesta época um batismal e que a fazenda Santa Rita era de seus pais, respectivamente moestre trecho do jornal, "Provincia de Goyás", de propriedade do sobrinho neto do Marechal, Inácio Soares de Bulhões, no dia 25-08-1870 que diz: "...Jaraguá deu a luz ao retomeiro general, gaiano - Marques de São João das Duas Barras, Joaquim Xavier Curado.... Era, foi seu sobrinho que afirmou, ser ele de Jaraguá e é uma citação entre um intelectual dono de jornal e um celebre parente, cito também testado de óbito da escrava de seu pai, que diz: " Em primeiro de abril de 1732, faleceu Francisca, escrava de José Gonçalves Curado, enterrada na capela do Cogo assim fiz este assento, Vigário Pedro Moreira de Arujo". Ora, era natural asirem dos disertos para serem enterrados, casados, batizados na Matriz mas não o oposto e a fazenda Santa Rita era de seu avô materno, Cletão da Costa Abreu, portanto frequentada pelo neto. José Gonçalves Curado era filho de Manoel Martins, nesta mesma época havia com outra esposa que não a mãe de José Gomes, mas também muito comum a viver numa época que morriam muito cedo. Seus irmãos, no serem batizados, em nenhum caso foi citado o local.

Americano do Brasil afirma terem sido na matriz mas revendo tais batistérios nos registros paroquiais, verificarei o engano deste notável escritor. Existem muitos registros de seus pais em cerimônias e cargos em Meia Ponte mas também era fato comum pois o Córrego do Jaraguá fazia parte do seu município, era como se fosse hoje, Jaraguá e Miralândia, os fazendeiros em sua volta. As vezes tem cargos e residências ali também. Seja lá ou seja cá, passou com certeza sua infância e adolescência com sua mãe que após viúva, em 1755, estava morando com seu segundo marido, Francisco Soares de Bulhões, no 'Corgo', doce apelido do Arraial.

Humildemente requisitamos este herói para nós jaraguenses. Foi também dono da fazenda à margem esquerda do Rio Pari, subterros por tradição que era chamada fazenda do Contê, justamente limitando com o arrial original, esta terra foi doada ao seu padrao, Francisco Soares de Bulhões com carta de sesmaria do Capitão General João Manoel de Melo.

Francisco Soares de Bulhões - foi procurado pelo então Governador da Provincia de Goyás, Antônio Carlos Puroado de Mardoteça no Arraial do Córrego de Jaraguá para juntamente com o experiente bandeirante companheiro do Antanguera que ali também morava, Urbano do Couto Morezes, formarem uma bandeira e irem a procura de mais ouro pois as minas já estavam esgotando. Francisco Bulhões logo pois as minas já estavam esgotando, Francisco Bulhões falecer no ano seguinte, enterrado dentro da igreja Nossa Senhora da Penha de Jaraguá em 1772. Sem forças para aquela selvagem aventura, limitou-se a contribuir com um mapa, que ficou conhecido mundialmente pela riqueza de detalhes, como "Rotário de Urbano do Couto", já apresentado nesse livro, onde existava os caminhos a seguir, dando nomes aos acidentes geográficos que encontrassem. Até hoje muitos desses nomes são conservados.



Mapa que João de Castro fez em Bengual para seu sogro Francisco Xavier de Sá, após a sua chegada, forçado em Bengual a pagar a liberdade de 400 mil réis.



A pintura em uma colcha de algodão, representando a vida das fazendeiros de Jangapal.

Urhuano, deixou também muitos relatos orais aos nossos antepassados, alguns deles passados de pai para filho. Tinha um engenho no município (parece ser para o lado da Estiva, a precariedade dos arquivos inviabilizou termos esta certeza).

Foi organizada a grande comitiva, saíram seguindo a certidão de Urhuano, acharam muito ouro, mas Francisco percebeu que aquelas minas estavam situadas no terreno reservado da cacaia que na época era rei D. José substituído de D. João V. Esta cidade, mas fiel vassalo que em, voltou sem nenhum ouro. Esta empreitada foi um grande prejuízo para ele. Este prejuízo foi rela-

tado no Rei que não o deixou desamparado, nomeou-o Capitão da Cavalaria do Córrego do Jaraguá. Vêja a publicação da Patente:

"José de Almeida Fernandes Barrantes e Francisco da Góes Filho de Sua Magestade Fidelíssima, Governador e Capitão General da Província de Minas e Vila Rica, de sua real patência, etc.

«Foy sobre nos que desta carta patente viron que por se achar vago e posto de Capitão da Companhia de Guerra do Jaraguá, pertencente ao regimento Auxiliar de cavalaria de que seu Honorat. mandado a prohibiçã de a intelligẽcia de Francisco Soares de Bulhões. Foy por bem na forma do capitulo desesve da sua Magestade, fazer mercê de nomear e prover ao dito Francisco Soares de Bulhões no posto de Capitão de Companhia Auxiliar do Córrego do Jaraguá por passagem do João Pinto Barbosa Pimental, cuja companhia consta de 40 soldados e suas respectivas officinas. Com o dito posto, não haverá sido algum da Real Fazenda nos Governos de todas as heranças e privilégios, franquias e liberdades, que terão de lhe pertencer. Foy que, ordeno aos officios superiores do regimento como tal o honorem e estimem e deixem escrever e referir o posto e aos officiais e soldados seus subordinados lhe obediçam e cumpram suas ordens por escríptos e de palavras em tudo que for conforme ao real serviço, e não será obrigada a requerer a Sua Magestade a confirmação desta carta patente pelo seu Honrosissimo Ultramarinho, e o Sr. Provedor lhe mandará sentar prazo na referida Companhia na forma das Regas Ordenas. E por firmes de tudo mandei passar esta carta patente por mim assinada e sellada com o sellado de minha armaz e registrada na secretaria do Real Governo e vedado. Dada nesta Villa, Sen de Hojyas nos 4 de Junho do ano de assinalação de Nosso Senhor Jesus Christo de 1774. O Secretário Luiz Peleja de Góes Fializ e fca escrever. José da Almeida de Vasconcellos de Góes e Bulhões.»

Nesta mesma companhia já estava seu irmão Inácio Soares de Bulhões, desde 1763, como furtid. Esta carta patente, registrada na folha 43 do registro de patentes, terá a seguinte anotação à margem: «Foy sobre nos que desta carta patente, Luiz Alves de Almeida

por passagem do Quartel de Sua Magestade para o de Jaraguá». Isto occorreu de manço a maio de 1775 pois no mesmo livro à pagina 73 insere a nomeação do Capitão Amorim. Foy por bem, na forma do capitulo 18 de nos regimentos, fazer mercê ao dito Luiz Alves de Almeida de Vasconcellos para a companhia da Armada do Córrego do Jaraguá por ter fido o capitão de Francisco Soares de Bulhões». Em 20-05-1775.

O último documento recebido por Bulhões foi uma carta onde o Governador manda que prenda todos os paulistas que entrarem na região após 1773, de certo recurso apontando a insatisfação popular, o Governador toma a insiar a 03-03-1775. Ora, então veio a falecer entre 03-03 - 1775 a 20-05- 1775 e certamente enterrado com honras na Igreja N. S. da Penha do Jaraguá, como era o costume.

Francisco era casado com Maria Cerqueira de Assunção, a mãe do Marechal Joaquim Xavier Curado, foi um grande incentivador da escolha do estado e deve ter também usado de seu prestigio junto ao governador para facilitar o inicio sempre tão difficil de sua brilhante carreira. Seu unico filho, Inácio Soares de Bulhões foi casado com Maria Rosa de Brito, filha do sargento-mor Boas Seixas de Brito e Ana Maria Joaquina e não deixou descendentes conforme seu inventario.

OBS. Na partilha de terrenos auxilíeros, ao tel se reservava a quinta parte e esta escolhida no melhor lugar onde a pinta de ouro era mais rica. Esta pinta podia ser mijerada por administração, por conta da fazenda real mas em geral vendida em praça inflando-se superintendente das terras mineiras. Desde 1725, quando foi descoberto diamantes em Minas, o governo não subia como controlar os impostos então criou leis tão severas que caberem rolavam se não fossem cumpridas, estabelecendo serem reservadas ao rei toda terra diamantifera. Esta região dos Pilões da Província de Goiás esteve fechada sob forte guarda até 1751 quando o rei mandou Brant explorá-la e não achou sequer uma pedra, assim sendo travou a vigilância mas continuava a ser reserva de ouro para S. Magestade e durou até 1801.

C) Capitão Urbazo do Couto, um grande herói, já muito citado em páginas anteriores, foi, como ele próprio escreve em seu relato sobre a bandeira do Anhanguera (ver no início) um médico de almas, amando os mortibondos companheiros de jornada com os seus "sermões", dono de engenho nas proximidades do Arraial do Córrego do Jaraguá e de escravos, casado com Maria Nunes de Oliveira. Sua filha Ana do Couto Meneses, nasceu ainda em Santana e seus netinhos Lizandro e Elena nasceram já aqui em seu engenho, em 1746 e 1748, respectivamente, a primeira notícia registral dele foi em 1742 quando batiza a filha da escrava Rita em seu engenho.

D) Coronel Fernando Bicudo de Andrade também já muito citado anteriormente, é muito citado em livros de histórias: "Genealogia Paulistana" de Luiz Gonzaga Silva Leme, "Nobiliarquia Paulistana" de Pedro Taques sobrinho do genro do Anhanguera, Ortiz, "Os Primeiros Trezentos Paulistas" de Alfredo Ellis Jr., "Anais da Província de Goiás" de Alencastre e muitos outros. Como era dono de quase uma centena de escravos, como citam os registros paroquiais, as curtas de sermões de posse das terras não lhe era negado, pelo contrário, em o preferido para receber as terras pois tinha mais recursos em explorá-las. Suas terras abrangiam a região de hoje, Santo Antônio, Bom Jesus e Taboão, indo até as faldas da Serra de Jaraguá. Veio para estas bandas com toda sua família, os quatro filhos já adultos: Gertrudes, casada com André Correia Tolado, Rodrigo, casado com Maria Leite, Atanásio, casado com Agostinha Rodrigues Bueno e Maria Joana, casada com Antônio Luiz Lisboa, fiscal da real capitania, em 1749. Delimita grande geração. Era genro de ilustre família paulista, os Chussinas.

E) Gregório Pereira Farinha, foi juiz ordinário, uma espécie de prefeito do local, curtidouro do Conde de São João das Duas Barras, Joaquim Xavier Casado, Natural do Arcebispado do Porto - Portugal, primeiro marido de Felicidade Antônia Cura-

do, Pai de Ana da Purificação Farinha, Gregório Pereira Farinha, Tereza Pereira Farinha, Francisca de Paula Farinha, Maria Joana Farinha, Joaquina Pereira Farinha e Ana Tomázia Farinha.

- F) Inocêncio Soares de Aguiar Montalvão, natural de Lisboa, segundo marido de Felicidade Antônia Casado, irmão do Conde, filho de Cipriano Soares Aguilir e Tereza Maria de Jesus.
- G) Luiz Paulinho da Silva, irmão de José Paulino da Silva que recebeu carta de sesmaria em 1768, na fazenda Cachoeira, ambos de Lisboa. Casado com Maria de Jesus que faleceu em 1777, enterrada na igreja N.S. da Penha, filha de Custódio Francisco de Abreu, natural de Viasa, Arcebispado de Braga - Portugal e de Inácia de Assunção Ferrás, desta freguesia.
- H) Capitão Pantaleão Pedroso Bonfanti, dono da fazenda Lagozinha deste município e pai do suposto fundador de Curralinho (Itaberá), Casado com Maria de Campos, São os pais de Ana, casada com Caixão José de Almeida e Luciano, Era filho de João Lemos Bonfanti e Maria Pedrosa, genro de Valério Cerqueira Childeira e Ana de Campos, todos do Vale do Paraíba, bispoado de São Paulo.

A VIDA RELIGIOSA

Como já dissemos, nos primórdios de Jaraguá, havia uma única e pequena capela onde raramente vinha um padre, era o Capela de São José, abandonada após a mudança do arraial, veio a ruir-se e podemos ver apenas as ruínas, durou até quase o fim do século do nascimento de Jaraguá. Vários padres vieram até ela dar os sacramentos e pregar os evangelhos mas o que mais durou foi o coadjutor Manoel Pereira de Souza, irmão de Caetana Pereira de Souza, casada com Antônio Boegas de Carvalho, geneára desta ilustre família, com muitos descendentes e a esse padre se fez homenagem dando o seu nome ao Rio Padre Souza ao sul de

Jaraguá. Foi um gigante de seu tempo, sem muitos títulos, percorria toda a região de Meia Ponte, humildemente em seu cavalo, várias vezes no ano, pregando e evangelizando por todos os distritos e fazendas. Isto por mais de meio século, enfrentando animas e índios pelos caminhos. Teve um sobrinho com o mesmo nome que foi capelão em Meia Ponte onde fundou um educandário. O Padre Manoel Pereira de Souza, primeiro deste nome foi capelão desde a antiga capela de São José até a imponente igreja Nossa Senhora da Penha construída em 1748 e faleceu em 24-01-1799. Sentou-se de Penha construída em 1748 e faleceu em 24-01-1799. enterrado debaixo do altar desta nova igreja sem nunca deixar de visitar o sortido, nesta época o Côrrego de Jaraguá fazia parte da freguesia de Meia Ponte e só veio a ser autônoma em 17-10-1833, com mais de um século, indo para lá os registros de todos sacramentos ali realizados e indo para lá todos que não quisessem esperar pela vinda do capelão para realizar os batizados, casamentos e até mesmo extrema unção e óbitos. Ao observar os Registros Paroquiais, notamos que logo após a construção da nova igreja, os registros sumiram dos livros de Meia Ponte, para voltarem no final do século XVIII e início do século XIX, de certo ficaram em livros próprios que infelizmente foram queimados em 1996 quando o padre da época mandou cobocar no fogo tudo que tivesse mais de cem anos, só os mais conservados foram poupados. Triste desfecho para nossos arquivos, já que em 1900, polílicos interessados em desaparecer com certos registros fizeram queimar os arquivos municipais.

Outros visitadores apareceram, como Pe. Georçalo José de Sá Goedés em 1742, Pe. Antônio Vieira em 1755, Pe. Custódio Barbosa em 1757, Pe. José Correia Leite e outros.

Em 1803 chegou novo coadjutor ao Côrrego de Jaraguá, Padre Silvestre Alvares da Silva, e é colado padre com a criação da Freguesia, passando a Igreja N. Sra. da Penha à categoria de Matriz, em 17-10-1833, foi flucente onder, eleito deputado na constituinte de 1722, juntamente com o comendador Joaquim Alves de Oliveira dono da fazenda Babibônia e o comendador João quis assu-

mir). Foi citado nos livros dos estudiosos europeus que visitaram o Brasil quando D. João VI abriu os Portos Brasileiros às nações amigas, como sendo muito culto. Nasceu em Tralhinhas em 31-12-1773, irmão unilateral de outro também padre, Manoel da Silva Alvares de outro Antônio Alvares da Silva, casado com Benedita Francisca que é genearca desta família em Jaraguá.

Seu casamento de moçada ainda existe, por falta de interesse das autoridades, este marco histórico pode vir a ruir-se, deixando sem passado este povo varonil. Domo de mais de trinta escravos, como é citado nos livros eclesásticos.

O ancestral de óbito diz: "21-08-1864, 36 anos mais de 20 para da mãe, faleceu nesta vila em todos os sacramentos o Vigário Gilberto Alvares da Silva, filho legítimo do finado Capitão Manoel Alvares da Silva e Francisca Machado Ferreira, com 80 anos quatro meses e vinte dias. Viveu de sempre de vigário desta freguesia mais serviu 41 anos, fidalgo do Arca do Ceará, freguesia de St. Ger. da freguesia de Tralhinhas desta Província de Goiás, amarcilhado nas vestes sacerdotais e acompanhado, honestidade e espiritualidade dentro desta matriz, óbitos da campo nº 2.

Antes o padre coadjutor, Manoel Ribeiro de Freitas."

Com sua morte, o padre coadjutor Manoel Ribeiro de Freitas, passa a ser o titular na igreja, nascido em Tralhinhas, filho do Capitão de Ordenança, Joaquim Ribeiro de Freitas e Dona Laura Inocência Fariña (*). Assim diz seu ancestral de óbito: "Aos 28-10-1892, duas horas e dez minutos, nesta Vila, faleceu o Padre Manoel Ribeiro de Freitas, vigário nesta freguesia desde 1864, nascido na

* A nobre Luiza Brasileira Fariña e o nobre Manoel Ribeiro de Freitas, casados em 17-10-1799, tiveram filhos Manoel e Rita de Lour Cocho Fariña e Anna Emilia Leite sua esposa e que da sua união de óbito filho seu filho e pai Manoel Ribeiro de Freitas. Aos 18-02-1890 mandou-se dar parte, o Reverendo Padre Manoel Ribeiro de Freitas, que habitava nesta Vila, com todos os sacramentos, sua mãe, Luiza Inocência Fariña, branca em 71 anos, viuva do Capitão Joaquim Ribeiro de Freitas, fidalgo serviu José Fariña e dona Inácia Lourenço. Sepultura na Matriz debaixo da capanga nº 2.

Portanto o sepulcro pertenceu ao fidalgo Fariña, realmente, não se está ardear que ocupou tudo para José Fariña Cocho, também não há registro óbitos da família Fariña.

Vila de Trilhães a 25-08-1815 178 anos, filho dos finados Capitão Joaquim Ribeiro de Freitas e Luiza Inocência Furtada, ordenou-se sacerdote em 16-12-1838, foi sepultado dia 29 na cunha da matriz."

Esse Padre teve oito filhos com Joaquina da Silva Machado fato que era muito comum na época.

Após a morte do Padre Manoel Ribeiro de Freitas os vigários os não duravam muito no cargo:

1892 - 1911, Francisco Xavier da Silva

1901, João Marques Oliveira, tinha a melhor esigrafia

1903, Francisco da Cunha Peixoto Leal

1907, Miguel Soler

1911-1920, Padre Angelo Garcia Cordovilva que mandou desmanchar a matriz de quase dois séculos e sumiu todo seu ouro.

1912, José Garmendia

1913, Bruno Alberdi Zugadl, etc.

OS COSTUMES DOS NOSSOS COLONOS

Povo antigo, sóbrio, asseado, sem luxo nos arruaís, hospitaleiro, não fazem muito uso do álcool, quase não existem ladrões, os moradores recebem os viajantes dando-lhes alimento e pouco de grãoa, quando chegam um estranho, o dono vem recebê-lo, um criado serve o café e as mulheres se recebem em suas aposentos, um pouco semelhante às orientais. Quando vão às festas religiosas nas igrejas, quase todas acompanhando o chefe da família, ao se acomodarem retiram os incômodos sapatos pelo pouco uso, como disse Saint Hilaire ao observar as mulheres dentro da igreja N. Sen. da Penha. As igrejas tinham ricos candeeiros, finas pratinhas e jóias, as festas religiosas eram uma tradição muito apreciada, contavam-se os dias para sua chegada, Ladainhas, novenas, missas solenes, procissões, foguetórios, levantamento de mastro, festa do Divino Pai Eterno, nas ruas do lugar ou nas fazendas, cuja

entrada era um atraente acontecimento. Ao lado das festas religiosas destacavam as festas profanas, entrada da rainha, coroação do imperador, congada, bando, moçambique, fôieira, tapucas, coroação do rei coego, cavallhada trazida pelos portugueses que representam a expulsão do povo mouro -árabes, de religião mulsunmana, que invadiu a península ibérica desde 711 até o ano de 1139 quando foram definitivamente expulsos de Portugal pelos cristãos.)



Uma de várias peças de madeira de espécies muito finas de Zangue

As moradias são simples e baixas com poucas janelas onde há um ou dois mais abastados, o mobiliário do homem comum é simples, alguns utensílios em cerâmica, o pilão que não pode faltar, o pote onde conservam a água fria, o coute ou a cuia para dela beber, o banco largamente usado como assento, poucas cadeiras, uma mesa grande onde a família se reúne à noite, às voltas da emenda de azeite para contar seus enzos, poucas vasilhas de metal ou louça já que eram importadas da Europa, o fogão alisado com



Plano de quartel de arribalica por verso do século XVIII

tabealiga branca que dá um visual agradável contra a fuligem que empreeija as paredes e telhas; o desmenaçador de algodão, a cueda, pente para desembaraçar os fios de algodão, a ou linho, o fuso, a roda de fiar e o tear para a confecção de quase todo tecido usado. Habilitadas mãos tecem os fios e lãs dão cor com uso do chá de anil para obter o azul, urucum para obter o vermelho, desenhando artisticamente as mantas que servirão de cobertas, vestidos, forros e ainda delicadamente bordados ou feitos com croché.

O Chão quase sempre de terra batida, às vezes revestidos de madeiras, emitem som agradável com passos sobre elas, as portas e janelas muito altas, alcançando o teto em portas bastante grossas, alguns mais abastados podem usar o vidro ou malacachetes nas janelas e até grades de ferro. Um armário no fundo da varanda onde se guardam as melhores louças e as composições de doces. O apicar é feito nos engenthos da região, o sal extremamente caro, é pouco usado causando com isto o bócio, doença que aumenta as glândulas do pescoço e muito comum naquela época por falta de iodio do sal.

As camas são rusticamente construídas e seu estrado é feito de

couro de animal, sobre ele um colchão feito de capim ou palha de milho, os travesseiros feito com as sementes plúmbeas dos pimentões ou perais.

Fuz parte da mobília do quarto uma caixa grande de madeira, com pés, às vezes revestida com couro e adornada com cravos metálicos. O urinol é indispensável debaixo das camas pois aliada não existiam banheiros internos.

Nas fazendas existia sempre o engenho para fabricação do açúcar e da aguardente, a prensa de massas para a fabricação da farinha de mandioca, o carro de boi para o transporte em geral, o moçulão onde se triturava o cereal, os jacús feitos de filares de bambu onde se carregava e media a colheita, as tuias, às vezes de madeira, às vezes de adobe, serviam para guardar os mantimentos colhidos para despensa, os arados puxados a boi.

Interessante observar como eram adquiridos os escravos: no necessitar de um, iam à casa de quem os tinha, negociavam e já o levava para si, como se faz hoje ao se comprar gado. Entretanto, apesar deste estranho costume, não se tem notícias de maus tratos exagerados na região. Coexistiam juntos com relativa harmonia.

A vestimenta diária, era de tecidos fabricados ali mesmo, revestido os tecidos importados para as festas. Sempre haviam os mais abastados onde o luxo imperava, seus móveis mais finos e trabalhados, na região existiam habilidosos artesãos que trabalhavam inclusive com ouro e prata.

O concubinato era muito comum, em geral os escravadores viviam sem família, com as escravas de mulheres brancas, juntavam-se com as nativas e mesmo com as mestiças, gerando famílias honradas e bem aceitas na sociedade. Nos livros de Registros Paroquiais, os únicos que existiam, nota-se o grande número de filhos "naturais" mas com o sobrenome do pai, os senhores com suas escravas assumindo ou não a paternidade.

Os governos eram particularmente avessos aos índios devido aos múltiplos ataques, várias tribos foram dizimadas e vários outros também, mesmo assim a união com índias era comum.

As profissionais no fuso e teares representavam 60% da mão de obra feminina, por isso a produção de algodão se fez necessária e o solo era propício. Chegamos a exportá-lo para o Pará, por vias fluviais e para a Bahia e Rio de Janeiro em lombo de bois.

A Produção dos engenhos nas minas foi, em 1739, proibida, mas a insensatez da ordem fez com que os governantes fizessem 'vista grossa' aos mandos reais, argumentavam que ao trabalhar no engenho, diminuía a mão de obra na mineração.

Até 1778 durou o apogeu do ouro, onde moças salpicavam pó de ouro nos cabelos para ir em às festas.

Durante todo o tempo o rei experimentava uma maneira de cobrar os impostos como já foi citado. O quinto do ouro, durou de 1727 - 1749. Depois o imposto era pago pelo número de escravos na mineração, por cada escravo possuído o dono pagaria 19.4 de oitavas de ouro por ano ao rei, resolvía o problema de contrabando mas revoltou a população pela injustiça para quem tivesse mina de pouco rendimento.

A exploração foi estendida às lojas, as grandes pagariam 60 oitavas, pequenas 30, mínimas 15 oitavas de ouro por ano.

Em 1752, volta a forma do quinto e o castigo para quem desobedeceu em detrato nas Índias ou comércio dos bens.

As lojas daquela época, muito sacrificadas pelos impostos, repassava ao consumidor em forma de aumento nos preços.

Vendiam de tudo: ferramentais, tecidos de lã, seda, lousas, armas e sal importados, guardanetes - toucinho, fumo, feijão, sola, carne, café, rapadura, tecido de algodão, açúcar, algodão, trigo, marmelada, arroz, pólvera, chumbo, ferro, aço, papel, chapéu, braca, etc..

PREÇOS

Algodão em rama	25400 a arroba
Tecido de Algodão	\$150 a vara
Ouro em lavras	15 200 a oitava

Apicar	15 800	a arroba
Aguardente	15 800	o barril
Bapadim	\$ 0,75	a unidade
Café	15 800	a arroba
Toucinho	15 800	a arroba
Carne seca	25 000	o boi
Sola	\$ 600	um meio
Fumo	15 500	o rolo
Feijão	\$ 200	o alqueire

Em Araguaá, na época da mineração, havia 4 companhias de exército, uma de cavalaria, duas de infantaria e uma de ordenança, para defender os rendimentos reais, para defender a população dos índios, calipós, avós-canoiros, etc. Com as forças armadas a Província gastava metade de seu orçamento. A 1ª companhia que veio para Goiás teria 44 praças, capitão, tenente, alferes, tambor, 3 cabos de esquadras, e 37 soldados.

Salário do sargento mor do 1º regimento	60 \$ 000
Salário do ajudante	60 \$ 000
Salário do sargento mor de infantaria	39 \$ 000
Vigário geral	120 \$ 000
1º Capitão	60 \$ 000
Tenente	40 \$ 000
Sargento	9 \$ 000
Furiel	7 \$ 000
Soldado	7 \$ 000
Professor	12 \$ 000
Professor das primeiras letras	4 \$ 500
Escravo	300 \$ 000

O preço de um escravo bom era de 300\$000 se sua produção fosse de 20\$000 de ouro em seu período produtivo, logo se pagava o capital empregado.

Em 05-01-1785, acreditando que a diminuição da produção de

ouo fosse por extrair de mãos de obras para outras funções. D. Maria I proibiu que no Brasil se criasse indústrias de qualquer tipo, o que foi péssimo para o desenvolvimento das tecelagens, das manufaturas, etc.

A ordem de seu filho o então príncipe regente, pôs fim a este absurdo com o seguinte decreto:

"Eu, o príncipe regente faço saber aos que o presente alvará virem que, desejando promover e adiantar a riqueza nacional, e sendo um das necessarias d'ella a manufactura e a industria, que multiplicam a manan, e dão mais vigor aos gêneros e produtos da agricultura e das artes e augmentam a população, dando o que forer a muitas braxas e fornecendo meios de subsistencia a muitos das suas familias, que por falta deoas se atregeriam aos vícios de ociosidade e convendo renovar todos os estabelecimentos que podem inutilitar e fructuar tão vantajozos promozios, seu servido, abster e revogar todo e qualquer prohibiço que haja a esta respeito no Estado do Brazil e nas suas deminças ultramarinas e ordenar que daqui em diante seja lícito que qualquer das meus vassallos, qualquer que seja o paiz em que habitarem, estabelescer todo o gênero de manufacturas sem necessitar de licença, fazendo os seus trabalhos em prezente ou em fôrmas como entendem que mais lhes convém, para que hai por bem derrregar o alvará de 01-1786 e qualquer leis ou ordens que no contrario decidam, como se delleas fuisse expressa e individual menço sem embargo de lei em contrario. Qulo que manda ao presidente de meu real arçêbis, governadores e capitães-generais e mais governadores do Estado do Brazil e deminções ultramarinas e a todos os ministros de justiça e mais pessoas a quem e obrigados e a todos os perensos, compuzes e guardem e fizeem inteiramente cumprir, guardar este meu alvará como nelle se contém, sem embargo de qualquer lei ou disposiço em contrario, as quaes hai por derogadas, para este effeito somente ficando ellas sempre em seu vigor. Dado no palácio do Rio de Janeiro a 1º de abril de 1808. Príncipe D. Fernando José de Portugal. Pela ordem D. Inez de Alencar." 79

Mas era preciso mais, haveria de facilitar o transporte dos pro-

ditos para serem exportados. Para o Pará a navegação do Rio Tocantins e do Rio Araguaia facilitava este transporte, mas para São Paulo e Rio de Janeiro o percurso era por terra em lombo de animais o que encarecia muito a mercadoria. D. Fernando sabia que pelo Rio Tietê, Paraná, Camapuã e Itaquari, viajava-se do litoral até Curitiba. Porque não chegar até Vila Rica? Busava para isso, subir o Paraná, Rio Verde e Rio dos Bois. Foi o que mandou investigar e para esse serviço ofereceram-se Estanislau de Oliveira Góes e para o transporte das águas de 1808.

Diz Cunha Mattos: "Entregue à violência das correntezas e ignorando talvez a verdadeira situação da foz do Rio Tietê, varou de noite a boca deste Rio, que tinha ordem de subir até São Paulo e foi precipitar na célebre Cochocim de Sete Quedas no Rio Guaira onde a caraca se fez em pedrapos."

Juraguá também exportava seu produto, o ouro estava já quase extinto, mas a criação de gado e as lavouras começavam a dar lucro, inclusive, Antônio Felix de Souza estava experimentando a lavoura de chá, com sucesso. A industria de tecidos finos desabrochava, mas ficou atrasada em relação a Europa que já dava os primeiros passos para a industria acionatada de tecidos.

Enquanto tudo isto acontecia por aqui, na Europa, o gênio militar do jovem General Napoleão Bonaparte, triunfou sobre os exercitos das monarquias absolutas e se tornou imperador da França. Apenas a Inglaterra, por causa da sua posição estratégica, não por todos os lados, facilmente se protegia com sua poderosa marinha, tinha condições de desafiar a França. Napoleão teve a única estratégia possível, estabeleceu o bloqueio continental, proibiu o comércio dos países europeus com a Inglaterra.

Isso foi um dilema para Portugal que tinha na Inglaterra um cliente para os produtos das colônias, já não gozava da opulência dos últimos anos, ainda mais depois do terremoto que destruiu Lisboa em 1755 e que foi totalmente reconstruída gastando todo o ouro que tinha do período de abundância. Só nos 17 anos de miséria sofreu, arrecadou de impostos mais de 10.000 Kg deste rico metal.

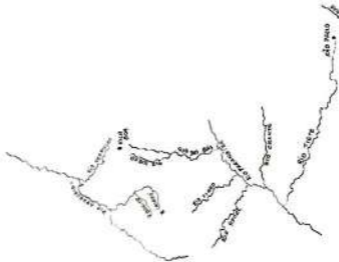
D. João VI era regente desde 1792 quando sua mãe D. Maria I foi considerada louca. Então declarou Portugal neutro na briga, acusada a Inglaterra apelou. D. João tinha que tomar uma decisão, da qual os ingleses dependiam, combinaram de mudar a corte portuguesa para o Brasil. Lorde de Napoleão, podia fazer como quisesse e a Inglaterra se responsabilizaria pela escolta por mar afóra, e em troca, poderia ocupar a ilha da Madeira e outras vantagens mais. Napoleão, a por desta traição, invade Portugal, é então feito de partir. Saíram dia 29-11-1807 e chegaram à Bahia 22-01-1808 no Rio de Janeiro em 07-03-1808 com quinze mil pessoas nobres, funcionários de alto escalão, padres e criados, carregando consigo tudo que podiam carregar, jóias, prata e móveis.

Dá para imaginar a situação, todo aquele povo chegando no Rio de Janeiro de surpresa, não havia onde acomodá-lo, as melhores casas foram ocupadas e seus donos retiraram-se para suas chácaras.

Esta vinda foi muito benéfica para o Brasil, melhoraram as ruas, calçadas, saneamento, escolas, teatros, palacetes. Criaram escola superior de medicina, física, matemática, engenharia, bibliotecas e a imprensa régia, até então, tipografias eram proibidas no Brasil. Foi um bombo de civilização, beneficiou não só para os casoiros mas para todos os povos. Com a abertura dos portos as nações amigas que tinham livre acesso ao mercado brasileiro, beneficiou muito nosso açúcar e todo produto de exportação.

As notícias demoravam 3 meses para chegar, muita coisa já tinha acontecido quando tomavam conhecimento, mas foi recebida com muita alegria pelos jaraguenses principalmente pelo grande número de portugueses que aqui moravam.

De 1795 a 1811 a peste da varíola assolou o país, em Jaraguá, quase todas as casas tinham tido um morto pela "bexiga", nome pelo qual era também conhecida, os registros de óbitos aumentaram. D. João importou a vacina que tinha sido inventada em 1792 na Europa, pelo médico Edward Jenner, onde uma colônia de bac-



Aqui era o cemitério Jaraguá, preservado para ser de São Paulo e Jaraguá, pelos seus antigos moradores.

terras era colôreadas num caldo de batata para proliferar e dela deveria ser tomado um copo efêuo, a repugnância ao aspecto de pus, foi um grande obstáculo ao salvamento da vida, ainda mais pela inevitabilidade dos legêneos colônias, esta vacina ficou combatida como pus vacínico, enfim a peste foi controlada.

A vida melhorou nesta remota terra de Jaraguá, como para todo o país, a produção teria melhor escoamento e as importações seriam mais baratas, além disso, atraía cientistas do mundo inteiro para retrair o nosso cotidiano e as vezes ensinando e estudando esta curiosa terra até então, proibida aos estrangeiros.

Em 1813 veio o Barão Heinrich von Langsdorff da Rússia, em 1815 o Príncipe alemão Maximilian von Wied-Neuwied pesquisou sobre índios, fauna e flora.

Em 1819, John Freyrezael Pöhl, cientista austríaco a mando do seu Imperador, também chegou em Jaraguá e fez os seguintes comentários no seu livro: "Viagem ao Interior do Brasil". "...depois de três léguas avistamos o Córrego de Jaraguá, alcançamos o sítio Tamandujá perto do córrego Roca Maria.....lá chegando pelas 5 horas da tarde, acampamos num rancho destinados aos viajantes. Eu tinha uma carta do vigário de Tróbas para seu irmão o vigário local que nos enviou várias iguarias do lugar. Visitiei também o honrado comerciante Jerônimo e achei-o muito doente, caído do burro queirram a cavaleira. Segui para a capital..... Na volta fui hospedado em Jaraguá, na casa de um muito gentil senhor moçoço, que me alojou em um quarto muito aseado, cortinas de crochê, cobertas bordadas, copos de pratas e talheres com ouro, mas daria tudo isto por um copo de água potável....."

Em 1816 veio o francês August Saint Hilaire, que inclusive esteve em Jaraguá e fez o seguinte comentário no seu livro: "Viagem às Nascentes do Rio São Francisco e Pela Província de Goiás". "... fui enviado na frente José Mariano, com duas cartas de recomendação ao capelão do lugar este me acolheu muito bem; alojou-me numa casa bastante cômoda, fez-me trazer água e lenha pelos seus escravos e convidou-me a jantar em sua

companhia.....esta povoação é situada numa vasta planície coberta de bosques, rodeada de montanha mais ou menos altas das quais a mais próxima, ergue-se quase a pique e produz um belo café na paisagem. Jaraguá me pareceu quase tão grande quanto Meia Ponte, mas é muito menos deserta, suas ruas são porém menos bonitas e menores e não se vê mais que duas igrejas. Nesta povoação as minas não estão lentamente esgotadas (20-06-1819) continuam as umas quarentas pessoas livres e escravas que trabalham ainda na escavação de ouro. A agricultura e a criação de gado é a principal atividade de vários de seus habitantes, muitos engenhos de açúcar, ocupando de trinta a quarenta escravos, cujos produtos se vendem para a capital. A moléstia comum é a hidropisia, a mortifera não é muito rara, em 1795 nesta povoação houve uma epidemia cuja lembrança não se apagou; ainda que se atribuem, como disse o Dr. Pöhl, a reservatórios de água dos miasmas, sujando e tornando-a não potável.....Aproveitei minha estada em Jaraguá, para colher plantas na montanha a pique.....lá encontrei grande numero de indivíduos de uma espécie de acará que não me lembrava de ter visto ainda. O fruto desta árvore é de gosto agradável e encontram-se também bocupari que atraem muitas pessoas à sua procura. Durante a minha estada ali o capelão me cobriu de gentilezas.....ouvi falar nele, desde o Rio onde fez seus estudos, e seu interesse pelas matemáticas, aprendeu também um pouco de grego e filosofia e entendeu o francês que era a língua usual dos livres que chegavam até ali.....Antes de deixar a cidade, ouvi missa na igreja principal, que achava bela e decorada com gosto. Segundo os costumes, as mulheres ficam ajoelhadas na nave, todos envolvem em capis de lã, apenas com um lençolho simplesmente colocado na cabeça. Notei que após sentarem várias irmãs os sapatos.....Não é apenas a igreja de Jaraguá que testemunha o gosto e habilitação dos goianos.....vê móveis e pintarias feitas na região, muito bem trabalhados....."

Em 1821 veio Saint Moris Rugendas, mandou o Brasil todo, como não havia fotografias ainda, descreveu em aquetras muitas

fatos interessantes da época que temos até hoje nos nossos livros escolares de história.

Em 1825 Luiz D'Almeida, publica "Memória Sobre a Viagem do Porto de Santos à Cidade de Curitiba", passa em Jaraguá e diz: "...O Arraial do Corrego de Jaraguay está na Latitude Austral de 15 graus e 53 minutos, e longitude 47 graus e 51 minutos de Greenwich.....em local desfrutado..... sua força militar consta de uma companhia de cavalaria, duas de infantaria e uma de ordenança....."

Em 1828 Buchell retratou a praça de Jaraguá, e é a primeira imagem do passado que temos, esteve aqui também (ver descrição na página 40).

Todos estes cientistas, escreveram seus livros repletos de informações e desenhos que trouxeram até nós os costumes dos heróicos colonos, nossos antepassados aos quais devemos honras e respeito, divulgação nesta terra pelo mundo inteiro.

O Brasil implacavelmente se expandia, foi nesta época, finalizando em 1821 a conquista do Uruguai, tendo no comando nosso herói Jaraguense: Marechal Joaquim Xavier Curado e por retaliação à França, D. João VI invadia também a Guiana Francesa: para acomodar a ganância inglesa que queria dividir os países e não aumento, isso acampalaria sua pretensão de dominar um Brasil independente. D. João se antecipa, elevando o Brasil a categoria de Reino Unido a Portugal, não seria mais necessário a independência, quem agora não gostou foram os portugueses que haviam ficado em Portugal, sentiram-se rebaixados como colônia do Brasil. Estrategas foram planejados para levar de volta o rei: o Brasil assistiu desolado seu soberano obrigado a voltar em 26-04-1821, porém, muito inteligente, para abafar o sentimento de Independência do povo brasileiro, deixou conosco seu filho, D. Pedro de Alcântara Francisco Antônio João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon. este era o nome completo de D. Pedro II*, como regente mas levaram todas as reservas do

tesouro público, o lastro de ouro do Banco do Brasil, que havia sido criado pelo próprio D. João VI em 1808, mais de 60 milhões de cruzados.

Novamente os comerciantes portugueses não ficaram satisfeitos com a atitude de D. João VI, queriam a volta de D. Pedro também, queriam o Brasil como colônia, muitas crises políticas apareceram no Rio de Janeiro. São Paulo, Bahia, Nordeste, exigindo que D. Pedro ficasse no Brasil, assim, a ruptura com os portugueses seria menos dramática. A 09-01-1822 ele declarou que fica no Brasil. O dia do FICO como ficou registrado.

A pressão portuguesa por sua volta aumentou, os generais das forças armadas eram portugueses e acatavam as ordens de seu país, de que levassem de volta o príncipe nem que fosse à força. Foi aí que o general jaraguense Joaquim Xavier Curado, General Oliveira e General Nobrega, tomaram conhecimento da trama do governador das Armas, Jorge Avilez pela ida forçada de D. Pedro, num sentimento patriótico se organizaram em volta do príncipe dando-lhe proteção, o príncipe exonerou Avilez e o substituiu pelo Marechal Xavier Curado que reúne todo militar brasileiro. Nasceu aí o exército punhente nacional, como já foi dito anteriormente.

Com forças revigoradas D. Pedro I a 07 de setembro de 1822 proclamou a independência, neste mesmo dia a adretilinha do príncipe, em alta, compõe o Hino da Independência que todas as escolas devem ensinar aos seus alunos.

* D. Pedro I nasceu em Portugal em 1798, filho de D. João VI e D. Carlota Joaquina em 4 de março de 1801. Com a morte de seu pai em 1820, tornou-se rei de Portugal e Brasil em 27 de março, sob o nome de D. Pedro I. Em 1822, após a fuga para o Brasil, tornou-se imperador do Brasil em 7 de setembro de 1822.

1) Dona Maria da Glória que viveu a corte de Portugal como Maria II

2) D. João Carlos

3) Dona Leopoldina que foi casada com o Cezar de Áustria

4) Dona Paula

5) Dona Isabel, filha que foi casada com o Príncipe de Beirute

6) D. Pedro II

De seu segundo casamento com a Imperatriz Amália teve

7) Dona Maria Vitória

Noivamente as notícias chegam após três meses no longínquo Jaraguá, a alegria foi geral, os sinos tocavam, missas sendo rezadas, fogos-fortios, bailes e quadrilhas.

D. Pedro convocou a constituinte onde as leis seriam elaboradas pelos deputados provinciais. Jaraguá também mandou seu representante O Padre Silvestre Álvares da Silva juntamente com outros representantes da província, seguiram para o Rio de Janeiro numa viagem que como já sabemos de 3 meses em lombo de burros*).

Mas tal constituinte não foi levada a cabo, D. Pedro queria poderes totais para si, o povo brasileiro queria limitar estes poderes, irado, dissolveu a constituinte, cada deputado voltou para sua Província sem poder ter expressado sua opinião, o Imperador nomeou uma comissão de 10 membros de sua confiança e a fizeram em quarenta dias, em 25-03-1824, extinguido a 1ª constituinte brasileira. Nela também: proibiu agóites, mareas com ferro e demais castigos usados nos escravos.

Foi criado o cargo de Governadores das Armas para as províncias e para Goiás veio o Marechal Brigadeiro Raimundo José da Cunha Mattos, de grande instrução, contribuiu muito com o desenvolvimento da região, a ele devemos o censo de 1824 que felizmente para Jaraguá, sua população foi minuciosamente contada: 698 pessoas livres, 150 escravos, 184 casas dentro do arrabal (ver senso no fim do livro).

Interessante observar como eram eleitos os deputados provinciais daquela época.

A eleição era feita em duas etapas. O direito de voto na 1ª etapa era reservado a quem possuísse uma renda líquida igual ou superior a 150 alqueires de farinha de mandioca anuais, estes elegiam seus delegados que só podiam ser os que tivessem renda superior a 250 alqueires de farinha de mandioca; estes delegados elegiam

os deputados que deveriam ter renda superior a 500 alqueires de farinha de mandioca e finalmente para o senado 1000 alqueires.

Começa a impopularidade de D. Pedro I, ainda mais, com a descoberta da açucar de becerraba, a Europa passa a ser produtora e o açúcar brasileiro fica sem preço. Em 1828 o l'ngual recupera sua independência deixando um saldo negativo de 120 milhões de cruzados que o Brasil não itaba e que incenivado pelos ingleses, recebeu deles emprestimos a juros altos (foi o início de nossa dívida externa que só cresce), crises internas em revoluções constitutas e para piorar seu pai morre, vaga o trono de Portugal, ele é o filho mais velho dono do direito e não quer abrir mão nem da coroa do Brasil nem de Portugal e não podia acumular duas coroas, desigiu sua filha Maria da Glória de 5 anos, sua herdeira sob a regência de D. Miguel seu irmão que 2 anos depois, em 1828 se declarou soberano absolutista em prejuizo da sobrinha.

Os brasileiros vendo-o repartido, exigiam que ficasse e em 07-04-1831, rebelou para não levar o Brasil a uma guerra interna, deixou seu filho de 5 anos como Príncipe herdeiro, sob os cuidados regentes de José Bonifácio de Andrada e Silva, até que seu filho alcançasse a maioridade e embarcou em 12-04-1831.

Ela escreve: "Quando do direito que a constituição me concede, deçlato que hei muito voluntariamente fofidido na pessoa de meu muito amado filho, Sr. D. Pedro de Alcântara. Dos Q18107-04-1831 deçlato de independência de Espanha. Pedro."

Escreve ainda uma carta de despedida:

"Dito sendo possível dirigimo a cada um de meus verdadeiros amigos em particular para me despedir a liza e agradecer ao mesmo tempo, os obediçoes que me fizeram a custo de vossas vidas pedir possis por alguns sfacos que de mim passaram fac. ficando certos de que, se em alguma coisa os agradei foi sem intenção de ofendi-los; fago esta carta para que se impressa essa e distribuída, os possa desta mádo alcançar o fim a que me propocho.

"Eu me retiro para a Europa, enxada da pátria, dos filhos e de todos amigos. Deixar pessoas tão caras é sumamente sensível; mas ao

* O fofuro e resultado da zura de Jaraguá com uma agora, resultando um senado de 181000 e senado para os deputados.

cerção mais duro nas fidalguas para sustentar a fazenda não pode haver melhor género.

Síntese póstuma, adeus amigos e adeus para sempre.
Oratório do Sr. João Inglêses (18-04-1831).
D. Pedro de Orléans e Bragança.

Lutou contra o irmão e victorioso chegou a cidade do Porto e foi muito bem recebido pelos portugueses, tornando-se ali D. João IV, rei de Portugal.

Morreu em 1834, logo depois de sua filha ser acamada, talhada em seu lugar.

Após a abdicção de D. Pedro I, Goiás foi palco de um movimento revolucionário que culminou com a deposição do presidente da província e a demissão dos portugueses que ocupavam cargos administrativos, atingiu também Jaraguá, onde grande parte da população eram filhos de Portugal.

Bom, o Brasil era dos brasileiros já havia algum tempo e Jaraguá colabora com a criação do gado, que em 1862 foram contadas em 12.756 cabeças de bovinos, 1.864 cavalos, 31 lanígeros, 100 cabritos e 4.401 suínos; na lavoura a plantação em 320 fazendas era de: 306 alqueires de milho, 93 de feijão, 77 de arroz, 15 de mamona, 12 de trigo, 320 ar. de fumo, 2000 ar. de algodão e 300 ar. de café, pequenas manufaturas com 24 engenhos de cana, 6 alambiques, 3 rodos de mandioca movida à água, 1 olaria, 2 curtumes, 16 tetes e ainda produzia 100 oitavas de ouro por ano, mas ainda era um distrito de Meia Ponte, era apenas um arrabal que sonhava ser vila.

Neste período de regência muitos arrabais foram promovidos, Jaraguá passou a condição de Vila, pelo decreto:

28 Regêncie, em nome do Imperador D. Pedro 2934 por bem sancionar e mandar que secrete a seguinte resolução da assembléa geral da Província de Goiás.

Sít. 2.º. Vila elevada à Vila e arrabal de Jaraguá com a sua emancipação e terá a sua comarca municipal, todas as Justiças e arrabaldias que tem na demais vilas do Triângulo.

Sít. 3.º. - Os limites desta nova vila e da Meia Ponte serão desde a confluência do Rio Pedro Grossos no Rio das Águas em ruas d'alto à barra do Rio. Os limites no Rio das Águas e no mesmo Rio abaixo até a foz do Rio e daqui em ruas d'alto até o rio de São José. No Rio da Serra Negra e a estrada que vai para a vila da Vila, todo o lado esquerdo da mesma estrada até o Ribeiro dos Reis dentro da ruas com o distrito de Guarulhos, desde onde nasce a Serra do Cebatão no Rio Uçó em ruas d'alto no rio de São João de Oliveira e desde pelo Rio Sacuri até a sua confluência na Serra.

Sít. 3.º. - Ficam revogadas todas disposições ao contrário.

O nome Córrego de Jaraguá, havia, após a mudança para o outro lado da terra, aos poucos sendo abandonado ficando apenas Jaraguá.

Nesta época o primeiro jornal feito na província é inaugurado em Meia Ponte, "A Manhã Mineira" jornal que circulou com 2 ou 3 edições semanais de 05-03-1830 a 1834, não se conta a o que ocorreu nesse sentido e no mundo e deu notícias da promoção de Jaraguá.

Já em 1835, a câmara de Jaraguá, foi incumbida de mandar fazer consertos na estrada geral que de Meia Ponte pelo seu município se dirige a Goiás, desde o Córrego Curralinho entre Jaraguá e Meia Ponte, até o Córrego Sacuri que serve de limite com a capitã. Foi elevada a despesa em 1098640 reis, entretão esta quantia para a Câmara cujo presidente era Custódio Rodrigues de Moraes.

Desde a mudança do arrabal que os viajantes estavam insatisfeitos porque aumentou em mais de cinco leguas o trajeto inicial entre Meia Ponte e Goiás, que foi aproveitado pela linha do correio. O Comendante das Armas Raimundo Martins, sugeriu deixar de passar no arrabal de Jaraguá, argumentando que seria moralmente melhor, já que nefastos viajantes muitas vezes sem boa dis-

dois, deixariam de aparecer por ali, fraca argumentação, já que com os nefastos viajantes iria também o desenvolvimento da região e graças à força de nosso povo a estrada continuou cinco léguas maior.

Houve um período, já na segunda metade de século dezanove que Jaraguá entrou em decadência por causa da ponte sobre o Rio das Almas que estava intransitável, neste período passaram pela estrada antiga e muito prejuízo foi sentido pelos jaraguenses que não mediram esforços para a reconstrução e melhoria do trajeto para concorrer com a velha estrada que era mais ou menos onde hoje tem o trajeto da via Brasília-Caiabá.

Em 1853 o então Presidente, Francisco Mariani encarregou o Tenente Coronel Antônio Félix de Souza, para concertar a ponte sobre o Rio das Almas na estrada para o norte.

- 1859 - O Tenente Coronel Custódio Rodrigues de Moraes recebeu 427\$000 para o concerto da estrada entre Meia Ponte e a Capital passando por Jaraguá.

"Relatório - Orçamento - Província de Goiás

Cita: a mandar pagar ao corrente exercício de 1870- 1871 a quantia de 1907\$222 rs a Francisco Policarpo de Amorim como indenização aos prejuízos que sofreu na construção da ponte do Rio das Almas para que, fica ao Governo, aberto um crédito Extraordinário daquela quantia, caso as despesas não possam ser feitas com os saldos e sobra de orçamento".

No período inicial, sabemos apenas que em 1766, Gregório Pereira Fachiña foi juiz ordinário, título maior numa povoação e que no começo do século dezanove, quem comandava Jaraguá era Jerônimo Rodrigues de Moraes.

Constituído hoje para nós, um paradoxo, que a monarquia portuguesa, fosse formada por uma reunião de repúblicas municipais (câmaras municipais), com seu executivo, legislativo e judiciário eleito pelo povo.

Axin se formou a primeira Câmara de Jaraguá.

Vereadores:

Francisco Augusto de Faria Albernaz

Pe. Silvestre Alvares da Silva

Antônio Borges de Carvalho

Fernando Luis Machado

Francisco Luis Brandão

Gabriel Raimundo de Lima

Capitão Antônio Borges de Carvalho - Juiz de Orfãos

Custódio Rodrigues de Moraes - Presidente da Câmara

Balthazar de Camargo Brito - Juiz de Paz

O que se observa que não havia tempo certo de sair ou entrar algum membro da comissão, dependia da conveniência.

Presidentes da Câmara sucessivos:

1841 - Francisco de Faria Albernaz

1842 - Fernando Luiz Machado

1842 - Antônio Borges de Carvalho

1842 - Antônio Félix de Souza

1842 - Antônio Francisco de Souza

1844 - Antônio C. Carvalho

1846 - Inácio Antônio Silva

1847 - Ladislau de Hungria Lima

1849 - Custódio Rodrigues de Moraes

1851 - José Ribeiro de Freitas

1876 - Francisco Policarpo de Amorim

.....perdeu-se a seqüência

.....perdeu-se a seqüência

1892 - Diógenes Gomes Pereira da Silva, foi eleito presidente da

Câmara, quando Jaraguá se tornou cidade e os demais conselheiros foram: Benedito das Chagas Leite, Joaquim Antônio de Freitas

Machado, Teberfino Ferreira Raos, Antônio Ferreira de Amorim.

.....Novamente perdeu-se a seqüência

Voto a república com seus intendentes.

Intendentes:

- 1898 - Reguizino de Carvalho
- 1901 - Manoel Ribeiro de Freitas Machado
- 1903 - Manoel Gomes Pereira da Silva
- 1912 - Benedito Raimundo de Brito
- 1915 - Mário Félix de Souza
- 1922 - Manoel Ribeiro de Freitas Machado
- 1926 - Raul Félix de Souza

O período de interdição termina em 1930 juntamente com a República Velha, em o início da Era Vargas.

PERSONALIDADE DE DESTAQUE NO FIM DO SÉCULO XVIII E INÍCIO DO SÉCULO XIX

A) Jerônimo Rodrigues de Moraes, de grande importância no final do século XVIII e início do Século XIX, era filho de José Antônio Nunes, natural do Bispoado de Angra e Bemta Maria de Sarqueira, da cidade de São Paulo, neto materno de Jerônimo Rodrigues Pereira de Moraes natural da freguesia de São Martinho, Arcebispoado de Braga - Portugal e Francisca Furtada, natural do Bispoado de São Paulo, neto paterno de Manoel Ferreira Gill e Sebastiana Tavares, casado com Luiza de França. E genearca de ilustres descendentes. Foi Jerônimo Rodrigues de Moraes, pai de Teodoro Rodrigues de Moraes, o primeiro médico goiano, avô de João Bonifácio Gomes de Siqueira o primeiro governador de Goiás quando foi implantada a república, pai de Custódio Rodrigues de Moraes, personalidade de grande importância na vida política de nossa cidade citada em alguns livros e de mais uma dezena de filhos ilustres que citaremos:

- 1) Maria Raimunda Rodrigues de Moraes
- 2) Jonquim Rodrigues de Moraes

- 3) Emerenciana Rodrigues de Moraes
- 4) José Rodrigues de Moraes
- 5) Custódio Camilo Rodrigues de Moraes
- 6) Antônio Rodrigues de Moraes
- 7) Silvério Rodrigues de Moraes
- 8) Teodoro Rodrigues de Moraes
- 9) João Rodrigues de Moraes
- 10) Manoel Rodrigues de Moraes
- 11) Ana Rodrigues de Moraes

B) João Gomes Bonifício de Siqueira, ilustre personagem, nasceu em Jaraguá, em 1816, filho do Tenente Coronel Jonquim Gomes de Siqueira e Maria Raimunda Rodrigues de Moraes, neto citada. Com 18 anos seguiu para São Paulo para fazer seu curso de Direito, sendo o primeiro sub-graduado de Goiás que fosse filho de goianos, e o segundo a cursar um curso superior, ao formar-se voltou para Jaraguá onde casou com sua prima Ana Lina de Fonseca, filha de Francisco Augusto de Faria Albernaz e Emerenciana Rodrigues de Moraes, neto citada, e foi para a capital Goiás onde exerceu vários cargos importantes, como Juiz, Chefe Geral da Polícia e Vice Presidente da Província, em 1854-1871, por carta imperial, onde em vários períodos assumiu a Presidência onde teve a oportunidade de deixar seu nome registrado na história, quando prestou ajuda ao Mato Grosso na Guerra do Paraguai¹⁾, recriou jovens, inclusive em Jaraguá, os chamados, **Voluntários da Pátria**, que valorosamente souberam defender sua terra. (Na minha opinião, Jaraguá deveria ter pelo menos uma rua chamada Voluntários da Pátria, para lembrar estes heróicos soldados que tão bem defenderam nossa terra, fato tão importante deixado ao esquecimento). Inaugurou a navegação a vapor no Rio Panaguá por onde se exportava nossa produção, instalou a fábrica de ferro nos arredores da capital, construiu dois presídios, São José de Anaguia e dos Martíri-

os, administrador laborioso, ainda na presidência, foi em 1865, nomeado Desembargador da Relação da Corte onde teve sua opinião sempre acatada, por motivo de doença, só ficou até 1866, quando voltou a Goiás.

Em 18-02-1878, trinta e dois dos mais representativos chefes políticos de Goiás, dirigiram-lhe um manifesto, pedindo-lhe que assumisse a chefia dos elementos dispersos, que seria o partido liberal em Goiás que teve como órgão de imprensa a **Tribuna Livre (1878-1884)** e depois **Goiás**. Foi deputado provincial em sucessivas legislaturas. Proclamada a república em 1889, foi no-



João Gomes de Oliveira e Souza

meado pelo seu patriotismo e experiência, por decreto do governo provisório, Governador do Estado de Goiás, assumiu; mas velho e alquebrado depois em maio de 1891, nas mãos do Marechal Deodoro. Foi eleito deputado da constituinte do estado já como república, retirou-se da vida pública depois do contra golpe de novembro do mesmo ano que deu nova orientação à vida política do estado. Faleceu em 17-06-1891, na sua casa na praça que levou o seu nome na Capital Goiás. Quando ficou viúvo, contraiu 2º casamento com a jaguense prima de sua 1ª mulher, Luíza Maria Rodrigues de Moraes, nascida em 09-12-1854 e falecida em 04-10-1905, filha do Tenente Coronel Custódio Rodrigues de Moraes e Ana Xavier e junto com esta esposa, terminou os seus dias. Um grande vulto da nossa história, não me parece justo trocar o nome da rua em Jaraguá que leva o seu nome, a antiga Rua do Mercado.

- C) Francisco Augusto de Faria Albertazzi *, foi ilustre jaguense, filho de Inácio Antônio de Faria Albertazzi e de Maria Joaquina de Lima, neto de Manoel Faria Albertazzi e Ana Joaquina Fossora, filha de Francisco Xavier de Moraes e Mocia Bueno da Fonseca, do Vale da Pirahibita. Casou com Euderciana Rodrigues de Moraes, filha de Jerônimo Rodrigues de Moraes e Luíza de França, seus filhos são:
- 1) Ana Lina da Fonseca, 1ª esposa do desembargador João Bonifácio Gomes de Siqueira.
 - 2) Coronel Inácio de Faria Albertazzi, casou com Luíza Gomes de Siqueira, filha do casal acima.
 - 3) Francisco de Faria Albertazzi, casou com a Maria do Rosário Félix de Souza, filha do Tenente Coronel Antônio Félix de Souza e Josefa Cândida Xavier.

- D) Singento Mor José Antônio Macilado, nasceu em 1749. Fale-

* Sua irmã Teófilo José Albertazzi casou com Inácio Antônio de Nova, jaguense. Foi de Bonifácio Antônio de Souza e Espinalista José Machado, neto de Inácio de Faria Albertazzi e de Ana Lina da Fonseca.

ceu em 1829, casado com Dona Maria Silva Carvalho que faleceu um mês depois do marido, com 75 anos geneasca das famílias Machado, Dias, Gonçalves, Albernaz, Pereira, Gonçalves Fagundes, Reis, etc. São os pais de Francisca Luiza Machado falecida em 1862.

E) Francisco Xavier de Araújo Barres, natural do Arcebispoado de Braga, filho de Lourenço de Azevedo Couto e de Mariana de Amêijo Pereira, casado com Ana de Paula Leite, filha de Batista José da Rocha, da cidade do Porto e Francisca Maria Leite. Dono de muitos escravos e influente no seu tempo.

F) Balharoz de Camargo Brito, foi influente politico em seu tempo, filho de José Soares de Camargo e Marta de Brito Lemes, faleceu em 14-09-1853, com 54 anos e descendente de João Romalho como citamos anteriormente, chegou no Côrrego do Juraguá no inicio do século dezanove, casou com a juraguense escolástica da Silva Valença, filha de Francisco de Barros e Ana da Silva Valença, falecida em 1854 com 51 anos Descendem deles as famílias Camargo, Azeorini, Freitas, Elias Campos, Souza Ramos, Brão Alves Ribeiro, Silva Valença, Farias, Ribeiro, Gomes Pereira, Souza, Lima e outros mais, Seus filhos:

1) José Soares de Camargo Brito, nasceu em 1822 e faleceu em 1873, casou com Possidônia Alves Ribeiro, filha de João Alves Ribeiro e Ana da Silva.

2) Antônia Soares de Camargo Brito, nasceu em 1827 e faleceu em 1863, casado com Luiza Antônia da Silva.

3) Flora de Camargo Brito, casou com Inácio de Sousa Ramos, filho do Capitão Gomes Pereira da Silva e Ana das Dores de Almeida.

4) Sebastião Soares de Camargo, nasceu em 1837, faleceu em 1915, casado com Beatriz Gomes de Souza, filha do Capitão Gomes Pereira da Silva e Ana das Dores Almeida.

5) Pacifica de Camargo Brito, nasceu em 1838, faleceu em 1910, casou com Antônio Ribeiro de Freitas, filho de Capitão de Ordenanças, Joaquim Ribeiro de Freitas e Laura Innocência Furtado.

G) Capitão de Ordenanças Joaquim Ribeiro de Freitas, casado com Laura Innocência Furtado, veio de Taboas no inicio do século dezanove para o Côrrego do Juraguá, nascido 1790, foi influente no nosso meio, pai do padre Manoel Ribeiro de Freitas, Seus filhos:

1) Joaquim Ribeiro de Freitas casou com Delfina Maria dos Reis.

2) Fernando Ribeiro de Freitas

3) Manoel Ribeiro de Freitas, padre.

4) José Félix, Ribeiro de Freitas, casado com Maria Inês Carolina.

5) Ana Americana Ribeiro de Freitas, faleceu em 1872 com 67 anos, solteira.

6) Lambelina Ribeiro de Freitas

7) Antônio Ribeiro de Freitas, casado com Pacifica Soares de Camargo Brito.

8) Maria Ribeiro de Freitas, faleceu em 1855 com 54 anos, solteira.

9) Antônia Ribeiro de Freitas

10) Henrique Ribeiro de Freitas, faleceu com 72 anos em 1872, solteiro.

11) Maria Libânia de Freitas, nascida em 1819

H) Tenente Coronel Antônio Félix de Souza, nascido a 28-09-1789 e falecido em 28-01-1863, filho de Antônio de Souza Ceito natural da freguesia de Santiago do Couto, bispo do Porto - Portugal, e de Francisca de Paula Faria, juraguense, filha de Gregório Pereira Farinha e Felicitiana Antônia Curado, Casou-se com Joseph Cláudio Xavier, filha de Ana Rodrigues de Moraes. Foi homem de muito valor, politico e

social, exerceu muitas funções públicas nesta Vila. Pai de Inácio Soares de Bulhões, fundador do Jornal "A Província de Goiás" deixou grande e ilustre descendência :

- 1) Inácio Soares de Bulhões, transcreveu-se para a capital onde prestou relevantes serviços, casou com Antônia Emília Jarolim.
- 2) Maria Cândida Félix de Souza, casou com João Rodrigues de Moraes filho de Amósimo R. Moraes.
- 3) Maria do Rosário Félix de Souza, casou-se com Francisco de Faria Albernaz, filho de Francisco Augusto de Faria Albernaz e Enterrezeana Rodrigues de Moraes
- 4) Maria Josefa Félix de Souza, faleceu solteira.
- 5) Maria Barbara Félix de Souza, casou com José Bernardo da Silva, filho de Bernardo Antônio da Silva e Francisca Luiza Machado, enviuvando, casou-se com o coronel Diógenes Gomes Pereira da Silva filho de Teodoro da Silva Pereira e Maria Gomes de Souza.
- 6) João Félix de Souza Xavier, casou-se com sua sobrinha Ana Umbelina da Silva, filha de José Bernardo da Silva e Maria Barbara.
- 7) Maria Francisca Félix de Souza, casou com João Fleuri Alves de Amorim, filho do sargento major Félix Alves de Amorim e Maria Bueno Fleuri.
- 8) Desor, Joaquim Félix de Souza, casou com Dulce Tavares Guerra, de Bonfim.
- 9) Desor, Benedito Félix de Souza, casou com sua sobrinha Adeliade de Bulhões Jardim.

Nota: O grande escritor Jarbas Jaime fez um belo trabalho, extenso e minucioso desta família, em seu 3º volume de "Famílias Pirenopolinas". Fica aqui a minha humilde opinião: O iniciador desta família, Antônio de Souza Como veio jovem para Jaraguá onde casou-se com uma jaraguense, sabemos por tradição, alguns

meos documentos e no censo de 1824 constava a residência de sua esposa, realmente alguns registros de batizados e óbitos são de Meia Ponte, mas por alguma razão, no fim do século decorridos os registros de Jaraguá voltaram para o livro de Meia Ponte.

H) Alferes Gabriel Raimundo de Lima, filho de Joaquim Pedro de Lima e Francisca de Paula Xavier, desta freguesia, nascido em 1799, casado com Matilde Caetana do Nascimento, filha de Francisco Manoel Borges e de Francisca Ferrás de Oliveira, foi influente na política. Seu filho Hermenegildo, foi deputado provincial, e generosa das famílias Rodrigues Andrade, Lima, Amorim, Campos, Anticha, Machado, etc. São seus filhos:

- 1) Tenente João Raimundo de Nascimento Lima, nascido em 1835, casado com Bárbara Rodrigues de Moraes.
- 2) José Raimundo do Nascimento Lima, faleceu solteiro em 1867 com 22 anos.
- 3) Hononata Raimundo de Lima, nascida em 1838, casada com Joaquim Soares da Silva.
- 4) Hermenegildo Raimundo do Nascimento Lima, casado com Hononata Inocência Furtado.
- 5) Manoel Raimundo de Lima, nascido em 1852.
- 6) Maria Escolástica de Lima, casada com Antônio Dionízio Ferreira, filho do Alferes Francisco Rodrigues Ferreira e Maria Ribeiro da Silva Anunha.
- 7) Miguelino Raimundo do Nascimento Lima, foi chefe de polícia em Jaraguá.
- 8) Ladislau de Hungria Lima.

- 1) Francisco Policarpo de Amorim, filho de Manoel Ferreira de Amorim e de Maria da Silva Carvalho, generoso direto da família Amorim em Jaraguá, foi coletor das rendas públicas em Jaraguá, foi influente político, juiz municipal em 1883 e por várias vezes presidente da Câmara, cargo semelhante ao de prefeito hoje. Casou-se em primeira núpcias com Maria

Rodrigues de Mearns, e em segunda esposa com Emerenciana Rodrigues de Mearns, ambas filhas de Antônio Rodrigues de Mearns e Joaquina da Silva Curvelho, e teve:

- 1) Major Heliodoro Amorim
- 2) Antônio Ferreira Amorim
- 3) Manoel Ferrás Amorim
- 4) Umbelina Amorim
- 5) Benedita Amorim
- 6) José Pedro de Amorim
- 7) Maria Ferreira de Amorim
- 8) Maria Luíza de Amorim
- 9) Messias de Amorim
- 10) Sérgio de Amorim

J) Manoel Rodrigues Suzano, foi o mais rico de sua época, tropeiro de grande prestígio, construiu o mais belo prédio de Jaraguá, situado na praça que leva o seu nome, filho do Aféres Francisco Rodrigues Ferreira e Maria Ribeiro da Silva Aranha, ambos de Trahiras, rica Vila da Província de Goiás e hoje apenas ruínas. Nasceu em Jaraguá em 1846 e faleceu solteiro com 50 anos. Constitui folclore hoje, o fato de que apareceu casado depois de morto, tendo sua fortuna distribuída acidentalmente segundo os desejados das autoridades. Pam sua mãe velhinha, inclusive dona de parte destes bens, entregaram apenas 5\$000 do seu quase milhão que foi repartido entre quatro famílias, dos quais dois eram filhos naturais. Seu solar, entregue ao abandono durante 15 anos, enquanto durava a demanda judicial, veio a ruir-se, o que se tornou uma grande perda para os jaraguenses, já que tudo que tinha de melhor no Rio de Janeiro, vidros coloridos para os vitrais, louças inglesas, sedas finas para suas sobrinhas, papel de paredes floridas, námarre e tapetes para as escadas e quartos, eram trazidos pelo valioso tropeiro, em lombo de burros, dono de

inúmeros escravos, conservou-os após a assinatura da lei áurea, pagando-lhes seus salários. Grandes festas eram realizadas nos sábados de sua casa onde se reuniam seus influentes amigos. Doou 50\$000 para a construção na capital, de um monumento em homenagem ao seu amigo, Ildefonso Soares de Bulhões, foi a maior doação. Descende deo a família Fenseca.

K) Diógenes Gomes Pereira da Silva, filho de Teodoro da Silva Pereira e Maria Gomes de Souza, nasceu em Mearns Point e jovem ainda veio para Jaraguá onde casou com Maria Barbara Félix de Souza filha de Antônio Félix de Souza já citado anteriormente, influente político em nosso meio e de ilustre geração.

L) Coronel Bernardo Antônio de Faria Albernaz, filho de Inácio Antônio da Silva e Tereza de Jesus Albernaz. Nasceu em Jaraguá em 22-09-1847, já adulto foi para a Capital onde apurou seus estudos. Foi nomeado por decreto de agosto de 1890, 2º vice-governador. Dirigiu o Jornal "Goiás" do Partido Liberal. Exerceu o governo em substituição ao Dr. Urbano de Gouveia. Foi deputado e intendente da capital. Casou-se com Francisca Augusta de Assis e viuva duas vezes casou com Lídia de Albuquerque Melo e Maria Marques Fogaça. Deixou ilustre geração.

O PRÍNCIPE REGENTE

Este período de regência foi cumulado de crises, um regente nunca tem a força de um governo definitivo e tudo foi feito para que D. Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael

Goyaz, ou simplesmente D. Pedro II, conseguiu a maioria com 14 anos.

Nasceu no Rio de Janeiro em 1825, filho de D. Pedro I e Dona Maria Leopoldina, 7.º filho, 3.º varão mas se tornou o herdeiro porque seus irmãos homens antes dele haviam morrido. Em 1843, casa com Dona Tezeta Cristina com a qual teve os filhos:

- 1) D. Afonso
- 2) Dona Isabel, que foi casada com o Conde D'Eu.
- 3) Dona Leopoldina, que foi casada com o Duque de Saxe.
- 4) D. Pedro Afonso.

Seu governo foi conseqüido sob o suspense, mas foi um bom governo, logo de início, foi criado dois partidos, o Partido Conservador e o Partido Liberal, em 1851, seu ministro da Justiça, Padre Diogo Antônio Feijó, criou no interior, os conselhos, cujo objetivo era que, juntamente com seus jagunços, fizessem a guarda nacional que acabou sendo basicamente uma força de coação eleitoral, onde liberais ou conservadores que pudessem contar a mesa de votação, seriam vitoriosos, muitas vezes os mesários enviavam as atas em branco para o presidente da província prevenir com a sua preferência, em 1840, realizaram-se as primeiras eleições sob o governo de D. Pedro II, os liberais saíram vitoriosos. Vendo o nível de corrupção, D. Pedro II, demitiu o ministério e a câmara formados e condzuiu com o auxílio de Duque de Caxias, os conservadores ao poder, quase um século durou esta insensata visão política que aos poucos foi sendo substituída e modernizada, proibiu o tráfico negro, implantou o parlamentarismo mas acabou sendo ele mesmo, o executivo, criou muitas escolas, incentivou as artes, financiou a imigração de estrangeiros para trabalhar por salários. Em 1836 chega a primeira leva de italianos, e a última veio em 1947, incentivou o aumento dos casais, passando o Brasil a ser o maior produtor do mundo, construiu várias estradas de ferro para o transporte da produção, e de Mauá, a D. Pedro II e carnais para Minas e São Paulo, implantou

o telégrafo que já em 1852 foi inaugurado no Brasil, apenas dove anos após sua invenção por Samuel F. B. Morse, rapidamente foi implantado no Rio Grande do Sul e Pelotas, para facilitar as comunicações na então Guerra contra o Paraguai mas se popularizou mesmo em 1920, em todo o Brasil, com o árduo trabalho do Marechal Cândido Rondon que levou esta linha nos mais escondidos lugares e Jaraguá foi beneficiado em 1911 com o telégrafo. O correio de antes era apenas por estafetas, pessoas encarregadas de levar malotes por este Brasil adora, esse sistema foi estabelecido eis entre nós em 1799 com 4 comunicações atuais com a corte, um aviso emitido em 23-03-1821, pela corte, foi recebido em Goiás em 30 de maio, quando se avisou a saída de D. João VI, já era 30 de junho, incentivou a implantação do telefone após ter ido assistir a demonstração que o inventor Alexandre Graham Bell, em 12-02-1887, fez do seu invento, chegando a trazer consigo um aparelho adaptado pelo inventor, para uso interno no seu palácio, entusiástico fi do progresso, foi o primeiro brasileiro a ter uma câmara fotográfica em 1840, apenas cinco meses após ter sido inventada e ele mesmo saiu fotografando a tudo e todos e incentivando outros, venceu os paraguaios na guerra do Paraguai, 1864-1870^{h*}, libertou os escravos na guerra do Paraguai, 1864-1870^{h*}, libertou os escravos através de sua filha a Princesa Isabel em 1888, etc.

ENQUANTO ISTO, O QUE ACONTECIA EM GOYÁS:

1843 - Nomeação por carta imperial do primeiro advogado jaraguense e goiano de país goianos, João Gomes Bonifácio Siqueira, para o cargo de Juiz Municipal e de Orfeão da Capital, em 1860 foi juiz em Jaraguá, adepto do emancipação dos escravos repugnou-se ter que assistir ao enfretamento do preto Candinho o último na província) renunciou ao cargo de Chefe de Polícia que exerceu naqueles dias.

1846 - Nomeação do primeiro médico jaraguense para ocupar o

cargo de médico chefe do único Hospital de Caridade existente na província, o de São Pedro de Alcântara, Dr. Teodoro Rodrigues de Moinis, com salário de 200\$000.

1846 - José Xavier da Silva, professor nomeado para Jaraguá, (não se sabe desde quando), professor das primeiras letras para o sexo masculino com 44 alunos recebendo por mês 4\$500.

1848 - Deu início a construção da cadeia pública que antes funcionava numa casa alugada pela câmara e que nenhuma segurança tinha, esta nova construção situou-se na esquina da Rua da Oliveira com a Rua do Sacramento, estas ruas passaram a ser chamadas Rua do Mercado e Rua Antônio Carlos e depois uma justa homenagem ao grande e ilustre jaraguense já citado, Rua Dr. João



Cadeia pública de Jaraguá, construída em 1858.

(*) O Paraguri ficou independente em 1811, logo após a expulsão dos jesuítas em 1760, que eram minoritários em toda a colônia de seu momento, sua população quase toda de índios guaranis instalados pelos padres, não houve manifestação e todos voltaram para terra para trabalhar, foi fundado José Gregório em 1811, onde havia a grande fazenda e o povo aliado, um povo diferente onde se produzia o mado que se fazia necessariamente como poluição, papel, amarelo, farinha em grão, havia muito comércio de escravizados. Sua economia Carlos Antônio Lopez, delo possivelmente ao sistema, São Paulo, Francisco Solano Lopez, o primeiro e construiu sua colônia, um modelo ideal, mas ele para a fazenda que por todo os vizinhos substituía aquele tipo de governo e não conseguiu ser produzidos, começou a construir Lopez e seu filho tornou brasileiro e foi seu primeiro para o Antártico. Foi o que o primeiro Lopez do município O Francisco foi de sua criação, então desenvolveu a Antártica para se tornar a mais bonita, onde 3-4 de sua população instalada foi 400 mil.

Bonifácio Gomes de Siqueira que inclusive deveria ter seu busto ali esculpido, valorizando um grande personagem a quem devemos orgulhar. Aliás, muitos bustos deveriam ter em nossa cidade pois foi palco de verdadeiros heróis.

1846 - ataques dos índios conejeiros. Desde os primitivos da colonização, em que tais ataques aconteciam. D. Luiz, em 1742, conta a Antônio Pires de Campos, com seus 500 índios Bororó, domesticados e treinados para luta, moradores de Curitiba, para exterminar os gentios mais violentos, fez seu trabalho e a seguir veio João Godoy para completar, foram anos de sossego no arsenal, com o tempo entretanto, os remanescentes daquelas mesmas nações e outros desconhecidas com a invasão continua dos brancos, voltaram a perturbar as fazendas e vilas.

Relação de tribos que existiram na Província: Caiatós (mitos Bravos, Xavantes, ferrezes), Goyá (Choros e amistosos), Crezá, Arnes, Conejeiros violentos, Apinagés, Capexais, Coroás, Temimbós, Xerentes, Tapirapés, Camajás, gratiás, Tessemenslus, Amadás, Guará-Guçu, Bororós, Quaribós.

Uma música para ilustrar:

Os índios de nossa terra, eram selvagens valentes,
Comiam caças e peixes, frutas raízes e sementes,
L'usavam arcos e flechas, nas guerras e nas caçadas,
Porém o tacape e a lança, eram também muito usados
Andavam nus ou de tanguas, penas as vezes vestiam,
Solvia estóirras de palha e sobre redes dormiam,
Acreditavam num Deus, Tupã assim o chamavam,
Porém o sol e a lua, eles também adoravam,
No felicidade da tribo, tinham também muita fé,
Era o mais velho de todos, o curandeiro Pagé
A cura chamavam oca, a alôcia chamavam taba
E o grande chefe da tribo, Cacique ou Monabuba.

(A música de cima, também usada para ensinar a vida dos índios de Jaraguá).

1850 - implantou-se a primeira fábrica de ferro em Vila Formosa da Imperatriz, com produção de 400 arrobas por ano que exportava para Minas e para os demais municípios vizinhos como Jaraguá que comprava estanho, ferro, machado, ferrutaria e também ferro em barra, no valor de 125 à arroba já que o importado tinha de frete este valor, sendo vendido a mais do dobro aqui. Era uma indústria muito lucrativa, empregava 18 pessoas, mas sofria pela falta de mão de obra especializada e mesmo as que tinha, ao receber o primeiro salário, sentin-se satisfeito, pedia demissão. O fundador desta Vila foi José Gomes Curado, bisneto do outro do mesmo nome, Jaraguense.

1850 - Até então as terras só tinham carta de sesmaria como documento, D. Pedro instituiu os registros paroquiais das terras com a lei nº 601 de 18 de setembro "Dispo sobre as terras devotas de Espírito e sobre das que são possuidas por tributos da manancia sem preenchimento das condições legais bem como simples título de posse mansa e pacifica e determine que, medidas e demarcações as primeiras sejam estabelecidas a tributos anuentes, assim para empresas particulares, como para o estabelecimento de colônias de nacional e estrangeiros naturalizados e governos e promover a colonização estrangeira no termo que se declara" - D. Pedro por graça de Deus e Uniãos Reunidas dos prazos, Sineses e Governadores Constitucionais e Deputados Perpétuos de Brasil, Frazes saber a todos os nossos súditos que a assembleia Geral decretou e nós ordenamos e fizez seguis" ai segue a definição da Lei.

Em Jaraguá começou o registro em 1856 e registrou: 286 fazendas com os seus respectivos nomes e donos. Veja esta relação no final do livro.

1870 - O Governo e o Banco do Brasil, espatifa aviso por todos as comunidades: "Pedido de substituição das moedas de 25000 usinas desde 1833 - Quem não as trocar perde 10% do valor dela por mês começando dia 01-07-1871."

1883 - Notícia no Jornal GOYAZ no dia 10-02-1883 sobre Jaraguá: "De Rioetno, São pedis deixar de dar ao publico por meio de seu conselhe-

rio Jorral, uma breve noticia dos festejos effectados no cónclio Diocesano de Nossa Senhora do Glorio pela sua parochia no posto de Nossa Senhora de Remedação do Barchão do Barchão Nacional festa Synchronis.

No dia em que se verificou a noticia pezo Jornal da Corte, diversos artigos do noticiado, offereceram-lhe um baille, manifestação assim a effeito que se achavam parados.

Feitos todos os preparativos da festa, foi contratado o nozeado para assistir ao nozeado que teve lugar no 21 de Agosto, foi uma reunião apresentada com todo Jorral de presenças. Jorras de creanças as viúvas, o tenente Francisco Feliciano de Jorral, São Synchronis, presenciou em breves palavras, as attitudes qualificadas do nozeado, mesclando da manifestação de júbilo que se lhe fez, terminou com um viva ao Jorral e Jorral que foi este attitudem correspondido por todos.

Foi seguida breveza outros discursos, de deputados provinciali Jorral-Grande Jorral de Jorral e da sua filha, e Jorral Jacinto Fortado Lima.

Ficou estes tiveram lugar as Minas occorrido por D. Gasparista, D. Jorral e D. Jorral e pela banda de Jorral.

Jorral estes duas se o começo de quadrilha, despendo 24 prazos com duas sazes extremamente notórias sendo o serviço feito com profusão e assilla.

As 4 horas da manhã terminou o nozeado, visitando-se todos, iniciando do modo por que havia sido tratada pelo Jorral e sua filha familiar, ausentou-se pelo noite cheia de prater que tinham pensado.

Quatro pela Jorral redator, inserir estes liches em sua folha que muito lhe confessará grato.
"Um Jaraguense."

Um texto rico em detalhes e fatos, ideal para ilustrar os acontecimentos de mais de um século atrás.

1870 - anúncio em uma das lojas da época:

MERCADORIAS DIRETAS DA CORTE

Barnetas de la listrado - Sedas, padões sérios e variados à escollia - fogas, botões e demais enfeites pelo preço módico de 15000

o côvado mediana usada desde a antiguidade, ao falar com Noé disse o SENIHOR: "...e eis aqui como há de fazer a arca: 300 côvado de comprido, 50 côvado de largo e 30 côvado de alto..." equivalente a 66 cm)

Opuntia infestação - Bredados de B a 15000 o côvado

Cores de pupilina, lizira de seda e gosto a escolha 25000 rs
Chapéu preto, pêlo de seda potente, para homens, de forma moderna e finíssima qualidade, 145000 com caixa - idem para meninos 105000 - Chapéu de minilhas e palhinhas da Itália para senhora 105000 - 125000 e 150000 - para meninas 85000

Chapéu velosidade (talia novidade, muito enfeitado e elegante, para meninas 155000 - Chapéu de febre sortido para homens de 25000 e 108000 - Chitas de Mocim de podões novos e escolhidos para todo preço - Botina de suzer legitima e fresca 165000.

1856 - Colégio eleitoral, dois representantes de Jaraguá com um voto cada, Tenente Coronel Antônio Félix de Souza e Tenente Coronel Custódio Rodrigues de Moraes.

1892 - Coronel Diógenes Gomes Pereira da Silva era chefe do Partido Liberal em Jaraguá.

1849 - No início, a Província de Goiás era dividida em duas Comarcas, a do norte em São João das Duas Barras e a do sul em Vila Boa, posteriormente foi dividida em quatro Comarcas e em 1849 foi subdividida em sete, Comarca do Maranhão (Meia Ponte, Toluíria e São José), Comarca de Goiás (Vila Boa - Pilar, Jaraguá) - Comarca de Santa Cruz (Santa Cruz, Bousim, Santa Luzia) Comarca de Cavalcante (Cavalcante, Flores, Arraias), Comarca de Porto Imperial (Porto Imperial, Natividade, Palmas), Comarca de Paranyba (Catalão e Vila Formosa), Comarca de Carolina (Carolina).

Assim transcorreu o governo de D. Pedro II.

Apesar de ter ganho a guerra, sua popularidade diminuiu por

causa das dificuldades financeiras gerada por eli: das grandes religiosas onde era vital a separação da igreja do estado, das questões militares que queriam reformas; das questões sociais que era a luta pela abolição que o fez perder o apoio dos grandes fazendeiros donos de muitos escravos. Veio n duença e veio a república.

Em 15 de novembro de 1889, o ministério impoiente se demitiu frente a desordem que se estabelecia. Benjamim Constant e José do Patrocínio dirigiram-se à Câmara Municipal, convocando as forças armadas para Proclamar a República. O Marechal Deodoro estava enfermo mas ali mesmo na cama assinou o Proclamação.

No mesmo dia Deodoro manda a seguinte mensagem:

"Dirigi-me pelo Marechal Manoel Deodora da Fonseca, chefe do governo Provisório das Estados Unidos do Brasil, ao Sr. Senador D. Pedro de Alcantara.

Senhor, se sentimentos democráticos da República, há muito tempo preparado mas dilatado agora pela má administração de caráter nacional contra o sistema. — Em face desta situação, para-zos diários-los, e não é possível em cumprimento de mais cunhas dos devedores, a presença da Família Imperial no País não a nova situação que lhe criou, a nasção irreversível de dia culme, entem, esta situação, impossível a provadora da degradação que a selvagem pública nos impõe e necessariedade de armar... — ao forçado a notificar-vez que o Governo Provisório appare do Estado Provisório, e sacrificio de milhares e milhares brasileiros, no mais breve possível... — e tempo para a Europa, corrá por conta do Estado... Redimido Manoel Deodoro da Fonseca"

De Inedilto D. Pedro responde: "A vista da representação... meobre tanto com minha família, para a Europa, amanhã, deixando esta péria de idé estereocida, a qual me afiança para dar constantes testemunhos de entranhado amor e dedicação durante quase meio século... conservar de Brasil a mais saudosa lembrança, fazendo votos para sua grandeza e prosperidade. Rio de Janeiro 18 de novembro de 1889. D. Pedro de Alcantara."

de ferro tenta controlar as forças contrárias, em 02-02-1893 lida uma sangrenta guerra elvii brasileira onde Florianoópolis, Curitiba, Vitória e Rio de Janeiro estavam sendo tomadas ou bombardeadas pelas forças antifederalistas, em agosto 1895, já então, novo presidente eleito, Prodemie de Mourais, pôs fim àquela sangrenta luta com um honroso acordo.

Nesse período de transição e turbulência quem estava à frente do governo de Goiás era o Jaraguense João Bonifácio.

O século vinte foi rico em acontecimentos e os registros estão aí em algum lugar ficando para um segundo livro onde minuciosamente, descreveremos o passo a passo do progresso que se instalou. E contaremos o dia a dia destes mais novos e sagazes jaraguenses.

ALGUMAS PINCELADAS APENAS PARA ILUSTRAR O SÉCULO XX.

De grande influência política no início do século foi o Coronel Tubertino Ferreira Rios, foi seguido pelo seu genro Diógenes de Castro Ribeiro no comando da cidade, que chegou a ser vice no governo de Brasil Cuindo e por alguns dias o substituiu em 1927, era dono de grande fortuna: o intelectual Dr. Augusto Ferreira Rios, advogado e poeta, Benedito das Chagas Leite, poliglota, muito culto e progressista, agrônomo que registou os limites da cidade. Cônego José Trindade da Fonseca e Silva, foi deputado federal e secretário da Educação e Cultura de Goiás, escritor, linguagista de nome no país, Dr. José Peixoto da Silveira, um grande administrador, a ele se deve a abertura da porte nova da cidade, seu 1º hospi-

(1) Diógenes, quando de parte contra Jaraguá, foi juiz da 1ª vara que cercou e matou a Prefeitura de Jaraguá, Tubertino Silveira Caputo, por não ter autorizado um feriado nacional que pôs fim à greve, não ter autorizado uma grande passeata em nome da Capital Federal para o aniversário de Goiás, em homenagem ao aniversário de nascimento do desenvolvimento da cidade, uma vez que não conseguiu pôs e criou de estagnação no meio norte em Jaraguá e sofreu muito, como a cidade de Brasília.

No dia seguinte embarcou com sua família, recusou com firmeza a ajuda de 5 mil contos de réis que o Governo Provisório lhe propôs, chegou a Lisboa, em 7 de dezembro, a 28 deste mesmo mês morreu sua esposa e em menos de dois anos, num modesto quarto do Hotel Bedford em Paris, a saúde e a destituição levaram a este mundo. Todos os cofres do Brasil chorou este dia, até mesmo seus adversários. Também em Jaraguá os sinos tocaram, numa cadência vagarosa, revivendo remorsos e tristezas.

Instalou-se um governo provisório com grandes líderes, responsáveis por grandes medidas modernizadoras, separação da igreja-estado, incentivo a industrialização, instituição do casamento civil, criou cântoros, etc, numa nova constituição a 24-02-1891. No jornal "Provincia de Goiás" sul a notícia do padre Jaraguense, Manoel Ribeiro de Freitas que fez um abaixo assinado contra o movimento de separação do estado-igreja e enviou para a capital, era um assunto que mexia com muitos interesses mas a igreja foi vencida, a partir daí sobreviverin das contribuições dos fiéis.

"26-02-1891 - Jaraguá Desobedece o 1º presidente do Brasil.

O novo congresso eleito hoje, por pequena diferença de votos o Marechal Deodoro da Fonseca como Presidente da República Federalista do Brasil, tendo sua chapa cinco votos, Eduardo Pinheiro de Castro Presidente do Brasil e seu vice Floriano Peixoto. Jansen Desodoro com 120 votos e Floriano com 123 contra o vice de Desodoro com 87 votos. A eleição ocorreu um dia depois da promulgação da Constituição do País, definindo-se poderes executivos, judiciários e legislativos independentes um do outro e instituído a presidência e federalismo. Desodoro esteve à frente do primeiro Provisória, desde a Proclamação da República dia 15-11-1889. Jaraguá assestetecé e posse nos salões do Yboratani..."

A ansiedade era tanta no seu período inicial na presidência que teve que declarar estado de sítio e a 23-11-1891, não suportando as pressões, renunciou. O vice, Floriano Peixoto, assumiu e com punho

tal, a segunda escola primária e a primeira secundária em apenas 6 meses no poder, Diony Gomes Pereira da Silva que como mero cidadão, trouxe em 1940, a energia elétrica, deu seguimento ao cinema e a primeira tão necessária máquina de pillar arroz, Nely Alves Almeida, escritora; General João Félix de Souza, integrou a FEB, na 2ª Guerra Mundial; General Lucio Félix de Souza, foi comandante do corpo de bombeiro na Bahia, Afonso Félix de Sousa, escritor de projeção, escreveu dentre outros, O "Yusef" - Do Sorrito e da Estirpe", etc, Dr. Sandino Erasmo de Amorim, médico, descobriu a fórmula da gaze gessada largamente usada no mundo inteiro para engessar fraturas, Dr. Arvenius Fábio de Freitas, diplomata representando o Brasil pelo mundo afora, Francisco de Castro, foi deputado e prefeito de Goiânia, Dr. Sebastião de Amorim, engenheiro eletrônico pelo ITA, cientista pesquisador, PiaD em estatística na Unicamp, Jordevá Rosa, jornalista, repórter, apresentador de TV, Esses são alguns, muitas injustiças tenho certeza estar fazendo e outros jargões de valor mais com certeza, terão seus lugares reservados no segundo volume, onde será detalhadamente comentado o século vinte.

Em 1930, a Aliança Liberal lançou Getúlio Vargas como candidato a presidente e João Pessoa como seu vice que apesar de grande comícios e aclamação popular, perdeu para Alípio Prestes, candidato lançado pelo então presidente Washington Luís, por causa da maquiagem corrupta da Velha República, a revolta da sociedade foi grande e ainda mais, a 26 de julho João Pessoa é assassinado.

Se a Aliança Liberal se recusava o uso das armas, o cadáver do Presidente da Paraíba serviu para acabar com as hesitações, derrubaram Washington Luís, Getúlio assume o poder, em 03 de novembro de 1930, para em 1934 ser promulgada a segunda constituição da república. Foi aí que a mulher pôde votar pela primeira vez. Nomeia interventores nos Estados, para Goiás foi momento Pedro Ludovico Teixeira que em 1933 lança a pedra fundamental da nova capital - Goiânia.



Pr. fragmento publicado em Vargas.

Não se fala mais em intendentes, agora são chamados prefeitos e em Jangui segue uma página deles.

1930 - Nicanor Ferreira Rios

1933 - Elias da Fonseca

1934 - Antônio de Castro Ribeiro

1946 - Dixon Gomes Pereira da Silva (2 meses)

1946 - Peixoto da Silveira (6 meses)

1947 - Clotário de Freitas (alguns dias)

1948 - Antônio Bernardo Machado

1960 - Sílvio de Castro Ribeiro

1963 - Felicitoso do Espírito Santo

1968 - Sílvio de Castro Ribeiro

1972 - José de Melo

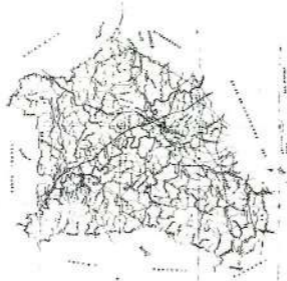
1976 - Tubertino Brálio de Freitas

1983 - Eugênio Alano Machado de Freitas

1989 - Paulo Antônio Góes Alves

1993 - Nêdio Leite de Assunção

1997 - Joviano Vieira Mattos



Jaraguá abrangia grande extensão de terra, o progresso foi chegando e seus distritos iam sendo emancipados, como Burro Preto (Petrolina), São Francisco das Chagas, Golanésia, Itaguara, Santa Rosa, Taquaral, Itaguari, Santa Isabel Uruama, Jesópolis, Rialma, Riandópolis. Todos formavam este grande município, restados ainda os distritos de Alvelândia, Vila Aparecida, Morne Castelo, Santa Bárbara, São Geraldo, Mirilândia, Arturilândia, Palestina e Cruzerrinho.

ACIDENTES GEOGRÁFICOS

O relevo: O mais alto e imponente é a Serra de Jaraguá, entre o Rio das Almas e o Rio Parí. Serra da Contagem, entre o Ribeirão Bom Jesus e o Rio Rosa Maria. Serra Potveira, perto de Mirilândia. Serra Itaimbé à direita da BR-080. Jaraguá-Golanésia, Serra Grande, à esquerda do Rio das Almas. Serra Fazendinha, à direita do Rio das Almas. Serra Borá, perto da foz do Rio dos Patos. Serra Bonifácia, à esquerda do Rio das Almas. Serra do Meinho e outras menos importantes. Os muros são: da Comenda, do Limoeiro, da Bocaina, da Estiva, Rehenita Rubicão, Pedra Preta, Cava, etc.

O planalto divisor de águas, separa as águas que correm para o sul do país das águas que correm para o norte e fica no sul de Jaraguá, onde hoje é município de Petrolina e São Francisco.

Hidrografia: O mais importante é o Rio das Almas que recebe todos os demais. Nasce na Serra do Pirineus, no município de Pirineópolis, corre de sul a norte e tem os seguintes afluentes à direita: Córrego Travessa, Taquaral, Bom Jesus, Rio Rosa Maria, Córrego Meinho, Ferrão, Sitinho, Formosa, Borrachado, Duas Águas, São João, Engenho, Arzeira, Ponte Seca, Fazendinha, das Lajes, Água Branca. À esquerda: Córrego João Gomes, Vermeilho, Rio Parí, Córrego Água Vermelha, Rio dos Patos, Córrego Pui D'Areia, Estiva 2, Fazenda e Rio Sucuri.

O Rio Sucuri que desceba todo contorno oeste do município, nasce na vizinha Iuberaí e desagua no Extremo norte do município. Recebe à direita os córregos: Bom Sucesso, Estaca, Amarílio, Contendas, Zeca Polaina, Pacifância, Barreiro, Rancho Grande, Mourão, Estiva, estes dois se unem antes; Água Branca, Vargem Grande, Riachinho, Botá, Vassourinha.

O Rio dos Patos, nasce no Morro da Arueira, também corre o município de sul a norte e recebe à direita, os córregos: Palmito, Ponte Alta, Socá, Lajeado, Engenho ou Cigano, Oliveira, Mirases, Urubi. À esquerda: Córrego Fundo, Bananal, Malícia, Cachoeira, dos Porcos, Água Limpá, S. Antônio e Gusariba (estes dois se juntam antes), Ribelinho, Mutuaçu que recebe antes os córregos Pires, Refeiro e Camarinha, Córrego Tijaco Preto e Buriti (estes dois se juntam antes).

Rio Pirí, corre de sul para norte, brenha todo o contorno sul-ocente da Serra de Jaraguá, e é formado por três cursos, o Lagoa Grande que nasce no Serra da Taboca, o Lagoinha e o Diamante que nascem no Planalto Divisor de Águas, Recebe à direita os córregos: Cachoeira, Grotá, Piracema, Iaraajá, Roseira, Marinho, São Jerônimo, Fundo, Prata, Chica. À esquerda: Guaritoba, Cacitana, Grande, Coutinhô, estes dois se juntam antes, Boa Vista, Pastoral, S. Antônio, Chua Brava, Forquilha, Vitalina.

O Rio do Peixe, nasce no Serra do Negro, no município de Pirenópolis corre de leste para norte pelo lado direito do Rio das Almas, e nele, bem ao norte faz sua foz, desceba a parte nordeste do contorno do município. À esquerda é formado pelos córregos: Bananeira, formado pelo Taboerna e Cumpo Alegre, Conceição, Água Fria, Turvo, Adão, Bálamo e Fundo.

O Rio Sarabiá, nasce no Morro do Limoeiro, corre de leste para oeste e desagua no Rio das Almas, recebe à direita os córregos: Gerundelha, Água Branca, Alegrete, Ribelirão Razzana (que pouco antes recebe o córrego João Vaz. À esquerda: Os Córregos Quebra Pau, Espigão, Água Fria.

O Rio Rosa Maria, nasce no município de Pirenópolis, corre



14 BOLA
 15 BOLA
 16 BOLA
 17 BOLA
 18 BOLA
 19 BOLA
 20 BOLA
 21 BOLA
 22 BOLA
 23 BOLA
 24 BOLA
 25 BOLA
 26 BOLA
 27 BOLA
 28 BOLA
 29 BOLA
 30 BOLA
 31 BOLA
 32 BOLA
 33 BOLA
 34 BOLA
 35 BOLA
 36 BOLA
 37 BOLA
 38 BOLA
 39 BOLA
 40 BOLA
 41 BOLA
 42 BOLA
 43 BOLA
 44 BOLA
 45 BOLA
 46 BOLA
 47 BOLA
 48 BOLA
 49 BOLA
 50 BOLA
 51 BOLA
 52 BOLA
 53 BOLA
 54 BOLA
 55 BOLA
 56 BOLA
 57 BOLA
 58 BOLA
 59 BOLA
 60 BOLA
 61 BOLA
 62 BOLA
 63 BOLA
 64 BOLA
 65 BOLA
 66 BOLA
 67 BOLA
 68 BOLA
 69 BOLA
 70 BOLA
 71 BOLA
 72 BOLA
 73 BOLA
 74 BOLA
 75 BOLA
 76 BOLA
 77 BOLA
 78 BOLA
 79 BOLA
 80 BOLA
 81 BOLA
 82 BOLA
 83 BOLA
 84 BOLA
 85 BOLA
 86 BOLA
 87 BOLA
 88 BOLA
 89 BOLA
 90 BOLA
 91 BOLA
 92 BOLA
 93 BOLA
 94 BOLA
 95 BOLA
 96 BOLA
 97 BOLA
 98 BOLA
 99 BOLA
 100 BOLA

101 BOLA
 102 BOLA
 103 BOLA
 104 BOLA
 105 BOLA
 106 BOLA
 107 BOLA
 108 BOLA
 109 BOLA
 110 BOLA
 111 BOLA
 112 BOLA
 113 BOLA
 114 BOLA
 115 BOLA
 116 BOLA
 117 BOLA
 118 BOLA
 119 BOLA
 120 BOLA
 121 BOLA
 122 BOLA
 123 BOLA
 124 BOLA
 125 BOLA
 126 BOLA
 127 BOLA
 128 BOLA
 129 BOLA
 130 BOLA
 131 BOLA
 132 BOLA
 133 BOLA
 134 BOLA
 135 BOLA
 136 BOLA
 137 BOLA
 138 BOLA
 139 BOLA
 140 BOLA
 141 BOLA
 142 BOLA
 143 BOLA
 144 BOLA
 145 BOLA
 146 BOLA
 147 BOLA
 148 BOLA
 149 BOLA
 150 BOLA
 151 BOLA
 152 BOLA
 153 BOLA
 154 BOLA
 155 BOLA
 156 BOLA
 157 BOLA
 158 BOLA
 159 BOLA
 160 BOLA
 161 BOLA
 162 BOLA
 163 BOLA
 164 BOLA
 165 BOLA
 166 BOLA
 167 BOLA
 168 BOLA
 169 BOLA
 170 BOLA
 171 BOLA
 172 BOLA
 173 BOLA
 174 BOLA
 175 BOLA
 176 BOLA
 177 BOLA
 178 BOLA
 179 BOLA
 180 BOLA
 181 BOLA
 182 BOLA
 183 BOLA
 184 BOLA
 185 BOLA
 186 BOLA
 187 BOLA
 188 BOLA
 189 BOLA
 190 BOLA
 191 BOLA
 192 BOLA
 193 BOLA
 194 BOLA
 195 BOLA
 196 BOLA
 197 BOLA
 198 BOLA
 199 BOLA
 200 BOLA

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
171	PRIMP	FRANCISCO S. LAMARCO	11	12	13	14	15	16	17	18	19
172	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
173	PRIMP	EDUARDO	11	12	13	14	15	16	17	18	19
174	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
175	PRIMP	ROSALEIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
176	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
177	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
178	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
179	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
180	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
181	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
182	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
183	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
184	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
185	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
186	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
187	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
188	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
189	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
190	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
191	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
192	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
193	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
194	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
195	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
196	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
197	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
198	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
199	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
200	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19

Segue o Itinerário do Mato Grosso para a parte do sul de trás da Serra entre o Rio Padre Souza e Rio Pari e as cachoeiras da Lagoinha que desce desde arraijal 7 léguas

Festa	Nome	De	Para	De Cuiabá	De Mato Grosso	De Mato Grosso
1	PRIMP	DE ALEXANDRE S. CARVALHO	42	C		
2	PRIMP	ELIZABETH DE ALBUQUERQUE	42	C		
3	PRIMP	ELIZABETH DE ALBUQUERQUE	42	C		
4	PRIMP	JOAQUINA ALVES DE CARVALHO	42	C		
5	PRIMP	MATE DE CARVALHO	42	C		
6	PRIMP	ANTONIO DE SOUSA	42	C		
7	PRIMP	ANTONIO DE SOUSA	42	C		
8	PRIMP	ANTONIO DE SOUSA	42	C		
9	PRIMP	ANTONIO DE SOUSA	42	C		
10	PRIMP	ANTONIO DE SOUSA	42	C		
11	PRIMP	ANTONIO DE SOUSA	42	C		
12	PRIMP	ANTONIO DE SOUSA	42	C		
13	PRIMP	ANTONIO DE SOUSA	42	C		
14	PRIMP	ANTONIO DE SOUSA	42	C		
15	PRIMP	ANTONIO DE SOUSA	42	C		
16	PRIMP	ANTONIO DE SOUSA	42	C		
17	PRIMP	ANTONIO DE SOUSA	42	C		
18	PRIMP	ANTONIO DE SOUSA	42	C		
19	PRIMP	ANTONIO DE SOUSA	42	C		
20	PRIMP	ANTONIO DE SOUSA	42	C		

171	PRIMP	FRANCISCO S. LAMARCO	11	12	13	14	15	16	17	18	19
172	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
173	PRIMP	EDUARDO	11	12	13	14	15	16	17	18	19
174	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
175	PRIMP	ROSALEIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
176	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
177	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
178	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
179	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
180	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
181	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
182	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
183	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
184	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
185	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
186	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
187	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
188	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
189	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
190	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
191	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
192	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
193	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
194	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
195	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
196	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
197	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
198	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
199	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19
200	PRIMP	ANTONIA	11	12	13	14	15	16	17	18	19

31	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
32	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
33	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
34	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
35	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
36	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
37	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
38	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
39	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
40	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
41	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
42	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
43	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
44	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
45	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
46	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
47	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
48	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
49	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
50	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
51	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
52	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
53	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
54	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
55	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
56	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
57	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
58	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
59	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
60	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
61	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
62	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
63	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
64	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
65	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
66	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
67	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
68	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
69	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
70	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
71	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
72	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
73	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
74	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
75	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
76	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
77	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
78	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
79	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
80	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
81	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
82	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
83	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
84	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
85	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
86	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
87	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
88	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
89	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
90	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
91	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
92	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
93	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
94	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
95	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
96	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
97	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
98	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
99	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14
100	FRAN	FRANCOIS	18	5	14	14

217	181	51	LEONOR DE OLIVERA	1	20	215	AGUIA	27
218	182	52	ALBA	1	21	216	BEIDA	28
219	183	53	JOSE CARLOS BARRA	1	22	217	ELIZABETH	29
220	184	54	VICTORIANO BUSTOZ	1	23	218	ERNESTO DA SILVA	30
221	185	55	MARTINIANO FERREIRA	1	24	219	ELIZABETH	31
222	186	56	JORGE SANCHEZ	1	25	220	MARCELO DOS SANTOS	32
223	187	57	JOSÉ MARIA	1	26	221	OSVALDO DE ALMEIDA	33
224	188	58	BERNARDETA	1	27	222	XOSÉ LUIZ DE PAZ	34
225	189	59	ROSÁ ELIZABETH DE CASPARI	1	28	223	MARCELO DOS SANTOS	35
226	190	60	ANGEL VIEIRA LOPES	1	29	224	OSVALDO DE ALMEIDA	36
227	191	61	ROBERTA	1	30	225	OSVALDO DE ALMEIDA	37
228	192	62	DELBERTIANA LEITE	1	31	226	VICENTA DEAN	38
229	193	63	AGUIA LEITE	1	32	227	ELIZABETH	39
230	194	64	ANTONIO DE OLIVEIRA	1	33	228	MARCELO DOS SANTOS	40
231	195	65	OSVALDO DE ALMEIDA	1	34	229	MARCELO DOS SANTOS	41
232	196	66	OSVALDO DE ALMEIDA	1	35	230	OSVALDO DE ALMEIDA	42
233	197	67	JORGE SANCHEZ	1	36	231	OSVALDO DE ALMEIDA	43
234	198	68	JORGE SANCHEZ	1	37	232	OSVALDO DE ALMEIDA	44
235	199	69	JORGE SANCHEZ	1	38	233	OSVALDO DE ALMEIDA	45
236	200	70	JORGE SANCHEZ	1	39	234	OSVALDO DE ALMEIDA	46
237	201	71	JORGE SANCHEZ	1	40	235	OSVALDO DE ALMEIDA	47
238	202	72	JORGE SANCHEZ	1	41	236	OSVALDO DE ALMEIDA	48
239	203	73	JORGE SANCHEZ	1	42	237	OSVALDO DE ALMEIDA	49
240	204	74	JORGE SANCHEZ	1	43	238	OSVALDO DE ALMEIDA	50
241	205	75	JORGE SANCHEZ	1	44	239	OSVALDO DE ALMEIDA	51
242	206	76	JORGE SANCHEZ	1	45	240	OSVALDO DE ALMEIDA	52
243	207	77	JORGE SANCHEZ	1	46	241	OSVALDO DE ALMEIDA	53
244	208	78	JORGE SANCHEZ	1	47	242	OSVALDO DE ALMEIDA	54
245	209	79	JORGE SANCHEZ	1	48	243	OSVALDO DE ALMEIDA	55
246	210	80	JORGE SANCHEZ	1	49	244	OSVALDO DE ALMEIDA	56
247	211	81	JORGE SANCHEZ	1	50	245	OSVALDO DE ALMEIDA	57
248	212	82	JORGE SANCHEZ	1	51	246	OSVALDO DE ALMEIDA	58
249	213	83	JORGE SANCHEZ	1	52	247	OSVALDO DE ALMEIDA	59
250	214	84	JORGE SANCHEZ	1	53	248	OSVALDO DE ALMEIDA	60
251	215	85	JORGE SANCHEZ	1	54	249	OSVALDO DE ALMEIDA	61
252	216	86	JORGE SANCHEZ	1	55	250	OSVALDO DE ALMEIDA	62
253	217	87	JORGE SANCHEZ	1	56	251	OSVALDO DE ALMEIDA	63
254	218	88	JORGE SANCHEZ	1	57	252	OSVALDO DE ALMEIDA	64
255	219	89	JORGE SANCHEZ	1	58	253	OSVALDO DE ALMEIDA	65
256	220	90	JORGE SANCHEZ	1	59	254	OSVALDO DE ALMEIDA	66
257	221	91	JORGE SANCHEZ	1	60	255	OSVALDO DE ALMEIDA	67
258	222	92	JORGE SANCHEZ	1	61	256	OSVALDO DE ALMEIDA	68
259	223	93	JORGE SANCHEZ	1	62	257	OSVALDO DE ALMEIDA	69
260	224	94	JORGE SANCHEZ	1	63	258	OSVALDO DE ALMEIDA	70
261	225	95	JORGE SANCHEZ	1	64	259	OSVALDO DE ALMEIDA	71
262	226	96	JORGE SANCHEZ	1	65	260	OSVALDO DE ALMEIDA	72
263	227	97	JORGE SANCHEZ	1	66	261	OSVALDO DE ALMEIDA	73
264	228	98	JORGE SANCHEZ	1	67	262	OSVALDO DE ALMEIDA	74
265	229	99	JORGE SANCHEZ	1	68	263	OSVALDO DE ALMEIDA	75
266	230	100	JORGE SANCHEZ	1	69	264	OSVALDO DE ALMEIDA	76
267	231	101	JORGE SANCHEZ	1	70	265	OSVALDO DE ALMEIDA	77
268	232	102	JORGE SANCHEZ	1	71	266	OSVALDO DE ALMEIDA	78
269	233	103	JORGE SANCHEZ	1	72	267	OSVALDO DE ALMEIDA	79
270	234	104	JORGE SANCHEZ	1	73	268	OSVALDO DE ALMEIDA	80
271	235	105	JORGE SANCHEZ	1	74	269	OSVALDO DE ALMEIDA	81
272	236	106	JORGE SANCHEZ	1	75	270	OSVALDO DE ALMEIDA	82
273	237	107	JORGE SANCHEZ	1	76	271	OSVALDO DE ALMEIDA	83
274	238	108	JORGE SANCHEZ	1	77	272	OSVALDO DE ALMEIDA	84
275	239	109	JORGE SANCHEZ	1	78	273	OSVALDO DE ALMEIDA	85
276	240	110	JORGE SANCHEZ	1	79	274	OSVALDO DE ALMEIDA	86
277	241	111	JORGE SANCHEZ	1	80	275	OSVALDO DE ALMEIDA	87
278	242	112	JORGE SANCHEZ	1	81	276	OSVALDO DE ALMEIDA	88
279	243	113	JORGE SANCHEZ	1	82	277	OSVALDO DE ALMEIDA	89
280	244	114	JORGE SANCHEZ	1	83	278	OSVALDO DE ALMEIDA	90
281	245	115	JORGE SANCHEZ	1	84	279	OSVALDO DE ALMEIDA	91
282	246	116	JORGE SANCHEZ	1	85	280	OSVALDO DE ALMEIDA	92
283	247	117	JORGE SANCHEZ	1	86	281	OSVALDO DE ALMEIDA	93
284	248	118	JORGE SANCHEZ	1	87	282	OSVALDO DE ALMEIDA	94
285	249	119	JORGE SANCHEZ	1	88	283	OSVALDO DE ALMEIDA	95
286	250	120	JORGE SANCHEZ	1	89	284	OSVALDO DE ALMEIDA	96
287	251	121	JORGE SANCHEZ	1	90	285	OSVALDO DE ALMEIDA	97
288	252	122	JORGE SANCHEZ	1	91	286	OSVALDO DE ALMEIDA	98
289	253	123	JORGE SANCHEZ	1	92	287	OSVALDO DE ALMEIDA	99
290	254	124	JORGE SANCHEZ	1	93	288	OSVALDO DE ALMEIDA	100
291	255	125	JORGE SANCHEZ	1	94	289	OSVALDO DE ALMEIDA	101
292	256	126	JORGE SANCHEZ	1	95	290	OSVALDO DE ALMEIDA	102
293	257	127	JORGE SANCHEZ	1	96	291	OSVALDO DE ALMEIDA	103
294	258	128	JORGE SANCHEZ	1	97	292	OSVALDO DE ALMEIDA	104
295	259	129	JORGE SANCHEZ	1	98	293	OSVALDO DE ALMEIDA	105
296	260	130	JORGE SANCHEZ	1	99	294	OSVALDO DE ALMEIDA	106
297	261	131	JORGE SANCHEZ	1	100	295	OSVALDO DE ALMEIDA	107
298	262	132	JORGE SANCHEZ	1	101	296	OSVALDO DE ALMEIDA	108
299	263	133	JORGE SANCHEZ	1	102	297	OSVALDO DE ALMEIDA	109
300	264	134	JORGE SANCHEZ	1	103	298	OSVALDO DE ALMEIDA	110
301	265	135	JORGE SANCHEZ	1	104	299	OSVALDO DE ALMEIDA	111
302	266	136	JORGE SANCHEZ	1	105	300	OSVALDO DE ALMEIDA	112
303	267	137	JORGE SANCHEZ	1	106	301	OSVALDO DE ALMEIDA	113
304	268	138	JORGE SANCHEZ	1	107	302	OSVALDO DE ALMEIDA	114
305	269	139	JORGE SANCHEZ	1	108	303	OSVALDO DE ALMEIDA	115
306	270	140	JORGE SANCHEZ	1	109	304	OSVALDO DE ALMEIDA	116
307	271	141	JORGE SANCHEZ	1	110	305	OSVALDO DE ALMEIDA	117
308	272	142	JORGE SANCHEZ	1	111	306	OSVALDO DE ALMEIDA	118
309	273	143	JORGE SANCHEZ	1	112	307	OSVALDO DE ALMEIDA	119
310	274	144	JORGE SANCHEZ	1	113	308	OSVALDO DE ALMEIDA	120
311	275	145	JORGE SANCHEZ	1	114	309	OSVALDO DE ALMEIDA	121
312	276	146	JORGE SANCHEZ	1	115	310	OSVALDO DE ALMEIDA	122
313	277	147	JORGE SANCHEZ	1	116	311	OSVALDO DE ALMEIDA	123
314	278	148	JORGE SANCHEZ	1	117	312	OSVALDO DE ALMEIDA	124
315	279	149	JORGE SANCHEZ	1	118	313	OSVALDO DE ALMEIDA	125
316	280	150	JORGE SANCHEZ	1	119	314	OSVALDO DE ALMEIDA	126
317	281	151	JORGE SANCHEZ	1	120	315	OSVALDO DE ALMEIDA	127
318	282	152	JORGE SANCHEZ	1	121	316	OSVALDO DE ALMEIDA	128
319	283	153	JORGE SANCHEZ	1	122	317	OSVALDO DE ALMEIDA	129
320	284	154	JORGE SANCHEZ	1	123	318	OSVALDO DE ALMEIDA	130
321	285	155	JORGE SANCHEZ	1	124	319	OSVALDO DE ALMEIDA	131
322	286	156	JORGE SANCHEZ	1	125	320	OSVALDO DE ALMEIDA	132
323	287	157	JORGE SANCHEZ	1	126	321	OSVALDO DE ALMEIDA	133
324	288	158	JORGE SANCHEZ	1	127	322	OSVALDO DE ALMEIDA	134
325	289	159	JORGE SANCHEZ	1	128	323	OSVALDO DE ALMEIDA	135
326	290	160	JORGE SANCHEZ	1	129	324	OSVALDO DE ALMEIDA	136
327	291	161	JORGE SANCHEZ	1	130	325	OSVALDO DE ALMEIDA	137
328	292	162	JORGE SANCHEZ	1	131	326	OSVALDO DE ALMEIDA	138
329	293	163	JORGE SANCHEZ	1	132	327	OSVALDO DE ALMEIDA	139
330	294	164	JORGE SANCHEZ	1	133	328	OSVALDO DE ALMEIDA	140
331	295	165	JORGE SANCHEZ	1	134	329	OSVALDO DE ALMEIDA	141
332	296	166	JORGE SANCHEZ	1	135	330	OSVALDO DE ALMEIDA	142
333	297	167	JORGE SANCHEZ	1	136	331	OSVALDO DE ALMEIDA	143
334	298	168	JORGE SANCHEZ	1	137	332	OSVALDO DE ALMEIDA	144
335	299	169	JORGE SANCHEZ	1	138	333	OSVALDO DE ALMEIDA	145
336	300	170	JORGE SANCHEZ	1	139	334	OSVALDO DE ALMEIDA	146
337	301	171	JORGE SANCHEZ	1	140	335	OSVALDO DE ALMEIDA	147
338	302	172	JORGE SANCHEZ	1	141	336	OSVALDO DE ALMEIDA	148
339	303	173	JORGE SANCHEZ	1	142	337	OSVALDO DE ALMEIDA	149
340	304	174	JORGE SANCHEZ	1	143	338	OSVALDO DE ALMEIDA	150
341	305	175	JORGE SANCHEZ	1	144	339	OSVALDO DE ALMEIDA	151
342	306	176	JORGE SANCHEZ	1	145	340	OSVALDO DE ALMEIDA	152
343	307	177	JORGE SANCHEZ	1	146	341	OSVALDO DE ALMEIDA	153
344	308	178	JORGE SANCHEZ	1	147	342	OSVALDO DE ALMEIDA	154
345	309	179	JORGE SANCHEZ	1	148	343	OSVALDO DE ALMEIDA	155
346	310	180	JORGE SANCHEZ	1	149	344	OSVALDO DE ALMEIDA	156
347	311	181	JORGE SANCHEZ	1	150	345	OSVALDO DE ALMEIDA	157
348	312	182	JORGE SANCHEZ	1	151	346	OSVALDO DE ALMEIDA	158
349	313	183	JORGE SANCHEZ	1	152	347	OSVALDO DE ALMEIDA	159
350	314	184	JORGE SANCHEZ	1	153	348	OSVALDO DE ALMEIDA	160
351	315	185	JORGE SANCHEZ	1	154	349	OSVALDO DE ALMEIDA	161
352	316	186	JORGE SANCHEZ	1	155	350	OSVALDO DE ALMEIDA	162
353	317	187	JORGE SANCHEZ	1	156	351	OSVALDO DE ALMEIDA	163
354	318	188	JORGE SANCHEZ	1	157	352	OSVALDO DE ALMEIDA	164
355	319	189	JORGE SANCHEZ	1	158	353	OSVALDO DE ALMEIDA	165
356	320	190	JORGE SANCHEZ	1	159	354	OSVALDO DE ALMEIDA	166
357	321	191	JORGE SANCHEZ	1	160	355	OSVALDO DE ALMEIDA	167
358	322	192	JORGE SANCHEZ	1	161	356	OSVALDO DE ALMEIDA	168
359	323	193	JORGE SANCHEZ	1	162	357	OSVALDO DE ALMEIDA	169
360	324	194	JORGE SANCHEZ	1	163	358	OSVALDO DE ALMEIDA	170
361	325	195	JORGE SANCHEZ	1	164	359	OSVALDO DE ALMEIDA	171
362	326	196	JORGE SANCHEZ	1	165	360	OSVALDO DE ALMEIDA	172
363	327	197	JORGE SANCHEZ	1	166	361	OSVALDO DE ALMEIDA	173
364	328	198	JORGE SANCHEZ	1	167	362	OSVALDO DE ALMEIDA	174
365	329	199	JORGE SANCHEZ	1	168	363	OSVALDO DE ALMEIDA	175
366	330	200	JORGE SANCHEZ	1	169	364	OSVALDO DE ALMEIDA	176
367	331	201	JORGE SANCHEZ	1	170	365	OSVALDO DE ALMEIDA	177
368	332	202	JORGE SANCHEZ	1	171	366	OSVALDO DE ALMEIDA	178
369	333	203	JORGE SANCHEZ	1	172	367	OSVALDO DE ALMEIDA	179
370	334	204						

424	424	REBO	4	4	469	REBO	4	4	469
425	425	MARCEL	4	4	470	MARCEL	4	4	470
426	426	ANTONIO	4	4	471	ANTONIO	4	4	471
427	427	PIRE FERREIRA FERREIRA	4	4	472	PIRE FERREIRA FERREIRA	4	4	472
428	428	ANA DA SILVA	4	4	473	ANA DA SILVA	4	4	473
429	429	ROSE	4	4	474	ROSE	4	4	474
430	430	MARLA	4	4	475	MARLA	4	4	475
431	431	ANTONIA TORRES	4	4	476	ANTONIA TORRES	4	4	476
432	432	ANA	4	4	477	ANA	4	4	477
433	433	ROSEMARY	4	4	478	ROSEMARY	4	4	478
434	434	ROSELYNE	4	4	479	ROSELYNE	4	4	479
435	435	LUCIANO RODRIGUES	4	4	480	LUCIANO RODRIGUES	4	4	480
436	436	ANTONIA FERREIRA	4	4	481	ANTONIA FERREIRA	4	4	481
437	437	ROSELYNE	4	4	482	ROSELYNE	4	4	482
438	438	ROSELYNE	4	4	483	ROSELYNE	4	4	483
439	439	ROSELYNE	4	4	484	ROSELYNE	4	4	484
440	440	ROSELYNE	4	4	485	ROSELYNE	4	4	485
441	441	ROSELYNE	4	4	486	ROSELYNE	4	4	486
442	442	ROSELYNE	4	4	487	ROSELYNE	4	4	487
443	443	ROSELYNE	4	4	488	ROSELYNE	4	4	488
444	444	ROSELYNE	4	4	489	ROSELYNE	4	4	489
445	445	ROSELYNE	4	4	490	ROSELYNE	4	4	490
446	446	ROSELYNE	4	4	491	ROSELYNE	4	4	491
447	447	ROSELYNE	4	4	492	ROSELYNE	4	4	492
448	448	ROSELYNE	4	4	493	ROSELYNE	4	4	493
449	449	ROSELYNE	4	4	494	ROSELYNE	4	4	494
450	450	ROSELYNE	4	4	495	ROSELYNE	4	4	495
451	451	ROSELYNE	4	4	496	ROSELYNE	4	4	496
452	452	ROSELYNE	4	4	497	ROSELYNE	4	4	497
453	453	ROSELYNE	4	4	498	ROSELYNE	4	4	498
454	454	ROSELYNE	4	4	499	ROSELYNE	4	4	499
455	455	ROSELYNE	4	4	500	ROSELYNE	4	4	500
456	456	ROSELYNE	4	4	501	ROSELYNE	4	4	501
457	457	ROSELYNE	4	4	502	ROSELYNE	4	4	502
458	458	ROSELYNE	4	4	503	ROSELYNE	4	4	503
459	459	ROSELYNE	4	4	504	ROSELYNE	4	4	504
460	460	ROSELYNE	4	4	505	ROSELYNE	4	4	505
461	461	ROSELYNE	4	4	506	ROSELYNE	4	4	506
462	462	ROSELYNE	4	4	507	ROSELYNE	4	4	507
463	463	ROSELYNE	4	4	508	ROSELYNE	4	4	508
464	464	ROSELYNE	4	4	509	ROSELYNE	4	4	509
465	465	ROSELYNE	4	4	510	ROSELYNE	4	4	510
466	466	ROSELYNE	4	4	511	ROSELYNE	4	4	511
467	467	ROSELYNE	4	4	512	ROSELYNE	4	4	512
468	468	ROSELYNE	4	4	513	ROSELYNE	4	4	513
469	469	ROSELYNE	4	4	514	ROSELYNE	4	4	514
470	470	ROSELYNE	4	4	515	ROSELYNE	4	4	515
471	471	ROSELYNE	4	4	516	ROSELYNE	4	4	516
472	472	ROSELYNE	4	4	517	ROSELYNE	4	4	517
473	473	ROSELYNE	4	4	518	ROSELYNE	4	4	518
474	474	ROSELYNE	4	4	519	ROSELYNE	4	4	519
475	475	ROSELYNE	4	4	520	ROSELYNE	4	4	520
476	476	ROSELYNE	4	4	521	ROSELYNE	4	4	521
477	477	ROSELYNE	4	4	522	ROSELYNE	4	4	522
478	478	ROSELYNE	4	4	523	ROSELYNE	4	4	523
479	479	ROSELYNE	4	4	524	ROSELYNE	4	4	524
480	480	ROSELYNE	4	4	525	ROSELYNE	4	4	525
481	481	ROSELYNE	4	4	526	ROSELYNE	4	4	526
482	482	ROSELYNE	4	4	527	ROSELYNE	4	4	527
483	483	ROSELYNE	4	4	528	ROSELYNE	4	4	528
484	484	ROSELYNE	4	4	529	ROSELYNE	4	4	529
485	485	ROSELYNE	4	4	530	ROSELYNE	4	4	530
486	486	ROSELYNE	4	4	531	ROSELYNE	4	4	531
487	487	ROSELYNE	4	4	532	ROSELYNE	4	4	532
488	488	ROSELYNE	4	4	533	ROSELYNE	4	4	533
489	489	ROSELYNE	4	4	534	ROSELYNE	4	4	534
490	490	ROSELYNE	4	4	535	ROSELYNE	4	4	535
491	491	ROSELYNE	4	4	536	ROSELYNE	4	4	536
492	492	ROSELYNE	4	4	537	ROSELYNE	4	4	537
493	493	ROSELYNE	4	4	538	ROSELYNE	4	4	538
494	494	ROSELYNE	4	4	539	ROSELYNE	4	4	539
495	495	ROSELYNE	4	4	540	ROSELYNE	4	4	540
496	496	ROSELYNE	4	4	541	ROSELYNE	4	4	541
497	497	ROSELYNE	4	4	542	ROSELYNE	4	4	542
498	498	ROSELYNE	4	4	543	ROSELYNE	4	4	543
499	499	ROSELYNE	4	4	544	ROSELYNE	4	4	544
500	500	ROSELYNE	4	4	545	ROSELYNE	4	4	545

867 ANA LUISA GARCIA BELLA
 868 ANA MARIA
 869 ANTONIO
 870 ANTONIO
 871 ANTONIO
 872 ANTONIO
 873 ANTONIO
 874 ANTONIO
 875 ANTONIO
 876 ANTONIO
 877 ANTONIO
 878 ANTONIO
 879 ANTONIO
 880 ANTONIO
 881 ANTONIO
 882 ANTONIO
 883 ANTONIO
 884 ANTONIO
 885 ANTONIO
 886 ANTONIO
 887 ANTONIO
 888 ANTONIO
 889 ANTONIO
 890 ANTONIO
 891 ANTONIO
 892 ANTONIO
 893 ANTONIO
 894 ANTONIO
 895 ANTONIO
 896 ANTONIO
 897 ANTONIO
 898 ANTONIO
 899 ANTONIO
 900 ANTONIO

901 ANTONIO
 902 ANTONIO
 903 ANTONIO
 904 ANTONIO
 905 ANTONIO
 906 ANTONIO
 907 ANTONIO
 908 ANTONIO
 909 ANTONIO
 910 ANTONIO
 911 ANTONIO
 912 ANTONIO
 913 ANTONIO
 914 ANTONIO
 915 ANTONIO
 916 ANTONIO
 917 ANTONIO
 918 ANTONIO
 919 ANTONIO
 920 ANTONIO
 921 ANTONIO
 922 ANTONIO
 923 ANTONIO
 924 ANTONIO
 925 ANTONIO
 926 ANTONIO
 927 ANTONIO
 928 ANTONIO
 929 ANTONIO
 930 ANTONIO

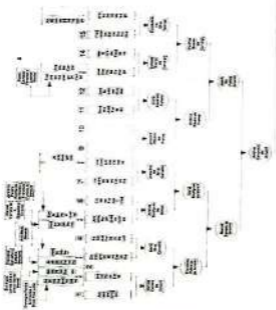
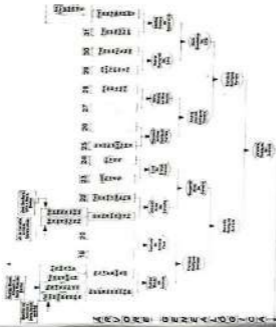
931 ANTONIO
 932 ANTONIO
 933 ANTONIO
 934 ANTONIO
 935 ANTONIO
 936 ANTONIO
 937 ANTONIO
 938 ANTONIO
 939 ANTONIO
 940 ANTONIO
 941 ANTONIO
 942 ANTONIO
 943 ANTONIO
 944 ANTONIO
 945 ANTONIO
 946 ANTONIO
 947 ANTONIO
 948 ANTONIO
 949 ANTONIO
 950 ANTONIO
 951 ANTONIO
 952 ANTONIO
 953 ANTONIO
 954 ANTONIO
 955 ANTONIO
 956 ANTONIO
 957 ANTONIO
 958 ANTONIO
 959 ANTONIO
 960 ANTONIO

961 ANTONIO
 962 ANTONIO
 963 ANTONIO
 964 ANTONIO
 965 ANTONIO
 966 ANTONIO
 967 ANTONIO
 968 ANTONIO
 969 ANTONIO
 970 ANTONIO
 971 ANTONIO
 972 ANTONIO
 973 ANTONIO
 974 ANTONIO
 975 ANTONIO
 976 ANTONIO
 977 ANTONIO
 978 ANTONIO
 979 ANTONIO
 980 ANTONIO
 981 ANTONIO
 982 ANTONIO
 983 ANTONIO
 984 ANTONIO
 985 ANTONIO
 986 ANTONIO
 987 ANTONIO
 988 ANTONIO
 989 ANTONIO
 990 ANTONIO

991 ANTONIO
 992 ANTONIO
 993 ANTONIO
 994 ANTONIO
 995 ANTONIO
 996 ANTONIO
 997 ANTONIO
 998 ANTONIO
 999 ANTONIO
 1000 ANTONIO

871 AGUIA	ESTREMA MADRILENA	10	50	1
872 AGUIA	BLANQUEZ DE VEA	18	49	2
873 AGUIA	UTRERO DE VEA	18	49	2
874 AGUIA	FRANCOSA COMEIA	18	47	2
875 AGUIA	FRANCOSA COMEIA	18	27	2
876 AGUIA	FRANCOSA COMEIA	18	27	2
877 AGUIA	FRANCOSA COMEIA	18	27	2
878 AGUIA	FRANCOSA COMEIA	18	27	2
879 AGUIA	FRANCOSA COMEIA	18	27	2
880 AGUIA	FRANCOSA COMEIA	18	27	2
881 AGUIA	FRANCOSA COMEIA	18	27	2
882 AGUIA	FRANCOSA COMEIA	18	27	2
883 AGUIA	FRANCOSA COMEIA	18	27	2
884 AGUIA	FRANCOSA COMEIA	18	27	2
885 AGUIA	FRANCOSA COMEIA	18	27	2
886 AGUIA	FRANCOSA COMEIA	18	27	2
887 AGUIA	FRANCOSA COMEIA	18	27	2
888 AGUIA	FRANCOSA COMEIA	18	27	2
889 AGUIA	FRANCOSA COMEIA	18	27	2
890 AGUIA	FRANCOSA COMEIA	18	27	2
891 AGUIA	FRANCOSA COMEIA	18	27	2
892 AGUIA	FRANCOSA COMEIA	18	27	2
893 AGUIA	FRANCOSA COMEIA	18	27	2
894 AGUIA	FRANCOSA COMEIA	18	27	2
895 AGUIA	FRANCOSA COMEIA	18	27	2
896 AGUIA	FRANCOSA COMEIA	18	27	2
897 AGUIA	FRANCOSA COMEIA	18	27	2
898 AGUIA	FRANCOSA COMEIA	18	27	2
899 AGUIA	FRANCOSA COMEIA	18	27	2
900 AGUIA	FRANCOSA COMEIA	18	27	2

Estas duas listas foram colocadas ao livro, apesar de serem extensas, devido ao seu valor histórico, à sua raridade e ao perigo de se perderem para sempre pois os originais já estão se desmanchando.



Este livro foi colocado aqui livre como usidade mas para servir a todos.
 Impressões que se fizeram para se vendi-las para a população, já que
 todos estes impressões foram encerradas nos registros porquanto não foram
 pagas.



1919 turma da escola de primeiras letras sob o professor em João de Brito



Primeira e remobiliz. para os alunos em 1920



Festival de São Francisco à Aracaju - 1920



Entrada do Imperador da Festa do Divino Pai Ezequiel, o Senhor Leite de São Mateus em meados 1940



Igreja de Conceição - 1942



Festa no Aspa, primeira metade do século vinte



Pade Angélio Garcia
Carfentis e seu pai que
veio da Espanha para
recolhe-lo. Forão que
demonstrava a avulga
Almirante e a d'outros no
clho por mais de 30
anos. Encerraron os
períodos, construiu a
segunda sacristia da
Igreja de Conceição e os
guardou ali. Em 1915



Francisco Pedro publico, *derrotado ao ensino*
grupo "Mortuo" Rebelo de
Freitas Machado, fundado em 1907, e foi
demolido para a construção de
escola no mesmo lugar com o mesmo nome



Planta antiga sobre a Rua das Flores, Iguaçu-Jaraguá e Pratiópolis



Esta caminho torce-se a Avenida Bernardo Spillo e substitui-se de nome
para Avenida Arcebispo Filipe Rubião de Freitas. Foi chamada do Senhor
Náclito de Moreira



Gravado dequidruccano em coostingão. 1947 e já sendo por ama Turusa de aditudo e uso de primeira sobre gonial. Derivado em 1973 por causa de intrinsecas politica



Arquitetura que transportava as organizações para a capital, nos momentos de nívelo vane. Ao fundo se vê a Igreja da Coostingão



Faixa livre. Mercado do nívelo vane



Rua Dez João Grande Benefício de Siquozona. Mercado do século vinte



Rua das Flores: primeira metade do século vinte





Rua Direita 1969



Comentário registrado a respeito
para a "revista" "Sociedade
Antônio Leão"

BIBLIOGRAFIA

- 1) MEMÓRIA GOIÁS - da Sociedade Goiana de Cultura e Curso de Cultura Goiana - Todos os volumes
- 2) FAMÍLIA PRIMA GOIÂNICA - Julia Zilber - Todos os volumes
- 3) GENEALOGIA PAULISTA - Luiz Otaviano da Silva Leite - Todos os volumes
- 4) ANAIS DA PROVÍNCIA DE GOIÁS - José Máximo Pereira de Almeida
- 5) FEA HISTÓRIA DE GOIÁS - Arquivo do Brasil
- 6) O SECTEUR DO GOIÁS EM GOIÁS - José Peixoto
- 7) HISTÓRIAS DAS BANDEIRAS PAULISTAS - Adolfo de E. Torresy
- 8) PRIMEIROS POUCACIÕES DO BRASIL - J. de Almeida Prado
- 9) COLÉTIOS DE BRONCOS PAULISTAS - Alfredo Ellis Jr
- 10) EXPANSÃO COLONIAL DO BRASIL COLONIAL - Baste de Magalhães
- 11) GOVERNOS PAULISTAS DO BRASIL COLONIAL - Baste de Magalhães
- 12) HISTÓRIA DA VIDA PRIVADA DO BRASIL - Fernando A. Novais
- 13) Arquivo do Estado em Goiânia em Goiás
- 14) Fatos contos, a sua história
- 15) GENEALOGIA BRASILEIRA - DA PROVÍNCIA DE GOIÁS - Raimundo José da Cunha Neto
- 16) NOME DO INTERIOR DO BRASIL - J. Emanuel Fial
- 17) NOME DAS NAÇÕES DO RIO SÃO FRANCISCO E PELA PROVÍNCIA DE GOIÁS - August Saint Hilaire
- 18) GOIÁS, COBRANÇA DO CAPITANIA DE GOIÁS - Luiz Antônio da Silva e Souza
- 19) HISTÓRIA DE GOIÁS - Zenoide Araújo
- 20) O INTERIO DO GOIÁS DOS MARTINOS - Manoel Rodrigues Pereira
- 21) A BANDEIRA DO ARIARQUEIRO A GOIÁS EM 1722 - Henrique Silva
- 22) Arquivo Nacional
- 23) Arquivo do Museu da Bandeira
- 24) Arquivo da Sociedade Goiana de Cultura
- 25) Foto aquarela pintada de Pezopólis e Jangade
- 26) Arquivo Fotográfico de Goiás
- 27) Arquivo paraguai de Rio de Janeiro
- 28) No caminho com a traqueia - Americana do Brasil,
a outra que a história do tempo era lá e agora

